

MISSÃO EDUCATIVA MARISTA
UM PROJETO PARA O NOSSO TEMPO

**Discípulos de Marcelino Champagnat,
Irmãos e Leigos, juntos na missão, na
Igreja e no mundo,
entre os jovens, especialmente entre os
mais abandonados,
somos semeadores da Boa-nova
com um estilo Marista próprio,
na instituição escolar e
em outras estruturas de educação,
olhamos para o futuro com audácia e
esperança.**

**Comissão Internacional de Educação Marista
(1995-1998)**

**MISSÃO EDUCATIVA MARISTA
UM PROJETO PARA O NOSSO TEMPO**

2ª edição

São Paulo, 2000

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Missão educativa marista : um projeto para nosso tempo / Comissão Interprovincial de Educação Marista (1995-1998); [tradução Manoel Alves, Ricardo Tescarolo] -- 2. ed. -- São Paulo : SIMAR, 2000.

Título original: In the footsteps of Marcellin Champagnat.

Bibliografia.

1. Champagnat, Marcelino, Santo, 1789-1840
2. Evangelização 3. Irmãos Maristas - Educação
- I. Comissão Internacional de Educação Marista (1995-1998)

00-2519

CDD-370.1

Título Original: In the Footsteps of Marcellin Champagnat – A Vision for Marist Education Today

Tradução: Ir. Manoel Alves, Ricardo Tescarolo

Revisão das notas: Joaquim Silveira

Revisão sintática: Ir. Virgilio Josué Balestro

Diagramação:

SIMAR - Secretariado Interprovincial Marista

Rua Cesário Ramalho, 288 - Cambuci

SÃO PAULO - SP - 01521-000

Telefone / FAX: (11) 270 5576

Correio eletrônico: simar@marista.org.br

SUMÁRIO

Comissão Internacional de Educação Marista (1995-1998)	6
Apresentação	7
Introdução	14
1. Discípulos de Marcelino Champagnat.	18
2. Irmãos e Leigos, juntos na missão, na Igreja e no mundo.	28
3. Entre os jovens, especialmente entre os mais abandonados.	36
4. Somos semeadores da Boa-nova.	41
5. Com um estilo Marista próprio	51
6. Na instituição escolar	60
7. Em outras estruturas de educação	71
8. Olhamos para o futuro com audácia e esperança.	83
Anexo 1 - Questões para reflexão e aprofundamento	87
Anexo 2 - Textos históricos e subsídios correspondentes às notas de rodapé	90
Anexo 3 - Índice temático	173
Bibliografia	183

Comissão Internacional de Educação Marista (1995-1998)

- Ir. Henri Vignau - Conselho Geral - Roma
- Ir. Jeffrey Crowe - Conselho Geral - Roma
 - Ir. Carlos Martinez Lavin - México
- Ir. Dominick Pujia - Estados Unidos
- Ir. Honoré Rakatonorivo - Madagascar
 - Ir. Manoel Alves - Brasil
- Ir. Manuel de Léon - Filipinas
- Ir. Mark Farrelly - Austrália
- Ir. Maurice Bergeret - França
- Ir. Miguel Cubeles - Espanha
- Prof. Alberto Libera - Bolívia
- Profa. Emma Casis - Filipinas

APRESENTAÇÃO

Com imensa alegria, apresento aos Irmãos e leigos, Educadores Maristas, o presente documento intitulado **MISSÃO EDUCATIVA MARISTA – Um projeto para o nosso tempo**. Este é “um documento oficial do Conselho Geral para orientar a Missão Educativa do Instituto em resposta ao mandato do XIX Capítulo Geral de 1993”. Ele integrará a agenda do próximo Capítulo Geral, para ver que aprimoramentos ou adaptações serão necessárias e decidir se é oportuno considerá-lo um documento oficial do Instituto.

Agradecimentos

Meu primeiro pensamento, ao escrever esta apresentação, é de gratidão a todos os Educadores Maristas, cujo amor pelas crianças e jovens e cuja dedicação à sua Missão Educativa lhes têm permitido não somente prolongar o espírito que herdamos de Marcelino Champagnat, mas também enriquecê-lo durante 181 anos de nossa história marista. É evidente que estou pensando, de maneira especial, naqueles Irmãos que tiveram de lidar com mudanças educacionais e socioculturais e foram bastante criativos para dar respostas específicas às necessidades que surgiam. De modo particular, gostaria de agradecer a todos aqueles que, ao longo de nossa história, têm buscado manter viva a finalidade fundacional de Marcelino Champagnat: oferecer uma educação a todos aqueles privados da oportunidade de adquiri-la ou marginalizados pela sociedade.

Agradeço sincera e especialmente àqueles Irmãos que, animados de espírito apostólico, mesmo quando sua idade ou saúde os impedia de prosseguir, com todo o vigor, o trabalho que realizaram ao longo de suas próprias vidas, foram capazes de descobrir novas maneiras de presença e novas tarefas que

poderiam executar no ministério apostólico da educação, dentro ou fora do sistema escolar.

Expressando o meu agradecimento, não poderia esquecer aqueles leigos e leigas que, durante estas recentes décadas, se têm engajado na educação inserida no contexto da ação marista. Penso neles especialmente por seu entusiasmo e amor pela obra educacional de Marcelino Champagnat. Confiança mútua entre Irmãos e leigos maristas tem facilitado descobrir os dons de cada um e trabalhar numa ação educacional conjunta, baseada na complementaridade de nossas vocações. A experiência de “parceria na Missão” que estamos habitualmente vivendo juntos, Irmãos e leigos, impulsionou a iniciativa deste documento e foi a fonte de inspiração para a sua redação.

A Comissão Internacional

O Conselho Geral confiou a elaboração deste documento a uma comissão internacional composta de Irmãos e leigos. Tenho consciência de que eles dedicaram muito tempo a isso, promovendo consultas em todo o Instituto, vivendo momentos de busca e certo grau de frustração motivada pela complexidade que este tema tem em si, e pela multiplicidade de realidades vividas no Instituto no que concerne à sua Missão Educativa, realidades que nem sempre podem ser igualadas umas às outras.

Gostaria de mencionar nominalmente os membros da comissão, como meio de agradecer e congratular-me com eles pelo serviço que nos prestaram e pelo amor que colocaram na realização da tarefa que lhes foi confiada. São eles: Irmão Jeffrey Crowe (Conselheiro Geral), Irmão Henri Vignau (Conselheiro Geral), Irmão Carlos Martínez Lavin (México), Irmão Dominick Pujia (EUA), Irmão Manoel Alves (Brasil), Irmão Honoré Rakatonorivo (Madagascar), Irmão Manuel de León (Filipinas), Irmão Mark Farrelly (Austrália), Irmão Maurice Bergeret (França), Irmão Miguel Cubeles (Espanha), Prof. Alberto Libera (Bolívia) e Profa. Emma Casis (Filipinas).

As etapas da caminhada

Começando com os anos logo após o Concílio Vaticano II, o Instituto Marista teve de confrontar-se com novas situações que o afetaram em vários níveis.

Na primeira etapa, foi necessário que os Irmãos, em atitude de escuta do mundo e da Igreja, reestudassem as origens do Instituto e as intuições fundacionais de Marcelino Champagnat, avaliando, assim, a nossa trajetória através da história, formulando novamente a nossa identidade e, a partir daí, a nossa atual Missão de Evangelização, de maneira coerente com a inspiração que deu origem ao Instituto. Tudo isso foi maravilhosamente expresso nas Constituições do Instituto, texto fundamental para os Irmãos, aprovadas pela Santa Sé, em 1986.

Vou citar, das Constituições, quatro artigos que podem ajudar-nos a melhor situar a Missão do Instituto Marista e o documento que ora apresento. Por favor, tenham consciência de que estou transcrevendo apenas algumas partes de cada artigo.

Marcelino Champagnat “fundou o nosso Instituto para a educação cristã dos jovens, particularmente os mais necessitados”. (artigo 2)

“Suscitado pelo Espírito Santo, o nosso Instituto é enviado pela Igreja. Continuando o Padre Champagnat, evangeliza, sobretudo educando os jovens, particularmente os mais abandonados.” (artigo 80)

“Trabalhando em instituições escolares ou em outras estruturas de educação, consagramo-nos a serviço da pessoa humana, por amor ao Reino.” (artigo 85)

“Partilhamos a nossa espiritualidade e nossa pedagogia com os pais, professores e outros membros da comunidade educativa.” (artigo 88)

Ulteriormente, os Capítulos Gerais promoveram a renovação do Instituto, considerando as mudanças mais significativas que ocorreram nas nossas sociedades e os vários campos nos quais realizamos a nossa Missão Educativa. Deixe-me mencionar algumas mudanças, à guisa de exemplo:

A mudança de mentalidade de estruturas, levando-nos da “escola dos Irmãos” para a “escola marista”, incluindo aqui Irmãos e leigos, caracteriza uma escola baseada na “parceria na Missão”, na qual Irmãos e educadores leigos são indistintamente chamados a assumir responsabilidades de animação e/ou administração.

O impacto das mudanças culturais que ocorrem em nosso mundo sobre a educação, que afetam os seres humanos em todas as suas dimensões, com ênfase especificamente na cultura orientada para os jovens, e as mudanças sociais e políticas daqueles países, onde o Instituto está presente.

No passado recente, crianças e jovens eram, em certo sentido, “sujeitos passivos” da educação. Eles iam à escola para receber orientações, valores, formação religiosa e conhecimentos que os preparariam para a vida. E tudo isso enfatizava certos aspectos da organização escolar e a maneira de agir das pessoas que se dedicavam à educação. Hoje, novos conceitos de educação e relações interpessoais requerem dos educadores um especial talento para penetrar no mundo dos jovens, caminhar ao lado deles como seus amigos, motivá-los e acompanhá-los enquanto buscam pessoalmente realizar aquilo a que são chamados.

Acrescentarei um quarto aspecto: a pluralidade educacional que existe no Instituto. O fato de

estarmos presentes em quase 80 países implica diversidade no planejamento educacional, idiossincrasias locais, conviver ecumenicamente com outras religiões, enfrentar intolerância ou exclusão religiosa, liberdade para desenvolver o currículo, financiamento público para a educação. Além disso, os Irmãos, algumas vezes, animam ou administram escolas diocesanas que possuem seus próprios programas educacionais.

Tudo isso com conseqüências para a Missão Educativa Marista, tendo-nos talvez faltado criatividade para promover iniciativas que nos permitiriam estar com as crianças e os jovens em “novos contextos culturais” nos quais eles vivem. Temos estado, algumas vezes, muito passivos diante da discriminação ou da falta de assistência financeira de certos governos em relação à Escola Católica, e em alguns lugares apoiamos escolas que atendem primeiramente estudantes da classe média e oriundos de famílias economicamente estáveis.

Além disso, nesses países, abandonamos talvez a iniciativa de desenvolver, com ajuda vinda da sociedade, outras possibilidades, favorecendo a criação de novas formas de presença na pastoral da educação para estudantes que carecem de recursos ou que estão à margem da sociedade.

Momento histórico

A diversidade de países, culturas e sistemas educacionais nos quais o Instituto Marista está presente têm-nos conduzido a uma maior descentralização. Apesar disso, é possível identificar os elementos fundamentais que caracterizam o nosso estilo de educação. A Comissão que elaborou o documento com o título “A Missão Educativa Marista – um projeto para o nosso tempo” tentou dar relevo à atualidade do documento, o qual fornece instrumentos que ajudarão Irmãos e leigos a discernir a nossa Missão em fidelidade ao carisma herdado de Marcelino Champagnat e, a partir desse mesmo ponto de vista, avaliar os frutos humanos e

evangélicos das nossas ações educacionais, transformando-as ou transferindo-as, se for necessário.

O documento convida-nos a olhar para o futuro com audácia e esperança, mas sugere algumas orientações para guiar-nos ao longo desta caminhada. Reafirma o importante papel realizado pela escola, mas também nos convida a empreender novos projetos educacionais, dentro ou fora do sistema escolar, sempre considerando a nossa preferência pelos estudantes menos favorecidos, os desafios com que os jovens devem confrontar-se, a presença e proximidade devidas a eles, porque, em nossos dias, nós, educadores, “devemos ouvir, questionar, investigar, rezar e olhar para o nosso mundo através dos olhos da juventude”.

Sublinho o convite para abrir-nos para a solidariedade universal, buscando maneiras de colaborar com outros grupos, sejam eclesiais, humanitários ou governamentais, ou com organizações mais diretamente envolvidas com a dignidade e os direitos da criança.

Caminhemos juntos, Irmãos e Leigos.

Nas visitas que faço às Províncias, tenho encontros com vários grupos de leigos nas nossas escolas. Em uma ocasião, fiquei agradavelmente surpreso pelo modo como um grupo se expressou a seu respeito: *“Em nossa Província, estamos fazendo isto ou aquilo..., temos implantado um programa..., quando o nosso Irmão Provincial nos visita...”*. Os Irmãos do Conselho Geral têm tido experiências similares. Quando as pessoas falam dessa maneira, eu não necessito perguntar se elas se sentem parte da Família Marista e se Marcelino Champagnat ocupa um lugar importante no seu comprometimento na educação cristã. Esta maneira de falar permite-me considerá-los como meus Irmãos e Irmãs Maristas Leigos com os quais posso abertamente partilhar as alegrias, as limitações e as esperanças que vivemos no Instituto Marista.

Espero que este documento nos ajude a caminhar juntos, Irmãos e leigos. Seguramente, necessitamos de um

pouquinho de paciência e habilidade para superar os erros que podemos cometer, porque todos nós temos de aprender como realizar a nossa “parceria na Missão”, para que ela desabroche. Sobretudo, podemos ajudar-nos uns aos outros, para crescermos no espírito educativo que herdamos de Marcelino Champagnat. A sua canonização oferece-nos oportunidade para ler e absorver profundamente as páginas que seguem.

Desejo, por fim, expressar o meu reconhecimento e a minha gratidão em nome dos Irmãos do Conselho Geral e deixar a minha cordial saudação para vocês todos.

Roma, 15 de agosto de 1998.

Ir. Benito Arbués, fms
Superior Geral

INTRODUÇÃO

Cada um de nós tem sua própria experiência do que é ser educador marista, segundo a tradição de Marcelino Champagnat. Cada país onde estamos presentes possui a sua própria história marista. Como família religiosa de expressão internacional, temos também uma trajetória e uma tradição. Quando o Capítulo Geral dos Irmãos Maristas de 1993 solicitou a elaboração deste texto, sentia que era tempo de apresentar uma expressão renovada da nossa herança educativa comum e de indicar novas maneiras de viver o carisma de Marcelino Champagnat, na aurora do século XXI.

Temos consciência de que recebemos um dom precioso, na pessoa de Marcelino Champagnat e suas intuições educacionais, bem como nas gerações de Educadores Maristas que o sucederam. Desejamos ser criativa e dinamicamente fiéis a essa herança. O clamor atual dos jovens e das crianças é tão urgente quanto nos tempos de Marcelino Champagnat. Eles exigem novas respostas. A motivação deste documento brota do desejo de resgatar as nossas raízes, reavivar a paixão e as perspectivas da Missão junto aos jovens do nosso tempo.

Ao desenvolver uma abordagem atualizada para o Projeto Educativo Marista, seguimos o exemplo de gerações que nos precederam. Em 1853, os Irmãos publicaram “Le Guide des Écoles”, texto-síntese educativo, fruto das suas reflexões e experiências sobre as intuições e orientações de Marcelino Champagnat. Eles constataram a necessidade de um texto de referência, fonte de inspiração e de unidade na ação. Os Capítulos Gerais seguintes promoveram a revisão desse documento, à luz da multiplicidade de situações e de sistemas educativos, bem como de novas abordagens educativas. Foi sobretudo após o Concílio Vaticano II que os sucessivos Capítulos Gerais promoveram profunda reflexão

sobre o nosso apostolado marista e publicaram documentos e orientações que conservam ainda o seu valor.

O documento ora apresentado adota conscientemente um enfoque distinto, considerando a nossa realidade internacional, as abordagens contemporâneas sobre educação e o pensamento da Igreja. Muitas Províncias produziram as suas próprias sínteses sobre o núcleo constitutivo da Educação Marista. Sentimos, contudo, a necessidade de um posicionamento mais universal e unificador em relação à visão fundacional e aos seus princípios. Este documento incorpora a riqueza de tal universalidade, mas igualmente suas limitações, considerando a impossibilidade de aprofundar questões urgentes e prioritárias que surgem nos diferentes contextos. Por se tratar de um posicionamento em face do Projeto Educativo Marista, não pretende constituir um tratado pedagógico nem manual de espiritualidade marista.

Encontraremos aqui uma mudança significativa em relação aos anteriores documentos maristas: o “nós” empregado se refere tanto aos Irmãos quanto aos leigos, que são os Educadores Maristas de hoje. Deste modo, queremos reconhecer o crescente número de leigos que levam avante o projeto iniciado por Marcelino Champagnat e a importância de sua participação na reflexão sobre a Missão Marista. Aliás, o próprio documento é fruto de um processo de consulta realizado em 75 países sob a coordenação de uma Comissão Internacional de Irmãos e Leigos.

De igual modo, o âmbito da Educação Marista ultrapassou as fronteiras da educação escolar formal, concretizando-se em outras obras, estruturas e ações educacionais de natureza pastoral e social. Os termos “educação” e “educador” são aqui empregados no sentido mais amplo possível. A origem de tal diversidade se encontra no aprofundamento do ideal original de Marcelino Champagnat e no desejo de dar uma resposta às situações de profundas mudanças no mundo das crianças e dos jovens.

O texto reflete, de modo particular, tanto a realidade contemporânea como o desafio permanente da nossa Missão de evangelizar as crianças e os jovens, e da nossa prioridade de trabalhar com os menos favorecidos. Os Capítulos Gerais e Provinciais e as Assembléias de Educadores Maristas reafirmam, com convicção, que a criatividade em dimensões tão fundamentais é inerente à nossa fidelidade de discípulos de Marcelino Champagnat.

O documento pode ser dividido em três partes: a primeira (capítulos 1 e 2) apresenta a pessoa de Marcelino Champagnat e lança um convite a todos nós, seus seguidores, para crescermos no sentido de parceria na Missão; a segunda (capítulos 3, 4 e 5) recolhe os elementos centrais da nossa Missão dirigida aos jovens e às crianças a quem queremos servir, especialmente os menos favorecidos, o ideal de evangelizar pela educação e o nosso jeito marista de fazê-lo; a terceira mostra como aplicamos o nosso ideal na nossa ação em instituições escolares (capítulo 6) e em outras estruturas de educação (capítulo 7).

Para facilitar a leitura do texto, algumas palavras ou frases foram destacadas, em negrito, em cada parágrafo. Além das referências, com o intuito de permitir o aprofundamento de temas essenciais, apresentamos, no final deste documento, um conjunto importante de textos históricos e subsídios, extraídos, na sua maioria, de escritos maristas das nossas origens, bem como de outros documentos do Instituto Marista e da Igreja, além das Sagradas Escrituras.¹

Procuramos evitar a repetição de idéias. Elaboramos cada parte dos dois últimos capítulos para que sejam suficientemente completas em seu conteúdo. Assim, poderão ser lidas e compreendidas, na sua totalidade, como concretização da nossa Missão.

¹ Afora o Relatório para a UNESCO sobre Educação para o Século XXI, *Educação: um tesouro a descobrir*, que oferece um painel contemporâneo e universal sobre o planejamento educacional.

Flexionamos os verbos no presente do indicativo para expressar o ideal que nos propomos. Não temos a pretensão de descrever a realidade das nossas atitudes e da nossa ação em todos e em cada um dos continentes. Nesse sentido, o documento formula conscientemente uma “utopia”, apresentando perspectivas e sugerindo novos caminhos. Convidamos todos a servirem-se deste documento para a reflexão pessoal, a deixarem-se interpelar pelos desafios, e a utilizá-lo em âmbito local e regional como estímulo do planejamento e da avaliação dos seus projetos.

Agradecemos sinceramente a todos aqueles do mundo marista que, de alguma forma, contribuíram na elaboração deste documento, durante as consultas realizadas.

Que ele permita estreitar os nossos laços, como Família Marista, em todo o mundo e nos ajude a ser outros Marcelino Champagnat para os jovens de nossos países e continentes.

Roma, 2 de janeiro de 1998.

A Comissão Internacional de Educação Marista

1. DISCÍPULOS DE MARCELINO CHAMPAGNAT

1. Marcelino Champagnat é a **fonte e a raiz que dão vida** à Educação Marista. Os tempos e as circunstâncias mudam, mas a sua visão e a sua dinâmica espiritual vivem nos nossos corações. Deus o escolheu para levar a esperança e a mensagem de amor de Jesus para as crianças e os jovens da França do seu tempo. É também Deus quem nos inspira a fazer o mesmo, onde vivemos hoje.

Um homem fiel a Deus em uma época de crise

2. Durante o período de vida de Marcelino Champagnat (1789 - 1840), a Europa foi o cenário de grande agitação cultural, política e econômica, **um tempo de profunda crise na sociedade e na Igreja**. Foi esse o contexto em que ele nasceu, cresceu e foi educado, o contexto em que amadureceu o projeto de fundar o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, conhecidos como Irmãos Maristas.

Infância e juventude

Marlhes (1789-1805)

3. Marlhes², o povoado onde Marcelino Champagnat nasceu, era um lugar onde reinavam o atraso e a ignorância, de pobreza cultural dramática. A maioria dos jovens e adultos era praticamente analfabetos. Durante a sua infância, contudo, havia um movimento de mudança. Os ideais de progresso social e de solidariedade, oriundos da **Revolução Francesa**, tomavam conta do país, causando impacto mesmo nos lugares isolados e distantes. De fato, durante certo tempo, seu pai desempenhou localmente um papel importante nesse movimento social.

² Cidade nas montanhas de Forez, cerca de 35 quilômetros ao sul de l'Hermitage, próximo a Saint-Etienne, na França.

4. A personalidade de Marcelino Champagnat recebeu influência principalmente de três pessoas do seu círculo familiar: o pai, homem empreendedor, inteligente e trabalhador, contribuiu para a sua formação como um **futuro cidadão**; a mãe e a tia serviram de modelos e guias para fortalecer os seus primeiros passos como **cristão**, no aprofundamento da sua fé, da sua vida de oração e no despertar da sua devoção marial.
5. A **formação intelectual do jovem Marcelino Champagnat** mostrou-se muito árdua, pela ausência de mestres competentes. De fato, ele se recusou a voltar a freqüentar a escola local, depois de testemunhar, no primeiro dia de aula, a atitude violenta do professor contra um aluno³; voltando a dedicar-se exclusivamente às suas tarefas na propriedade da família. Era um adolescente praticamente analfabeto quando, generosamente, respondeu ao chamado de Deus para ser sacerdote. O que lhe faltava nos estudos, contudo, compensava com grande bom senso, sólida piedade, força de caráter, habilidade manual e prática, e inquebrantável determinação⁴.

Seminário (1813-1816)

6. Marcelino Champagnat freqüentou o seminário menor em **Verrières**, de 1805 a 1813; ali sua vocação soube superar tentações de acomodação e desânimo. Ingressou, então, no seminário maior em Lião, para receber formação espiritual e religiosa de sacerdotes que haviam sofrido durante a Revolução Francesa e também com as suas conseqüências. Durante esses tempos conturbados, essa cidade, antigo centro de espiritualidade marial, tornou-se

³ Jean-Baptiste FURET. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*, p. 5-6. Esta biografia foi escrita em 1856 pelo Irmão João Batista, um dos primeiros discípulos de Marcelino Champagnat.

⁴ *Vida*, p. 11-12.

berço de novas e numerosas iniciativas missionárias e apostólicas.

7. Foi nessa terra cristã e mariana que a idéia da **Sociedade de Maria** germinou, concebida e desenvolvida por um grupo de seminaristas do qual Marcelino Champagnat fazia parte⁵. Desde o início, expressou a sua convicção de que a Sociedade deveria incluir **Irmãos Educadores** para trabalhar com as crianças da zona rural, desprovidas da oportunidade de uma educação cristã, e das quais ninguém se ocupava⁶.

Período de fundação

La Valla (1816-1825)

8. Depois da sua ordenação sacerdotal, em 22 de julho de 1816, Marcelino Champagnat foi nomeado vigário de La Valla. O **isolamento e a pobreza cultural** do povo dessa região rural montanhosa imediatamente o impressionaram.⁷ Em todo o país, emergia uma sociedade burguesa, liberal e comprometida com os seus interesses, preocupada em criar uma elite capaz de fornecer lideranças militares, políticas e econômicas. Mesmo na Igreja, havia pouco interesse pelo cuidado pastoral das crianças e dos jovens do campo. Além disso, o magistério estava de tal modo desprestigiado e mal remunerado, que atraía apenas candidatos cuja competência e caráter deixavam muito a desejar.
9. Em fins de outubro de 1816, Marcelino Champagnat foi chamado à cabeceira do jovem **Jean Baptiste Montagne**, que, na idade de 17 anos, morria sem jamais ter ouvido falar de Deus. Nos olhos daquele rapaz, vislumbrou o

⁵ *Vida*, p. 27-28.

⁶ Cf. Marcelino CHAMPAGNAT. *Cartas*. São Paulo, SIMAR, 1997. Carta 159.

⁷ Cf. *Lettres de Marcellin J. B. Champagnat (1789-1840) Fondateur de l'Institut des Frères Maristes*. Rome, Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 1985. p. 3-16. (Esta introdução não consta na edição brasileira).

clamor de milhares de crianças e jovens que, como ele, eram vítimas de trágica miséria humana e espiritual. Esse acontecimento moveu-o à ação.⁸

10. No dia 2 de janeiro de 1817, Marcelino Champagnat reuniu seus dois primeiros discípulos. Logo, outros se uniram ao grupo. **La Valla tornou-se, assim, o berço dos Irmãos Maristas.** Uma maravilhosa aventura espiritual e educacional se iniciava na pobreza humana e na confiança em Deus e em Maria.
11. **Os primeiros Irmãos eram jovens camponeses;** a maioria, entre 15 e 18 anos de idade, acostumados mais ao trabalho árduo do campo do que à contemplação, à reflexão intelectual e ao trabalho com crianças e outros jovens: Jean Marie Granjon (Ir. João Maria), Jean Baptiste Audras (Ir. Luís), Jean Claude Audras (Ir. Lourenço), Antoine Couturier (Ir. Antônio), Barthélemy Badard (Ir. Bartolomeu), Gabriel Rivat (Ir. Francisco) e Jean Baptiste Furet (Ir. João Batista).
12. Marcelino Champagnat **impregnou** esses jovens com o seu zelo apostólico e educacional. Viveu entre eles e como um deles. Ensinou-lhes a leitura, a escrita e aritmética, a rezar e a viver o Evangelho no cotidiano, e a serem mestres e religiosos educadores.
13. Em pouco tempo, **enviou-os** aos lugarejos mais afastados da sua paróquia, para **ensinar às crianças** e, às vezes também aos adultos os rudimentos da religião, da leitura e da escrita. Entre 1817 e 1824, iniciou uma escola primária em La Valla, utilizando-a como centro de formação docente para os seus jovens Irmãos, aproveitando-se a ocasião para a experiência e a prática.⁹

⁸ *Vida*, p. 56-57.

⁹ *Vida*, p. 68-69.

L'Hermitage (1825-1840)

14. A pequena comunidade havia crescido e Marcelino Champagnat construiu, entre 1824 e 1825, uma grande **casa de formação**, em um vale perto da cidade de Saint Chamond. Denominada *Notre Dame de L'Hermitage*, era, ao mesmo tempo, para os Irmãos, mosteiro e centro de formação docente.
15. Aproveitando, ao máximo, as possibilidades, e de acordo com as exigências legais do momento, Marcelino Champagnat oferecia aos seus discípulos uma **formação humana e espiritual**, tanto inicial quanto continuada, dando ênfase especial ao aperfeiçoamento dos conhecimentos intelectuais e das habilidades docentes. *L'Hermitage*, por isso, pode ser considerado o espaço de aprimoramento da pedagogia marista, dos seus princípios e das suas práticas.
16. Progressivamente, *L'Hermitage* torna-se também o centro de uma **rede de escolas primárias**, cada vez mais numerosa e mais bem organizada. Marcelino Champagnat e os Irmãos optaram por **cobrar o menor pagamento para a manutenção das escolas** e, conseqüentemente, levar uma **vida austera**.¹⁰ A primeira edição impressa da *Règle de Vie des Petits Frères de Marie* (1837) estruturou a sua vida de comunidade religiosa e a sua atividade educativa.
17. *L'Hermitage* torna-se também o centro da **atividade missionária** do Instituto, iniciada em 1836, quando três Irmãos partem para a Oceânia, com um grupo de Padres Maristas.¹¹ O próprio Marcelino Champagnat escreveu a um bispo que lhe solicitava Irmãos: *“Todas as dioceses do mundo estão em nossos planos”*.¹²

¹⁰ *Cartas*, 113, 171, 173, 319; *Prospectus* 1824 A; cf. *Cartas*, 8, 9, 35, 39.

¹¹ *Vida*, p. 192.

¹² *Cartas*, 112.

Um educador para o nosso tempo

Um homem prático e inovador

18. Desde jovem, Marcelino Champagnat demonstrou a sua capacidade de **empreender e prever**. Olhando para o seu futuro como camponês, interessa-se pela criação e venda de carneiros.¹³ Contudo, tão logo sentiu o chamado de Deus, redirecionou o seu entusiasmo e a sua energia na preparação da sua missão como sacerdote.
19. Próximo do seu povo e consciente das suas desvantagens em face de um mundo em transformação, ele **ousou imaginar** outras possibilidades, além das contempladas pelos homens de Igreja e governantes do seu tempo sua **determinação e dinamismo** levaram-no a reunir seguidores, para fundar uma nova comunidade religiosa, apenas seis meses após a sua ordenação. A fonte da sua energia apostólica era a sua inabalável **confiança em Deus e em Maria**.
20. Ele também era **realista e pragmático**. Para estabelecer a obra dos Irmãos, não hesitou em ser empreendedor, comprando terras e casas, construindo, reformando e ampliando edifícios, para adequá-los à vida da comunidade religiosa e à formação.¹⁴ Tinha igualmente um senso prático para resolver problemas, como se pode constatar, por exemplo, nos seus esforços para a obtenção do reconhecimento oficial para o seu Instituto e de uma solução para o problema do alistamento militar obrigatório de seus Irmãos jovens.
21. A chave do sucesso de sua liderança era a sua **habilidade em relacionar-se e comunicar-se com os outros**. A sua personalidade e o seu projeto conquistaram as crianças e os jovens, tendo o dom de despertar-lhes as suas melhores

¹³ *Vida*, p. 7.

¹⁴ *Vida*, p. 98, 116, 118, 119; *Cartas*, 109.

qualidades, tornando-os os melhores embaixadores da sua obra. Além disso, pela sua correspondência e apelos às autoridades eclesíásticas e civis, e pela cuidadosa elaboração de um conjunto de estatutos e de um prospecto, apresentou, defendeu e promoveu o projeto que havia recebido de Deus.¹⁵

Educador das crianças e dos jovens

22. Marcelino Champagnat era um **educador nato**. Em Marlihes, durante as férias do seminário, atraía as crianças e mesmo os adultos, que vinham de muito longe, para seguir suas lições de catecismo.¹⁶ Escutavam-no com atenção, às vezes por mais de duas horas. Em La Valla, o jovem padre transformou a paróquia, com a sua acolhida e o seu jeito simples e pela qualidade da sua mensagem nas lições de catecismo ou nos sermões dominicais, integrando fé e vida.¹⁷
23. Também demonstrou ser **excepcional educador das crianças e dos jovens**. Obteve sucesso extraordinário, ao transformar jovens com pouca formação e que desejavam ser Irmãos, em mestres competentes e religiosos educadores. Vivia com eles, dando-lhes bom exemplo e ajudando-os a desenvolverem-se humana e espiritualmente. O segredo da sua eficácia encontra-se na **grande simplicidade** com que se relacionava com os seus jovens discípulos e na **grande confiança** que depositava neles.
24. Junto com eles, elaborou e aperfeiçoou **um sistema de valores educativos** que tomava como modelo Maria, a serva de Deus e educadora de Jesus em Nazaré.¹⁸ Da

¹⁵ *Cartas*, 59, 34; *Statuts* 1825 (Lettres, p. 102), 15; *Vida*, p. 164-165.

¹⁶ *Vida*, p. 23.

¹⁷ *Vida*, p. 42-44.

¹⁸ Cf. capítulo 5 deste documento.

mesma forma, foi empreendedor, ao implementar e adaptar as **mais eficazes abordagens pedagógicas** da sua época.¹⁹

Formador de jovens apóstolos

25. Marcelino Champagnat demonstrou **interesse pessoal** em cada um dos seus jovens Irmãos, orientando-os espiritualmente, encorajando-os a se qualificarem e confiando-lhes responsabilidades apostólicas. Visitava as suas escolas e acompanhava cada Irmão na sua missão de educador e catequista.²⁰
26. Nutria-os com **espiritualidade apostólica** baseada na experiência da Presença de um Deus amoroso e fiel,²¹ em uma vida comprometida, tendo **Maria como Modelo e Mãe**,²² e em um espírito fraterno vivido em comunidade. Iniciou os seus Irmãos no amor de Jesus manifestado no Presépio, na Cruz e no Altar,²³ não apenas como elementos para a contemplação pessoal, mas para lembrar-lhes que estavam chamados a expressar o mesmo sentimento nas suas vidas. O seu amor pelos pobres é modelo para aqueles que se dizem “Maristas”.²⁴
27. Marcelino Champagnat desenvolveu um sistema de **contínua capacitação profissional** que articulava teoria e prática e se baseava na experiência comunitária. Principalmente durante os primeiros anos, as férias de

¹⁹ Apresentação do *Guia das Escolas* (1853), pelo Ir. Francisco in *O Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria*, p. 149-151; cf. *Vida*, p. 155-156; *Cadernos Maristas I*, p. 35-46.

²⁰ *Cartas*, 19, 24.

²¹ *Vida*, p. 297-299, 302.

²² *Vida*, p. 120-121, 318-319; cf. *Cadernos Maristas*, II, p. 53-59.

²³ Jean-Baptiste FURET. *Avis, leçons, sentences et instructions du Vénérable Père Champagnat*. Paris/Lyon, Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1927. p. 63-65.

²⁴ *Vida*, p. 476-477.

verão eram dedicadas à reciclagem dos seus Irmãos, aprimorando os seus conhecimentos e métodos educativos por meio de conferências, de trabalhos individuais e em grupo, e de bancas de exame.²⁵

28. Estabeleceu um sistema equivalente para a **formação de líderes**, principalmente para os diretores das escolas, em áreas como a administração e a contabilidade; levou-os a assumir responsabilidades, a se relacionar com os outros Irmãos e a trabalhar colegiadamente ou em equipe.²⁶

Continuamos a sua obra educacional.

29. Durante seus cinquenta e um anos de vida, Marcelino Champagnat trabalhou à exaustão, para fundar uma família de educadores religiosos. Ele experimentou **a Cruz na sua vida**, com incontáveis decepções, dificuldades e contratempos, mas a **sua esperança e o seu ideal** continuaram inabaláveis. Quando morreu, no dia 6 de junho de 1840, esta família contava com 290 Irmãos, que atuavam em 48 escolas primárias.
30. O Irmão Francisco e os primeiros Irmãos assumiram a obra de Marcelino Champagnat, com entusiasmo. Com o mesmo espírito de fé e zelo apostólico, os sucessores estenderam a obra aos cinco continentes. Como educadores maristas de hoje, **partilhamos e continuamos o sonho de Marcelino**: transformar a vida e a situação das crianças e dos jovens, especialmente dos menos favorecidos, oferecendo-lhes uma educação integral, humana e espiritual, baseada no amor pessoal para com cada um deles.

²⁵ Frère AVIT. *Annales de l'Institut*. Rome, 1993. p. 96; *Cadernos Maristas*, IV, p. 79.

²⁶ *Vida*, p. 422-424; cf. *Cadernos Maristas*, IV, p. 75-76.

2. IRMÃOS E LEIGOS, JUNTOS NA MISSÃO, NA IGREJA E NO MUNDO.

Em nome de Marcelino Champagnat

31. Marcelino Champagnat sempre apoiava e encorajava toda a pessoa engajada na formação cristã da juventude.²⁷ Desde os primeiros tempos de La Valla e de l'Hermitage, diversas pessoas - homens e mulheres, Irmãos e leigos - foram atraídas por sua personalidade e carisma. Vivendo a própria vocação, eles se identificaram com seu estilo carismático de continuar a Missão de Jesus.
32. Ao acolher os Leigos no Capítulo Geral de 1993, o Superior Geral, falando em nome de todos os Irmãos Maristas, agradeceu-lhes pessoalmente a sua presença junto aos Irmãos e a sua contribuição na Missão Marista. Ele foi mais além, no entanto, ao lançar-nos a todos o desafio de renovada compreensão de “*como seguirmos o mesmo caminho de amor, esperança e serviço, juntos, no Espírito.*”²⁸ Na sua resposta, os Leigos declararam: “Procedemos de experiências e de culturas muito diferentes, mas cada um de nós foi tocado de modo único pelo espírito de Marcelino Champagnat.”²⁹
33. Essas palavras se dirigem a **todos nós**, sejamos Irmãos, educadores leigos, lideranças juvenis, ou aqueles que contribuem, de alguma forma, com a Missão Marista: pais de alunos, sacerdotes, colaboradores, membros do Movimento Champagnat da Família Marista e de grupos

²⁷ Cf. *Cartas*, 122, 141; Testamento Espiritual, *Vida*, p. 222-225.

²⁸ *Irmãos Solidários*, p. 41-43.

²⁹ *Irmãos Solidários*, p. 47-48.

similares. Cada um de nós pode reivindicar para si o sonho de Marcelino Champagnat. **Temos a mesma Missão.**³⁰

Um só povo, um só Espírito, muitos dons.³¹

34. As raízes de uma renovada compreensão da nossa parceria na Missão e, portanto, das suas expressões concretas na nossa ação, encontram-se na visão que a **Igreja** tem de si mesma, hoje, como comunhão missionária.³² Nas palavras de Jesus na Última Ceia “*Eu vos chamo amigos*”, constatamos um chamado à unidade e um envio.³³ Inspirados por estas imagens,³⁴ somos convidados, como **cristãos**, a assumir juntos o nosso batismo comum e o chamado à missão.³⁵
35. Inspirados pelo **mesmo Espírito de Deus**, cristãos e pessoas que professam outra fé,³⁶ estamos unidos em torno de um **conjunto de valores comuns** fundamentais ao nosso ideal e à nossa prática educativa: respeito à dignidade de toda a pessoa humana, honestidade, justiça, solidariedade, paz e o sentido do Transcendente.³⁷ Juntos,

³⁰ *Guide des Écoles*, p. 194-195.

³¹ 1Cor 3,1-9.

³² *Christifideles Laici*, 32; *Evangelii Nuntiandi*, 59, 66; cf. *Irmãos Solidários*, p. 41-43.

³³ Jo 15,15; 17,17-18.

³⁴ 1Cor 12,12-31; At 2,46-47; 4,32.34.

³⁵ *Christifideles Laici*, 33, 34; *Redemptoris Missio*, 71; *Irmãos Solidários*, p. 7 (n. 9).

³⁶ *Nostra Aetate*, 1, 2, 5; *Diálogo e Missão*, 31; *Christifideles Laici*, 35.

³⁷ Constatamos a existência entre nós, educadores, bem como entre os jovens a quem servimos, de certo pluralismo religioso, particularmente em algumas regiões do mundo. Depende de cada um de nós, portanto, verificar como podemos identificar-nos com o “nós” do texto. No Capítulo 4, apresentamos a essência da missão de cada comunidade educativa marista no sentido de “evangelizar pela educação”. Reconhecemos a diversidade de nossa contribuição pessoal à plena realização dessa missão. Cada um de nós, contudo, na medida em que partilha certos valores fundamentais, contribui para o crescimento dos jovens enquanto pessoas e, por isso

damos o melhor de nós para proporcionar às crianças e aos jovens sob a nossa responsabilidade os meios para desenvolverem plenamente as suas potencialidades humanas, incluindo seu crescimento na fé e a sua participação responsável na sociedade.

Nosso carisma Marista

36. A história de Marcelino é um exemplo do **poder renovador da ação de Deus** na história humana. Acreditamos que recebeu um **carisma**, um dom espiritual único, dado por meio dele para toda a Igreja, a serviço da humanidade.³⁸ Inspirado pelo Santo Espírito, descobriu um modo novo de viver o Evangelho, como resposta concreta às necessidades espirituais e sociais das crianças e dos jovens, naquela época de crise. Constatamos a atualidade deste carisma pela sua capacidade de inspirar gerações de discípulos, incluindo a nossa.
37. A experiência do amor de Jesus e Maria por cada um de nós pessoalmente, a abertura e a sensibilidade às necessidades dos nossos tempos e um amor concreto pelas crianças e pelos jovens, principalmente os que dele mais necessitam, estão no coração do **carisma Marista** que herdamos de Marcelino Champagnat.³⁹
38. Na condição de partícipes da Missão Marista, somos todos convidados a nos comprometer livre e generosamente com esse mesmo carisma, como pessoas consagradas, solteiras ou casadas, não importando a nossa situação ou cultura.⁴⁰ Identificamo-nos com o carisma de formas **diversas, mas**

mesmo, participa da construção do Reino de Deus nas nossas comunidades humanas.

³⁸ *Christifideles Laici*, 24.

³⁹ *Constituições*, 2.

⁴⁰ *Constituições*, 165.

complementares. Juntos, testemunhamos uma só história, espiritualidade, confiança mútua e um empenho comum.⁴¹

39. Aqueles que, entre nós, somos **Leigos Maristas**, oferecemos nossas qualidades individuais e os frutos do nosso compromisso pessoal, o nosso profissionalismo e experiência de vida familiar e social. Como **cristãos**, testemunhamos, através de nossas vidas pessoais, a possibilidade de encontrar em Jesus Cristo o sentido último da vida e viver pelo seu Evangelho.⁴²
40. Aqueles que, entre nós, somos **Irmãos**, além de oferecermos as nossas qualidades individuais, trazemos os dons que emergem da natureza profética das nossas vidas como consagrados: o nosso testemunho religioso, a nossa sólida formação no carisma de Marcelino Champagnat, a hospitalidade cordial das nossas comunidades, o nosso patrimônio humano e material. Trazemos a nossa liberdade e disponibilidade em sermos totalmente dedicados e audaciosos no empreendimento apostólico, com maior flexibilidade para deslocar-nos.⁴³
41. **Inspiramo-nos mutuamente**, para aprofundar a nossa fidelidade ao carisma, descobrindo novos aspectos na sua riqueza espiritual e no seu dinamismo apostólico.⁴⁴ De modo especial, as mulheres que estão entre nós revelam, no carisma de Marcelino Champagnat, novas perspectivas e facetas para todos nós, hoje.

Vivemos e trabalhamos juntos.

42. Procuramos criar, no nosso apostolado, um ambiente de trabalho em que todos se sintam **respeitados e co-**

⁴¹ *Vita Consecrata*, 54.

⁴² *Evangelii Nuntiandi*, 70; *Christifideles Laici*, 15, 16; *O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola*, 24, 81.

⁴³ *Vita Consecrata*, 60.

⁴⁴ *Vita Consecrata*, 55.

responsáveis. Além disso, desenvolvemos entre nós um forte sentido de **companheirismo**, apoiando-nos e encorajando-nos mutuamente.

43. Tais atitudes são importantes para podermos enfrentar e resolver as **tensões** que podem surgir nas nossas instituições escolares e em outras obras apostólicas, e que nos concernem a todos, como, por exemplo, questões salariais e condições de trabalho. Procuramos aproveitar tais oportunidades para desenvolver a nossa sensibilidade para com os demais, por meio do diálogo. Todos nós, enquanto empregadores, funcionários ou líderes sindicais, somos convocados a nos deixar guiar pelos princípios da lealdade, da justiça e da transparência, bem como pelo compromisso na nossa Missão.⁴⁵
44. Temos consciência de que entre pessoas e grupos serão cometidos erros, ocorrerão mal-entendidos, susceptibilidades serão feridas e emergirão diferenças profissionais, mas a capacidade de nos **perdoarmos freqüente e mutuamente** preservará a fecundidade do sentido de pertença à Missão, tanto para nós quanto para aqueles a quem servimos.
45. O sentido de parceria na Missão se estende de um modo próprio aos **pais**, respeitando o seu “dever prioritário”⁴⁶ de educar os filhos. Inspirados nos procedimentos de Marcelino Champagnat, nós os acolhemos, escutam-os e “trabalhamos juntos com eles”.⁴⁷ É um processo de reciprocidade: ajudamo-nos uns aos outros, para melhor entender as situações concretas e as necessidades educacionais dos seus filhos.

⁴⁵ *Constituições*, 156.1; *A Escola Católica*, 79.

⁴⁶ *Familiaris Consortio*, 36, 38, 40.

⁴⁷ *Règles des Petits Frères de Marie*. Lyon, F. Guyot, 1837. cap. V, 16; cap. VI, 14.

46. Para Marcelino Champagnat, era fundamental que as obras maristas se integrassem à Missão da **Igreja local**. Esse princípio guia-nos ainda hoje, nas nossas relações com as paróquias e dioceses e no nosso desejo de partilhar o dom do nosso carisma.⁴⁸

Responsabilidade compartilhada

47. Partilhamos um **interesse comum** pelo êxito do nosso trabalho e nos sentimos **co-responsáveis** com as pessoas que ocupam cargos de responsabilidade no planejamento, na animação e na avaliação do nosso apostolado. Os que exercem cargos de direção e coordenação nas nossas instituições escolares encorajam esta partilha, distribuindo as tarefas e estabelecendo estruturas para coordenar os nossos esforços e assegurar ampla participação na tomada de decisões.⁴⁹

48. O nosso sentido de responsabilidade e interesses se manifesta também em **âmbito provincial**, nas reuniões, comissões e assembléias. Juntos, celebramos a nossa comunhão como Maristas e, na fé e na esperança, identificamos aspectos da nossa missão provincial que somos convocados a desenvolver.

49. Nossas autoridades provinciais promovem planos concretos e estruturas para a **inclusão de leigos** na administração financeira e na direção das obras maristas, da nossa propriedade ou a nós confiadas por paróquias e dioceses.⁵⁰ Nestes casos, as autoridades do Instituto e da Igreja se orientam pelo direito canônico e civil.

50. Sempre que possível, incluímos na **rede de obras maristas** aquelas instituições em que os Irmãos não estão mais presentes. Promovemos a colaboração e oferecemos

⁴⁸ Cf. *Irmãos Solidários*, p. 14-16 (n. 25, 28, 32); *Cartas*, 26, 28, 112, 146.

⁴⁹ *Constituições*, 119.

⁵⁰ *Irmãos Solidários*, p. 16 (n. 34).

atividades que propiciem às crianças e aos jovens a quem servimos a experiência de serem parte da Família Marista.

51. Procuramos, unidos com os nossos superiores, nos âmbitos provincial, interprovincial e regional:

- Encorajar o nosso **crescimento na identidade marista**, por diversos meios, tais como programas de formação marista, reunindo Irmãos e Leigos, retiros e publicações. Damos enfoque especial a Marcelino Champagnat, a sua herança educacional, espiritualidade e carisma.
- Preparar os **responsáveis maristas**, por meio de um programa de formação permanente em pedagogia, administração e direção educativa, assim como em espiritualidade, evangelização, justiça e solidariedade.
- Promover estruturas, como o **Movimento Champagnat da Família Marista** e outros grupos similares, que proporcionem base efetiva de apoio às pessoas no seu esforço de viver a Espiritualidade e a Missão Maristas.⁵¹

Sinal do Reino de Deus

52. O modo de partilharmos a Missão, com espírito de genuína comunhão, constitui por si mesmo um sinal da **Boa Nova** para a nossa Igreja, para o nosso mundo e certamente para as crianças e jovens a quem somos enviados. Juntos, buscamos ser criativamente fiéis ao carisma de Marcelino Champagnat e sensíveis aos sinais dos tempos, à luz do Evangelho.

⁵¹ Ir. Charles HOWARD. *Movimento Champagnat da Família Marista*. Circulares, v. XXIX, p. 365 (n. 7); cf. *Irmãos Solidários*, p. 16 (n. 36).

3. ENTRE OS JOVENS, ESPECIALMENTE ENTRE OS MAIS ABANDONADOS.

53. Marcelino Champagnat **viveu entre** crianças e jovens, **amou-os** profundamente e lhes **dedicou** todas as suas energias. Como seus discípulos, também experimentamos uma alegria especial em partilhar com eles o nosso tempo e as nossas vidas; fazemos eco das suas aspirações; sentimo-nos cheios de compaixão para com eles e fazemo-nos presentes nas suas dificuldades.
54. Do mesmo modo como Marcelino Champagnat pensava **nas crianças e nos jovens menos favorecidos**, ao fundar os Irmãos Maristas, a nossa preferência deve ser pelos excluídos da sociedade e por aqueles que, por causa da sua pobreza material, não têm acesso à saúde, a uma vida familiar equilibrada, à escolarização e à educação nos valores.⁵²
55. Reconhecemos, nesse amor por todas as crianças e jovens, e especialmente pelos pobres, a **característica essencial** da nossa Missão Marista.⁵³
56. A fidelidade ao nosso carisma exige de nós uma atenção constante às **tendências sociais e culturais** que exercem profunda influência na formação da consciência das crianças e dos jovens, assim como no seu bem-estar espiritual, emocional, social e físico.
57. O nosso mundo é confrontado com novos **desafios**: a interdependência mundial, a vida em uma sociedade pluralista, a secularização e o advento de novas

⁵² *Vida*, p. 69; *Prospectus* 1824.10; *Statuts*, 1828.9, 1830.1; Cf. *Cartas*, 13, 159.

⁵³ *Constituições*, 33, 34, 167.

tecnologias. Essas mudanças abrem outros horizontes e, apesar das ambigüidades que podem encerrar, oferecem-nos inauditas possibilidades.

58. Algumas das tendências atuais são uma **ameaça** ao amadurecimento sadio das crianças e dos jovens, como, por exemplo, o ritmo acelerado das mudanças, a cultura do individualismo e do consumismo, a insegurança na família e na perspectiva de trabalho. Pelo contrário, em outras situações, não se produziram as **mudanças necessárias**: cresce a diferença entre ricos e pobres, em um mundo dominado pelos interesses criados pelos poderosos; e continuamente dilacerado por guerras. A desigualdade de condições de vida e de oportunidades educativas, as experiências de violência pessoal, de abandono, de exploração e de discriminação de todo o tipo continuam sendo a realidade diária para muitos.
59. Observamos também **evidentes sinais de esperança**:⁵⁴ uma crescente consciência dos direitos humanos, incluindo os direitos das crianças, esforços para universalizar o acesso à educação para todos. Constatamos os exemplos extraordinários de avanço no serviço à vida humana e uma responsabilidade crescente em favor do meio ambiente, o empenho daqueles que trabalham pela paz e dos que lutam contra a injustiça. Vemos o desejo dos pobres e marginalizados de envolver-se ativamente na sua libertação e desenvolvimento diante de estruturas opressivas. Vemos tanta gente, sobretudo jovens comprometidos em lançar pontes de solidariedade entre diferentes povos, oferecendo voluntariamente os seus serviços.
60. Mediante nosso **contato habitual com as crianças e jovens**, chegamos a apreciar seu **idealismo** e a sua necessidade de fazer parte de grupos que os motivem e

⁵⁴ *Irmãos Solidários*, p. 4 (n. 57); p. 12-13 (n. 8-10); cf. *Tertio Millenio Adveniente*, 46.

lhes dêem uma identidade. Sabemos como, nos seus melhores momentos, são alegres, entusiastas e sinceros, estão dispostos a confiar em alguém, a colaborar ativamente e expressar a sua ânsia de liberdade.

61. Percebemos o seu sentido profundo de justiça, o seu desejo de um mundo mais atento às pessoas e sua fome espiritual. Ouvimos os seus clamores por reconhecimento e respeito, por educação de qualidade, por esperança e autenticidade, e por sentido na vida. Sentimos os seus olhares sobre nós, quando questionam a credibilidade do nosso papel de adultos.
62. Frequentemente, no entanto, encontramos jovens que estão **desalentados, desorientados**, ou para quem **a vida é uma luta diária**. Vemo-los convivendo com problemas de aprendizagem, deficiências pessoais, falta de aceitação por parte dos companheiros. Encontramos muitos distanciados da Igreja, que desconhecem Jesus Cristo, ou se mostram indiferentes para com Ele e para com sua mensagem. Testemunhamos o seu drama interior, quando são vítimas da pobreza, da desintegração familiar, do abuso e da desordem social. No seu estado de confusão, podem provocar estragos, tornar-se violentos, ou se entregar a comportamentos autodestrutivos.
63. O **espírito compassivo** de Marcelino Champagnat anima as nossas atitudes para com aqueles que nos são confiados.⁵⁵ Escutamos com o nosso coração as suas palavras: *“Sede bondosos com as crianças mais pobres, as mais ignorantes e as menos dotadas; fazei-lhes perguntas e tratai de demonstrar-lhes em todo o momento que as apreciáis e as quereis tanto mais quanto mais carentes se acham dos bens da fortuna e da natureza.”*⁵⁶

⁵⁵ *Vida*, p. 477-479; cf. *Cadernos Maristas*, IV, p. 74-75.

⁵⁶ *Vida*, p. 473.

64. A **dura realidade** em que vivem tantas crianças e jovens nos convoca pessoalmente e como grupo a crescer espiritualmente e a dar uma resposta mais audaciosa e decidida, fiel ao Evangelho e ao nosso carisma.⁵⁷
65. Quando abrimos os nossos olhos e corações para compreender o profundo sofrimento das crianças e dos jovens, começamos a **compartilhar da compaixão que Deus sente pelo mundo**. A nossa fé nos faz ver o rosto de Jesus nos que sofrem, e procuramos fazer algo pessoalmente para aliviá-los. Mais ainda, sentimo-nos incomodados e indignados ante as estruturas que originam ou condicionam a pobreza e começamos a atuar sobre as causas mais do que sobre os sintomas.
66. Sentimo-nos pequenos diante da determinação e da capacidade dos pobres em ajudar-se a si mesmos. Ouvimos a voz de Deus, vemos a mão e o poder do Senhor quando lutam. Podemos sentir-nos desiludidos, ao vermos nossa própria pobreza e a debilidade humana dos pobres, até que aprendamos o que é a verdadeira solidariedade. Juntos, não mais “nós” ou “eles”, **reconhecemos a causa dos pobres como a causa de Deus**, e aceitamos que existam aspectos em nós e nas nossas realidades que somente Ele pode sanar.
67. Empenhamo-nos na transformação, onde é necessária, das **nossas estruturas institucionais e outros campos de apostolado**, para chegar de uma maneira mais efetiva aos jovens que estão verdadeiramente vulneráveis ou marginalizados devido, a circunstâncias familiares ou sociais.⁵⁸

⁵⁷ *Irmãos Solidários*, p. 19 (n. 10); p. 21 (n. 20); *Constituições*, 83, 168.

⁵⁸ Ir. Benito ARBUÉS. *Caminhar em paz, mas depressa*. *Circulares*, v. XXX, I, p. 44-45 (n. 31).

68. Compreendemos, especialmente os Irmãos,⁵⁹ a necessidade de **arriscar** algo da nossa própria segurança, indo aonde ninguém vai, até a “periferia” e a “fronteira”.⁶⁰

⁵⁹ *Irmãos Solidários*, p. 8 (n. 20); *Redemptoris Missio*, 37(b).

⁶⁰ Ir. Benito ARBUÉS, op. cit. p. 44-45 (n. 31); *Carta aos Superiores Gerais*, p. 11; *Irmãos Solidários*, p. 9 (n. 27); p. 19 (n. 9); p. 20 (n. 14, 15).

4. SOMOS SEMEADORES DA BOA NOVA.

Nossa missão

69. Para Marcelino Champagnat, o núcleo da Missão é **“fazer Jesus Cristo conhecido e amado”**.⁶¹ Ele considerava a educação como um meio para levar as crianças e os jovens à experiência de fé pessoal e de fazê-los **“bons cristãos e virtuosos cidadãos”**.⁶²
70. Nós, como seus discípulos, assumimos a mesma Missão,⁶³ inicialmente ajudando as crianças e os jovens, sem nos importar com a fé que professam ou a etapa da sua busca espiritual, a tornarem-se pessoas integradas e de esperança, com profundo sentido de responsabilidade social para transformar o mundo ao seu redor.⁶⁴ Ajudar a **crescer em humanidade** é parte integrante do processo de evangelização.⁶⁵ Os Educadores Maristas,⁶⁶ promovendo os valores evangélicos por meio das nossas iniciativas, participam da Missão de construir o **Reino de Deus** aqui e agora.⁶⁷

⁶¹ *Constituições*, 2; *Vida*, p. 312, 458.

⁶² Cf. *Guide des Écoles*, p. 11-13; *Vida*, p. 498.

⁶³ *O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola*. Sagrada Congregação para a Educação Católica, 16; cf. *Vida*, p. 500-509.

⁶⁴ *Christifideles Laici*, 36; *O Leigo Católico*, 17, 19.

⁶⁵ *Evangelii Nuntiandi*, 18, 19; João Paulo II, discurso na III Conferência Episcopal Latinoamericana em Puebla, 1979. n. 3.2; *Redemptoris Missio*, 55; *Diálogo e Anúncio*, 40, 41; cf. *Diálogo e Missão*, 13.

⁶⁶ Para uma discussão sobre o nosso entendimento acerca desta inclusão universal, que leva em consideração também as pessoas que professam outras crenças ou que não apresentam uma visão cristã de mundo, cf. nota de rodapé 36 relacionada ao artigo 35 deste documento.

⁶⁷ *Redemptoris Missio*, 12-20.

71. **Desejamos ainda mais**, entretanto. Inspirados pelas palavras de Marcelino Champagnat: *“Não posso ver uma criança sem sentir vontade de lhe ensinar o catecismo, de fazê-la compreender quanto Jesus Cristo a ama”*⁶⁸ **apresentamos Jesus** às crianças e aos jovens como uma pessoa real que eles podem conhecer, amar e seguir.⁶⁹
72. Em **Jesus** vemos a Deus. Ele vem até nós para que possamos *“ter vida e tê-la em abundância”*.⁷⁰ Ele nos revela em que consiste a plenitude humana.⁷¹ As suas palavras e ações atingem as nossas aspirações humanas mais profundas. Ele proporciona alívio e esperança para todos. Perdoa os pecadores, reconciliando todas as facetas da fragilidade humana. Acolhe com amor especial os pobres e os que vivem à margem da sociedade. E nos ensina a orar.
73. Jesus *“veio trazer fogo à terra”*.⁷² Denunciando instâncias e estruturas de dominação, pôs-se voluntariamente do lado das suas vítimas. Ele não aceita a lógica do mundo. Pelo contrário, proclama nova visão de sociedade humana, fundada sobre o amor recíproco, o amor aos nossos inimigos, a partilha do pão da vida, superando as divisões de raça, de posição social, de riqueza, de sexo ou qualquer outro fator de exclusão.⁷³
74. A morte de Jesus na Cruz e a sua Ressurreição, como **Cristo de nossa fé**, revela a profundidade do amor do Pai, do poder de Deus de fazer surgir o bem do mal, inspirando nossa esperança humana, como não realizou nenhum outro acontecimento na história da humanidade. Seu Espírito continua a agir no coração humano e na sociedade,

⁶⁸ *Vida*, p. 459-460, 470.

⁶⁹ *Evangelii Nuntiandi*, 27; *Constituições*, 86.

⁷⁰ Jo 10,10.

⁷¹ *Gaudium et Spes*, 22; cf. Hb 4,14-15.

⁷² Lc 12,49.

⁷³ Gl 3,28-29.

redimindo, libertando e reconciliando. Com fé, respondemos à iniciativa do amor de Deus na nossa história e somos transformados. Esta é a Boa Nova de Jesus, “Caminho, Verdade e Vida”.⁷⁴

A nossa Missão de Evangelizar pela Educação

75. Seguindo Marcelino Champagnat, buscamos ser **apóstolos da juventude**, evangelizando pelo testemunho das nossas vidas e pela nossa presença junto às crianças e aos jovens, bem como pelo nosso ensino: nem só catequistas, tampouco apenas professores das diversas disciplinas escolares.⁷⁵
76. A educação, no seu sentido mais amplo, é o nosso campo de evangelização: nas instituições escolares, em outros projetos pastorais e sociais e nos contatos informais. Em todas essas situações, oferecemos uma **educação integral**,⁷⁶ elaborada a partir de uma visão cristã da pessoa humana e do seu desenvolvimento.⁷⁷
77. Com a cooperação ativa das crianças e dos jovens,⁷⁸ buscamos **maneiras criativas** de:
- desenvolver a sua auto-estima e capacidade de orientar a sua vida;
 - proporcionar uma educação do corpo, da mente e do coração, adequada à faixa etária, às potencialidades pessoais, às necessidades individuais e ao contexto social;
 - motivá-los a cuidar do próximo e da obra da Criação;

⁷⁴ Jo 14,6.

⁷⁵ *Vida*, p. 498, 507-508; *Avis*, p. 420-421.

⁷⁶ *Vida*, p. 498.

⁷⁷ *O Leigo Católico*, 18; *Avis*, p. 356-364; Cf. *Guia das Escolas*, p. 216-218; *Guia da Formação*, p. 14-18 (n. 13-23).

⁷⁸ *Avis*, p. 428-429.

- educá-los para serem, no seu meio, agentes de transformação social, e mais conscientes da interdependência das nações;
 - alimentar a sua fé e compromisso como discípulos de Jesus e apóstolos dos outros jovens;
 - despertar o seu espírito crítico e ajudá-los a fazer opções baseadas nos valores evangélicos.
78. Optamos por estar presentes entre as crianças e os jovens **como Jesus com os discípulos a caminho de Emaús:**⁷⁹
- respeitando a sua consciência e os seus estágios de compreensão;
 - partilhando, com entusiasmo, das suas preocupações;
 - caminhando ao seu lado como irmãos e irmãs;
 - revelando-lhes gradativamente a riqueza e a relevância da visão transformadora que Jesus tem da pessoa humana e do mundo.
79. Acolhemos, escutamos e interpelamos as crianças e os jovens. Vemos em cada um a imagem e semelhança de Deus, mercedores que são do nosso respeito e ternura, sem importar a sua realidade, suas convicções religiosas ou necessidade pessoal de conversão.⁸⁰

*Damos testemunho **pessoal e comunitário** de alegria, de esperança e de vida cristã.*

80. Ajudamos as crianças e os jovens a crescer em **liberdade pessoal** e a conhecer as exigências que a vida impõe.⁸¹ Propomos-lhes dar-se livremente, partilhar o que possuem e comprometer-se com alegria. Auxiliamo-los a descobrir a sua **dimensão espiritual**: a experiência pessoal do Espírito que trabalha no coração humano, inspirando, encorajando, apoiando, consolando; a sua capacidade de admiração

⁷⁹ *Guia das Escolas*, p. 225-227; Lc 24, 13-25.

⁸⁰ *A Dimensão Religiosa da Educação*, 71.

⁸¹ *Gaudium et Spes*, 16; *Evangelium Vitae*, 80-82; cf. Jo 8,32.36; Gl 5.

diante das maravilhas da criação e de uma nova vida, e as suas intuições do transcendente e de que o nosso destino final é estar junto de Deus.

*Engajamos os jovens a um **diálogo de vida**, que os faz entrar em contato com a Palavra de Deus e com o Espírito agindo nos seus corações.⁸²*

81. Construimos pontes entre as culturas que interagem com os nossos diversos apostolados. Tendo a luz do Evangelho como guia, afirmamos tudo o que há de positivo e olhamos criticamente para os valores que subjazem no comportamento, nas opções e nas prioridades. Com verdadeiro espírito de diálogo, encorajamos os jovens a expressar, na sua própria linguagem, a sua **busca de fé**, com as suas aspirações e seus questionamentos.⁸³

*Participamos da missão da Igreja em **evangelizar culturas**.⁸⁴*

82. Apresentamos a Boa Nova não apenas em termos pessoais mas também segundo a visão de Jesus sobre a comunidade humana: **alcançando** os excluídos da sociedade, **buscando o bem comum** para todos e assumindo a responsabilidade pelo futuro da humanidade e por toda a Criação.

Educamos na solidariedade e para a solidariedade.⁸⁵

83. Acompanhamos os jovens que crêem num **encontro mais próximo com Jesus Cristo**. Partilhamos com eles a pessoa de Jesus, fonte de vida, de esperança e de energia renovadas para nós e para toda a humanidade, animando-

⁸² *Redemptoris Missio*, 57; cf. *Constituições*, 85; *Diálogo e Missão*, 29.

⁸³ *Redemptoris Missio*, 52, 53.

⁸⁴ *Evangelii Nuntiandi*, 20; *Christifideles Laici*, 44; *Vita Consecrata*, 96.

⁸⁵ Cf. Lc 4,27-38; *Irmãos Solidários*, p. 19 (n. 10).

os a crescer como discípulos de Jesus nas suas experiências dos dons da alegria, da paz interior e superação dos temores.

Partilhamos nossa fé.⁸⁶

84. Proporcionamos aos jovens cristãos uma experiência de comunidade cristã, desenvolvendo o seu sentido de pertença à Igreja local. Estimulamos a sua ativa participação nas comunidades que celebram e alimentam a sua fé da Palavra e do Sacramento. Nós os incentivamos a que sejam eles mesmos portadores da Boa Nova nos seus relacionamentos cotidianos e nos seus diversos ambientes culturais e sociais.

*Facilitamos a **iniciação sacramental** aos que a pedem. Trabalhamos na construção de **comunidades cristãs locais que possam acolher os jovens.**⁸⁷*

85. Nos ambientes marcados pelo **pluralismo religioso**, respeitamos a liberdade religiosa de todos e valorizamos positivamente a riqueza da presença de Deus nas tradições religiosas da humanidade.⁸⁸ Ajudamos as crianças e os jovens de todas as crenças a viver juntos e em paz no seu cotidiano: abertos uns aos outros, trabalhando e rezando juntos.⁸⁹ Encorajamos os não-cristãos a que *“praticuem com sinceridade o que é bom na sua própria tradição religiosa”*.⁹⁰ Ajudamos os católicos a ter clareza de nossa identidade e de nossa herança, para evitar que caiam em falsas espiritualidades e atitudes sectárias.

⁸⁶ Cf. Jo 1,1-18.

⁸⁷ *Mensagem aos jovens 1993*, 4, 5; *Christifideles Laici*, 46.

⁸⁸ *Dominum et Vivificantem*, 53; *Redemptoris Missio*, 55.

⁸⁹ *Mensagem à Cúria Romana*, Boletim, Secretariado para os Não-cristãos, 1987, 11.

⁹⁰ *Diálogo e Anúncio*, 29.

Promovemos o diálogo ecumênico⁹¹ e interconfessional.⁹²

Respeitamos as suas idades e as distintas situações.

86. Cada criança e cada jovem é diferente. Cada grupo tem sua característica própria. Os diversos contextos culturais e as variadas circunstâncias criam as suas próprias possibilidades e desafios à nossa Missão evangelizadora.⁹³ Conscientes de tal **pluralidade**, desenvolvemos abordagens que consideram a disponibilidade e as necessidades particulares daqueles a quem somos enviados.
87. Trabalhando com **crianças**, destacamos a relação com a natureza, a abertura ao outro e a descoberta de Jesus como amigo. Introduzimo-las na oração, no conhecimento da Bíblia, na vida sacramental e nas atitudes de serviço e de solidariedade.⁹⁴
88. Acompanhamos os **adolescentes** no seu processo de busca de identidade e de equilíbrio pessoal, na aceitação dos seus próprios dons e limitações, e na sua nova forma de relacionar-se com os demais, com os amigos e com os familiares, na descoberta do seu lugar no mundo e na superação de concepções infantis de Deus. Auxiliamo-los na sua busca de valores e ideais que possam ajudá-los a orientar a sua vida. Damos especial atenção à integração positiva da sua sexualidade e afetividade. Demonstramos paciência e compreensão nos momentos de superficialidade, rebeldia e instabilidade, característicos dessa idade.

⁹¹ *Ut Unum Sint*, 20-28.

⁹² *Redemptoris Missio*, 56, 57; *Lumen Gentium*, 16; Cf. *Diálogo e Missão*, 26.

⁹³ *Redemptoris Missio*, 33.

⁹⁴ *Christifideles Laici*, 47; *Avis*, p. 386-390.

89. No nosso trabalho com os **jovens adultos**, buscamos dar respostas aos seus questionamentos sobre o sentido da vida, da responsabilidade e dos valores existenciais. Promovemos a sua consciência social e política e estimulamos a sua participação em organizações e grupos que se empenham na transformação social. Apoiamo-los e os acompanhamo-los nas suas experiências de promoção social. Preparamo-los para serem fonte de renovação e de dinamismo na Igreja local. Proporcionamos-lhes uma formação religiosa mais sólida para que possam estar mais bem preparados para transmitir a sua fé e sua esperança cristãs aos seus companheiros⁹⁵ e a serem eles próprios líderes cristãos.
90. Ajudamos os jovens a descobrir a sua **vocação na vida**, apresentando-lhes as diversas opções: solteiro, matrimônio, sacerdócio e vida religiosa. Convidamos os que apresentam sinais de receptividade a considerar a possibilidade da vida religiosa marista. Apoiamo-los no seu desejo de resposta ao chamado vocacional.

Com a força do Espírito, do jeito de Maria.

91. **O trabalho de evangelização é prioritariamente uma ação do Espírito Santo.**⁹⁶ Foi o Espírito que constituiu a fonte da autoridade profética de Jesus para anunciar o advento do Reino de Deus, mediante sinais e prodígios. O Espírito, o Prometido, trouxe luz, força e crescimento à Igreja nascente. E é o mesmo Espírito que guia toda a humanidade e, de modo especial, na nossa jornada de fé, fazendo com que a nova ordem de Deus seja realidade entre nós.⁹⁷

⁹⁵ 1Pd 3,15.

⁹⁶ *Evangelii Nuntiandi*, 75.

⁹⁷ *Tertio Millenio Adveniente*, 45-46; cf. *Dominum et Vivificantem*, 67; Ap 21,1-7.

92. Marcelino Champagnat foi habitado pela força do Espírito, como os seus companheiros da Sociedade de Maria; convenceu-se de que o Espírito os inspirava a encontrar **novas formas de ser presença como Igreja** em uma época de descrença religiosa.⁹⁸ Nós, hoje, procuramos ser igualmente abertos e disponíveis às moções do Espírito Santo.
93. Sempre consciente da **presença de Deus**, principalmente em momentos de dificuldade e de risco, Marcelino Champagnat permaneceu atento à vontade de Deus, que se manifestava nos acontecimentos e nas circunstâncias da sua vida. A frase do salmo “*se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os operários*” tornou-se sua oração habitual.⁹⁹ Confiava a sua pessoa e o êxito do seu apostolado a Maria, “*que tudo fez entre nós*”.¹⁰⁰ Fazemos dessa atitude de oração uma prática cotidiana na nossa obra de evangelização.

A nossa vocação de educadores

94. **O nosso trabalho de educadores não é apenas uma profissão, mas uma vocação.** O Papa Paulo VI nos recordava: “os homens e as mulheres de hoje escutam mais as testemunhas do que os mestres; e se escutam os mestres, é porque são testemunhas”.¹⁰¹
95. Não se trata de um processo unilateral. Os jovens também nos inspiram e **nos evangelizam** na medida em que os evangelizamos. A experiência da sua confiança em nós, a sua energia e entusiasmo, a sua sinceridade e busca, a sua bondade e fé nos comovem e nos encorajam na nossa própria fé.

⁹⁸ J. COSTE & G. LESSARD. *Origines Maristes (1786 - 1836)*. Rome, 1961. v. 2, doc. 632; cf. doc. 674; *Cartas*, 11.

⁹⁹ *Vida*, p. 275; *Cartas*, 169.

¹⁰⁰ *Vida*, p. 90 (oração pelas vocações).

¹⁰¹ *Evangelii Nuntiandi*, 41; cf. *Irmãos Solidários*, p. 8 (n. 21).

96. Marcelino Champagnat descreveu a nossa vocação a um dos seus primeiros discípulos com palavras que nos recordam a responsabilidade que temos em relação às crianças e aos jovens que educamos, mas também a confiança que Deus deposita em nós: “Toda a vida deles será o eco do que lhes ensinar. Aplique-se ao máximo, não poupe esforços em formar os seus corações juvenis à virtude; faça-os perceber que somente Deus pode torná-los felizes, que só para Deus foram criados. **Quanto bem você pode fazer, meu querido amigo!**”¹⁰²

¹⁰² *Vida*, p. 463-464; *Avis*, p. 427-428; *Cartas*, 19.

5. COM ESTILO MARISTA PRÓPRIO.

97. O nosso estilo educativo baseia-se em uma visão integral, que se propõe conscientemente a comunicar valores. Ao partilharmos essa visão com outros educadores, principalmente os cristãos, empregamos uma **abordagem pedagógica própria**, desenvolvida inicialmente por Marcelino Champagnat e pelos primeiros Maristas, e que era inovadora em muitos aspectos.
98. Fazemos nossa a convicção de Marcelino Champagnat: **“para bem educar as crianças é preciso, antes de tudo, amá-las, e amá-las todas igualmente”**.¹⁰³ Desse princípio fundamental decorrem as características próprias do nosso estilo educativo: presença, simplicidade, espírito de família, amor ao trabalho, ser e agir do jeito de Maria. Procuramos adotar essas atitudes e valores como o nosso modo próprio de inculturar o Evangelho. É o conjunto desses elementos e a sua interação que dão ao nosso estilo a sua originalidade, inspirada pelo Espírito Santo.

Presença¹⁰⁴

99. Educamos, sobretudo, sendo presença junto às crianças e aos jovens, demonstrando-lhes que nos preocupamos com eles e estamos atentos às suas necessidades. Dedicamos - lhes o nosso tempo, além das relações meramente profissionais, buscando conhecer cada um pessoalmente. Individualmente, e como grupo de educadores, estabelecemos com eles um **relacionamento** baseado no amor, que crie um clima favorável à aprendizagem, à educação dos valores e ao seu desenvolvimento pessoal.¹⁰⁵

¹⁰³ *Vida*, p. 501; *Avis*, p. 431-433; cf. *Cadernos Maristas*, IV, p. 70-71.

¹⁰⁴ *Constituições*, 81.

¹⁰⁵ *Cartas*, 14; cf. *Avis*, p. 424; *Vida*, p. 493-484.

100. Esforçamo-nos **para nos aproximar da vida dos jovens**.¹⁰⁶ Buscamos encontrá-los nos seus próprios ambientes e através de sua própria cultura. Criamos oportunidades para nos envolver nas suas vidas e acolhê-los nas nossas. Na ação escolar, procuramos prolongar a nossa presença através do tempo livre, do lazer, das atividades esportivas e culturais, ou quaisquer outros meios.
101. Nossa presença não deverá ser **excessivamente vigilante, tampouco negligentemente tolerante**. Ajudamos os jovens com nossa presença preventiva, aconselhamento e prudência. Tentamos, respeitosamente, ser firmes e exigentes com eles, permanecendo, contudo, otimistas e sempre dando prioridade ao seu próprio desenvolvimento.¹⁰⁷
102. Por meio da nossa presença **atenta e acolhedora**, marcada pela escuta e pelo diálogo, conquistamos a sua **confiança** e promovemos neles uma atitude de **abertura**. Isto é tanto mais verdade quanto mais tempo permanecemos com eles. Se esta relação não é possessiva, pode daí nascer uma amizade duradoura.

Simplicidade¹⁰⁸

103. A nossa simplicidade se expressa no trato com as crianças e os jovens, sobretudo por meio de uma relação **autêntica e sincera**, tomada despreziosamente e sem duplicidade. Declaramos o que acreditamos e demonstramos acreditar no que declaramos. Tal simplicidade é fruto da unidade entre espírito e coração, ser

¹⁰⁶ *Constituições*, 83.

¹⁰⁷ *Guide des Écoles*, p. 135, 150-151; *Vida*, p. 493; *Guia das Escolas*, p. 180-202.

¹⁰⁸ *Constituições*, 83.

e agir, revelando que somos **sinceros** em relação a nós mesmos e a Deus.¹⁰⁹

104. À simplicidade acrescentamos a **humildade** e a **modéstia**, que constituem as “três violetas” da nossa tradição marista, permitindo que Deus aja por meio de nós, buscando “*fazer o bem sem barulho*”. Sendo conscientes das nossas limitações e potencialidades, estaremos mais aptos a compreender os jovens, respeitando-os na sua dignidade e liberdade.¹¹⁰
105. A nossa maneira de educar, como a de Marcelino Champagnat, é pessoal, prática e enraizada na vida real. De igual modo, a simplicidade de **expressão**, que evita toda a ostentação, orienta a nossa resposta às possibilidades e às exigências das nossas obras educativas atuais. No nosso ensino e estruturas organizacionais, demonstramos a simplicidade como **critério**.
106. Orientamos os jovens a adotarem **a simplicidade como um valor para as suas próprias vidas**, encorajando-os a serem autênticos em todas as situações, abertos e verdadeiros, e firmes nas suas convicções. Em um mundo impregnado de superficialidade, nós os ajudamos a valorizar a si mesmos e aos demais pelo que são, não se deixando seduzir pelo ter e pela fama. Contribuímos também para que valorizem uma vida integrada, equilibrada e baseada no amor, construída sobre a rocha do amor de Deus.

Espírito de família¹¹¹

107. O grande desejo e legado de Marcelino Champagnat é que nos relacionemos uns com os outros e com as crianças

¹⁰⁹ *Avis*, p. 425.

¹¹⁰ Ir. Charles HOWARD. *Espiritualidade Apostólica Marista*, Circulares, v. XXIX, p. 459.

¹¹¹ *Irmãos Solidários*, p. 6 (n. 12); *Constituições*, 6.

e jovens a nós confiados, como membros de uma **família que se ama**.¹¹² Propomo-nos realizar isso, mesmo nas nossas obras educacionais mais complexas.

108. Onde quer que estejamos, comprometemo-nos a **construir comunidade** entre todos aqueles que participam das nossas instituições e atividades, os que trabalham conosco, as crianças e os jovens sob a nossa responsabilidade e as suas famílias.¹¹³ Cada um deve sentir-se em casa entre nós. Uma acolhida calorosa, aceitação e sentido de pertença deve prevalecer, de modo que todos se sintam estimados e valorizados, qualquer que seja a sua função ou posição social.
109. A nossa forma de nos relacionarmos com as crianças e jovens é ser **irmãos e irmãs** para com eles.¹¹⁴ Como em família, compartilhamos a vida com os seus sucessos e fracassos; apresentamos padrões de honestidade, respeito mútuo e tolerância, mostramos-lhes que acreditamos na sua bondade, não confundindo a pessoa, com os seus atos, quando um erro é cometido. Estamos prontos a confiar uns nos outros, a nos perdoar e a nos reconciliar.
110. No **âmbito escolar**, o nosso espírito de família se opõe a uma educação de massa ou orientada para os resultados acadêmicos, que não respeita a dignidade e as necessidades individuais dos educandos. Pelo contrário, damos atenção preferencial àqueles, cujas necessidades são maiores, aos que são mais carentes ou que atravessam momentos difíceis.
111. Os que exercem funções de direção ou coordenação adotam uma **estrutura organizacional** que reflita nossos valores. Encorajam um espírito de parceria, de responsabilidade compartilhada e, ao mesmo tempo, de

¹¹² *Vida*, p. 223 (Testamento Espiritual)

¹¹³ *Constituições*, 88.

¹¹⁴ *Vida*, p. 494.

autonomia responsável de cada pessoa envolvida no processo educativo.

Amor ao trabalho¹¹⁵

112. Marcelino Champagnat era homem de trabalho, enérgico inimigo da preguiça. Ele próprio formou-se com **esforço tenaz e total confiança em Deus**, e com essas características impregnou o seu ministério paroquial, fundou a sua família religiosa e empreendeu todos os seus projetos.¹¹⁶ Marcelino Champagnat, como construtor, mostra-nos a importância de estarmos dispostos a “arregaçar as mangas”, preparados para fazer o que for necessário à realização da nossa Missão. Seguimos o seu exemplo, sendo generosos de coração, constantes e perseverantes no trabalho cotidiano, bem como nos esforços empreendidos na nossa própria formação permanente.

113 No **ambiente escolar**, o amor ao trabalho implica uma cuidadosa preparação das nossas aulas e atividades educacionais, a correção das tarefas e dos projetos dos alunos, o planejamento e a avaliação das nossas atividades, os programas e o acompanhamento daqueles que experimentam qualquer tipo de dificuldade.¹¹⁷ Isso exige que sejamos prospectivos e decididos a desenvolver respostas criativas às necessidades das crianças e dos jovens.

114 Em uma sociedade afetada pelo consumismo e pelo desperdício, optamos por preparar as novas gerações para descobrir a **dignidade do trabalho**. Pelo nosso exemplo, elas aprendem que o trabalho é um meio importante de **realização pessoal**, dando sentido à vida, e de contribuição para o **bem-estar econômico, social e cultural** da

¹¹⁵ *Constituições*, 6.

¹¹⁶ *Vida*, p. 390-392, 393, 396; Ir. Basílio RUEDA. *Circulares*, v. XXVI, p. 193.

¹¹⁷ *Guia das Escolas*, p. 204.

sociedade. Desse modo, cada um de nós torna-se “co-criador”, continuando a obra da Criação, com alegria e esperança.

- 115 Reconhecemos a trágica realidade do **desemprego**. Em tal situação, oferecemos ajuda concreta para que os jovens mantenham a sua dignidade e auto-estima, e sejam criativos e perseverantes nos seus esforços de preparação para o trabalho.
- 116 Mediante a **pedagogia do esforço**, procuramos ajudar as crianças e os jovens a desenvolver caráter forte e vontade firme, consciência moral equilibrada e valores sólidos em que fundamentar as suas vidas. Desenvolvemos um sentido de motivação e de organização pessoal que se traduza no adequado emprego do seu tempo, dos seus talentos e da sua capacidade de iniciativa. Promovemos o trabalho em equipe, ajudando-os a adquirir um espírito cooperativo e de sensibilidade social, para servir aos que necessitam.

Do jeito de Maria¹¹⁸

117. Maria é para nós **modelo perfeito de Educador Marista**, como ela foi para Marcelino Champagnat. Mulher e leiga, e primeira discípula de Jesus, orienta nosso caminhar na fé. Como educadora de Jesus em Nazaré, inspira o nosso estilo educativo.
118. Maria foi **peregrina na fé**, como nós. Embora educada na tradição do seu povo, ela admirou-se com a extraordinária intervenção de Deus na sua vida. Ainda que “*escolhida entre todas as mulheres*”,¹¹⁹ conheceu a dureza de dar a luz um filho em lugar inóspito e distante do lar, e de viver como refugiada. Os seus pés conheceram o pó das estradas.¹²⁰

¹¹⁸ *Constituições*, 4.

¹¹⁹ Lc 1,41.

¹²⁰ Ir. Charles HOWARD. Circulares, v. XXIX, p. 461-462.

119. Maria experimentou as alegrias e as dificuldades da vida. **Maravilhou-se** diante da grandeza de Deus, mesmo quando se sentia **perplexa**. Na fé, abriu-se à ação do Espírito Santo. Na fé, **ponderou** os acontecimentos da sua vida e da vida de seu Filho. Na fé, **respondeu** com o coração aberto, sem esperar respostas para todas as suas perguntas, desde o “sim”, na Anunciação, até o sofrimento ao pé da Cruz.¹²¹ Na fé, ela humildemente se tornou membro da nova família de seguidores de Jesus, que desejavam apenas cumprir a vontade do Pai.¹²²
120. Maria manteve, em todos os momentos, a sua **missão de mãe e de educadora** na comunidade cristã. Junto com José, em Nazaré, propiciou a Jesus **a unidade familiar e o amor** de que necessitava para crescer na sua humanidade.¹²³ Na adolescência de Jesus, deu-lhe espaço para desenvolver sua própria identidade. Mesmo quando isso provocou algum mal-entendido, comunicava-lhe a sua confiança e continuava ajudando-o a *crescer “em sabedoria, idade e graça”*.¹²⁴
121. A **dimensão marial de nossa espiritualidade** se expressa sobretudo nas atitudes de Maria para com os outros e para com Deus. Ela nos convoca, no seu cântico, o *Magnificat*,¹²⁵ a testemunhar a solidariedade de Deus com o seu povo nas suas necessidades e sofrimentos. Ela nos convida a fazer tudo o que Jesus disser.¹²⁶ Ela é, no nosso meio, símbolo de unidade e de missão, como foi para os Apóstolos no dia do Pentecostes.¹²⁷ Como Marcelino

¹²¹ Lc 1,26-28; Jo 19,25-27.

¹²² Mc 3,31-35.

¹²³ Lc 2,51-52.

¹²⁴ Lc 2,51-52.

¹²⁵ Lc 1,46-55.

¹²⁶ Jo 2,5.

¹²⁷ At 1,14.

Champagnat, vemos em Maria a nossa Boa Mãe e Recurso Habitual,¹²⁸ expressando-lhe a nossa devoção de modo pessoal, familiar, simples e segundo as práticas da Igreja e das tradições locais.

122. Impregnamos desta **dimensão marial**, conscientemente, a nossa catequese e os nossos momentos de oração com as crianças e os jovens. Convidamos todos eles a amar e honrar Maria, inspirando-os a imitar a sua ternura, a sua força, a sua constância na fé, e a dirigir-se a ela, com frequência, na oração.
123. Em tudo o que fazemos, associamo-nos a Maria, para fazer Jesus nascer nos corações das crianças e dos jovens: **“Tudo a Jesus por Maria. Tudo a Maria para Jesus”**.¹²⁹

Herdeiros de um ideal

124. Nós nem sempre fomos criativos e fiéis como poderíamos na resposta às necessidades da juventude. Entretanto os nossos contatos com contextos culturais e religiosos em todo o mundo têm **enriquecido a nossa herança**, pelo zelo de gerações de Irmãos e de um número crescente de Leigos nas últimas décadas. Enriquecemo-nos, também, ao longo dos anos, ao incorporarmos as inovações das abordagens pedagógicas e do desenvolvimento do pensamento teológico.
125. A mesma **fidelidade criativa** e o mesmo **zelo** nos levam, em cada uma de nossas ações apostólicas, a seguir Marcelino Champagnat, permanecendo entre as crianças e os jovens, especialmente os mais abandonados, como semeadores da Boa Nova, com o nosso estilo próprio de Maristas.

¹²⁸ *Vida*, p. 322-324.

¹²⁹ *Vida*, p. 313.

6. NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.

126. Um **Colégio Marista** é um centro de aprendizagem, de vida e de evangelização. Como instituição escolar, leva os educandos a **“aprenderem a aprender, a fazer, a conviver e, principalmente, a ser”**.¹³⁰ Como Escola Católica, é uma comunidade em que fé, esperança e amor são vividos e comunicados, e na qual os educandos, progressivamente, são iniciados no permanente desafio de **harmonizar fé, cultura e vida**.¹³¹ Como Escola Católica de tradição marista, adota a abordagem educativa de Marcelino Champagnat para a educação das crianças e dos jovens, do jeito de Maria.
127. As **circunstâncias** e **características** dos Colégios Maristas espalhados pelo mundo variam muito, dependendo do contexto social, cultural, político e dos distintos dispositivos legais. Podem estar localizados em zona rural ou urbana. Incluem os diversos níveis de educação: infantil, básica, superior, e a formação docente. Funcionam em regime de externato e de internato. Tanto podem pertencer integralmente ao Instituto como ser dirigidas por Províncias, em convênio com a diocese, a paróquia ou o poder público.
128. Em todas essas nossas instituições escolares, expressamos o nosso sentido de parceria na Missão, na medida em que, unidos, constituímos uma única **comunidade educativa**: professores, funcionários e pais,¹³² apoiando-se mutuamente nos seus papéis complementares.

¹³⁰ Jacques DELORS, *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo, Cortez : Brasília, MEC/UNESCO, 1998. p. 89-102; *Guia das Escolas*, p. 216-217.

¹³¹ *Gravissimum Educationis Momentum*, 8; *A Escola Católica* (todo o documento, mas particularmente os artigos 38-43).

¹³² *Constituições*, 88; cf. *A Escola Católica*, 61.

Juntos, buscamos desenvolver um padrão de relacionamento que reflita o Evangelho e os nossos ideais maristas, e que testemunhe os valores que desejamos transmitir aos nossos educandos.

129. Juntos, desenvolvemos **um projeto educativo** e um **conjunto de valores norteadores**, baseados na ampla visão da Educação Marista apresentada neste documento.¹³³ Tal projeto explicita a nossa identidade, o nosso ideal educativo, a nossa característica peculiar no contexto local e as nossas prioridades. Constitui-se como fonte de inspiração e referência para o planejamento, a execução e a avaliação das estruturas e das atividades educativas.¹³⁴

Processo educativo iluminado pela fé

130. Os nossos educandos são o centro das nossas preocupações em tudo o que concerne à vida e à organização escolar. Ajudamo-los a adquirir conhecimentos, competências e valores, por meio da descoberta do mundo, dos outros, de si mesmos e de Deus.¹³⁵
131. Sabemos que **os educandos não são iguais** nas suas capacidades pessoais nem nos seus contextos culturais, familiares, religiosos e financeiros. Nos Colégios Maristas, somos sensíveis a tal diversidade, nas nossas políticas educacionais, práticas pedagógicas e quando avaliamos a sua conduta e desempenho acadêmico.
- 132 Seguindo Marcelino Champagnat, encorajamos as crianças e os jovens no **esforço de superação**, para que dêem o melhor de si mesmos.¹³⁶ Comunicamos a nossa

¹³³ Cf. capítulos 3, 4 e 5 deste documento.

¹³⁴ *A Dimensão Religiosa da Educação*, 24, 100-102; Cf. *Constituições*, 87; *A Escola Católica*, 4.

¹³⁵ *Guia das Escolas*, p. 221.

¹³⁶ *Vida*, p. 485-486.

crença no seu potencial de crescimento e de êxito.¹³⁷ Concedemos atenção especial aos educandos mais **fracos e vulneráveis**. Criamos situações de aprendizagem, onde cada um possa alcançar os resultados propostos e, assim, sentir-se seguro.

133. Definimos **programas educacionais, conteúdos curriculares e métodos de ensino** à luz do nosso projeto educativo e do que há de melhor no pensamento pedagógico e educacional. Procuramos atender às aspirações dos educandos e dos seus pais no que concerne aos componentes curriculares e às possibilidades de opções universitárias e de qualificações profissionais. Contando com assessoria externa, procuramos garantir que a educação que oferecemos **seja social e culturalmente relevante**, a longo prazo.
134. Empregamos métodos de ensino que favoreçam uma aprendizagem **ativa**, em lugar de mecânica. Fomentamos a expressão pessoal dos educandos por meio de projetos culturais, literários, artísticos, científicos e técnicos. Onde possível, proporcionamos oportunidades para experiências concretas de trabalho na comunidade, fora do ambiente escolar.
135. Promovendo a **participação** e a **criatividade** no processo de aprendizagem, contribuímos para que o aluno adquira autoconfiança. Buscamos não apenas desenvolver seu conhecimento e competência, mas levá-lo a aprender como trabalhar e pesquisar em equipe, a se comunicar efetivamente com os outros e a assumir responsabilidade.
136. Na nossa ação educativa, ajudamos o educando a desenvolver o seu **juízo crítico** sobre os valores subjacentes nos conteúdos que estudam. Levamo-los a refletir sobre as aspirações espirituais da humanidade e

¹³⁷ *Guia das Escolas*, p. 291-292; cf. *Règles*, cap. V, n. 16; *Cadernos Maristas*, I, p. 42.

sobre o modo como vêm sendo expressas, nos diversos contextos culturais, ao longo da história.¹³⁸

137. Coerentes com o nosso ideal de proporcionar uma **educação verdadeiramente integral**, incluímos nas experiências de aprendizagem dos nossos educandos a educação física, da saúde e do meio ambiente. Estimulamos as **atividades esportivas** como meio para desenvolver as suas habilidades físicas e a sua coordenação motora, a formação da personalidade, o espírito de equipe, a disciplina pessoal, o reconhecimento das suas próprias limitações, a capacidade de aceitar o fracasso e o desejo de obter êxito.
138. Na formação dos nossos educandos, damos especial destaque para o uso dos **modernos meios de comunicação social**, tais como a imprensa, a televisão, o cinema e a tecnologia da informação. Desenvolvemos as suas habilidades para que participem plenamente da sociedade contemporânea e para que estejam conscientes de como esses meios os estão influenciando para o bem ou para o mal.¹³⁹
139. Somos empreendedores, nossos Colégios Maristas, na dotação de **materiais** e de **recursos**, exigidos pelas rápidas transformações econômicas, tecnológicas, científicas e sociais. Ao realizá-lo, procuramos ser prudentes no nosso orçamento e contribuições escolares solicitadas às famílias, de modo que não se excluam os menos favorecidos.
140. As nossas instituições escolares estão abertas a todos os educandos, independentemente das suas crenças religiosas, desde que as suas famílias aceitem nosso projeto educativo. Respeitosos da sua liberdade pessoal, oferecemos **formação moral e espiritual para todos**. Atuamos para que dêem sentido às suas vidas e se

¹³⁸ *A Dimensão Religiosa da Educação*, 51-55.

¹³⁹ *Christifideles Laici*, 44; cf. *Vita Consecrata*, 99.

comprometam a respeitar a integralidade da criação e a viver honestamente.¹⁴⁰

141. Em todas as nossas instituições escolares, estabelecemos estruturas de **atendimento pessoal** e de **orientação**. Assim, será possível conhecer melhor os nossos educandos, proporcionar-lhes o devido acompanhamento e favorecer o seu desenvolvimento pessoal e habilidades sociais. Para aqueles que apresentam dificuldades particulares, facilitamos o acesso a orientadores ou outros profissionais.
142. Quando as sanções disciplinares são necessárias, respeitamos a dignidade pessoal dos nossos educandos. Repudiamos os castigos corporais, as penalidades humilhantes ou qualquer severidade excessiva.¹⁴¹ Pelo contrário, apelamos ao senso de **responsabilidade pessoal e coletiva** dos educandos.¹⁴²
143. A nossa tradição marista, no que se refere à **disciplina**, enfatiza a criação de um ambiente estimulador e fraterno, de **calma** e **ordem**, em que os educandos possam estudar e aprender, em que se possam **prevenir** os problemas antes que ocorram. Os regulamentos das nossas instituições escolares devem refletir claramente o nosso compromisso “com o espírito evangélico de liberdade e de caridade”.¹⁴³

¹⁴⁰ *Guia das Escolas*, p. 153-154; *A Dimensão Religiosa da Educação*, 108; cf. capítulo 4 deste documento, particularmente os artigos 87-90.

¹⁴¹ *Vida*, p. 490-497; *Guia das Escolas*, p. 187-188; *Guide des Écoles*, p. 159.

¹⁴² *Guia das Escolas*, p. 180-186. *Vida*, p. 493-494; *Guide des Écoles*, p. 111-114, 128, 135-137, 150-151, 159.

¹⁴³ *Gravissimum Educationis Momentum*, 8.

Empregamos os nossos esforços para fazer das nossas instituições escolares centros de evangelização.

144. Fiéis à nossa Missão de evangelizar por meio da educação,¹⁴⁴ com a finalidade de ajudar os nossos alunos a “*harmonizar fé, cultura e vida*”,¹⁴⁵ desenvolvemos **projetos explícitos para alimentar a sua fé pessoal e seu compromisso social.**
145. No centro do nosso currículo escolar está o programa de **educação religiosa**, que deve ser abrangente, sistemático e de acordo com as orientações da Igreja.¹⁴⁶ O nosso objetivo é familiarizar os nossos educandos com a história de Jesus e com o que isso significa para ser cristão no mundo de hoje. Oferecemos, sempre que oportuno, iniciação sacramental em colaboração com as paróquias.
146. Nas **aulas de educação religiosa**, focalizamos os educandos e não apenas os conteúdos: “*falamos-lhes e os deixamos falar*”,¹⁴⁷ buscando ajudá-los a descobrir valores nos quais fundamentem as suas vidas. **Além da sala de aula**, oferecemos outras oportunidades para que expressem e desenvolvam a sua fé. Organizamos grupos de oração, retiros e outras experiências espirituais, abertas para todos.¹⁴⁸ **Celebramos a nossa fé**, nos momentos especiais do ano, com liturgias cuidadosamente preparadas, nas quais se reúne a comunidade cristã dos pais, educadores e educandos.
147. Estamos atentos ao **clima religioso** da escola, como, por exemplo, o que diz respeito a imagens, orações diárias e

¹⁴⁴ Ver capítulo 4 deste documento.

¹⁴⁵ *Evangelii Nuntiandi*, 19; cf. *A Dimensão Religiosa da Educação*, 51-54.

¹⁴⁶ *A Dimensão Religiosa da Educação*, 98-99.

¹⁴⁷ *A Dimensão Religiosa da Educação*, 72.

¹⁴⁸ *Irmãos Solidários*, p. 15 (n. 31).

espaços para o sagrado. Encorajamos expressões da nossa visão cristã do homem, do mundo e de Deus, mediante a linguagem e os símbolos contemporâneos, especialmente criações artísticas.

148. Para **os jovens que desejam continuar aprofundando sua formação espiritual**, iniciamos movimentos apostólicos dentro da escola. Acompanhamo-los de perto, no seu processo de amadurecimento progressivo, ajudando-os a crescer dentro da dinâmica desses movimentos.¹⁴⁹

149. Para aqueles que desejam identificar-se mais estreitamente com a nossa espiritualidade marista, criamos **movimentos apostólicos maristas**. Coerentes com a nossa tradição, priorizamos a formação na oração, um forte compromisso social e eclesial e uma experiência significativa de comunidade. Apresentamos Maria e Marcelino Champagnat como modelos da nossa caminhada para Jesus.

150. Integramos as nossas instituições escolares no plano de pastoral da Igreja local. Nos países em que a Escola Católica se tem tornado a principal experiência de Igreja para muitos educandos e educadores, assumimos as responsabilidades pastorais e missionárias que isso implica, encorajando os católicos a se unirem à comunidade da sua Igreja local.¹⁵⁰

151. Embora todos partilhem da responsabilidade pela vida de fé na escola, desenvolvemos estruturas de **animação pastoral** para coordenar os nossos esforços. Além de desempenharmos papel ativo na educação religiosa e nas atividades pastorais, nós, que estamos diretamente envolvidos neste apostolado, buscamos estar mais próximos pessoalmente dos educandos e dos colegas de

¹⁴⁹ *Irmãos Solidários*, p. 15 (n. 32); *Constituições*, 87.1.

¹⁵⁰ *A Escola Católica*, 72; *Carta aos Superiores Gerais*, p. 7.

trabalho, provendo o acompanhamento necessário e requerido.

152. Educamos **pela solidariedade**, sobretudo acolhendo, na mesma instituição escolar, crianças e jovens de diferentes contextos sociais e religiosos, assim como educandos desfavorecidos e marginalizados.¹⁵¹ Para ajudar os nossos educandos a viver de maneira positiva essa diversidade crescente nas nossas obras apostólicas, educamo-los para o **diálogo** e para a **tolerância**.¹⁵² Criamos um clima de aceitação, respeito mútuo e de ajuda, encorajando os mais fortes a apoiar os mais débeis.
153. Educamos **para a solidariedade**, apresentando-a como “*a virtude cristã dos nossos tempos*”,¹⁵³ como imperativo moral para toda a humanidade, no quadro da atual interdependência global e das penetrantes “estruturas de pecado”.¹⁵⁴ Incorporamos o desafio da solidariedade no nosso currículo, assim como ensinamos a Doutrina Social da Igreja em nossas aulas de educação religiosa e de ética.
154. Desenvolvemos a **abertura** em face das necessidades materiais, culturais e espirituais da humanidade, em uma perspectiva local e global. Envovemos os nossos educandos em ações caritativas que os ponham em contato com situações de pobreza que lhes estão próximas e mobilizamos toda a comunidade educativa para expressões concretas de solidariedade.¹⁵⁵
155. Por meio do nosso trabalho em centros de **formação docente**, além de prover a formação profissional, buscamos comunicar a nossa visão integral da educação e garantir a

¹⁵¹ *A Escola Católica*, 58; Jacques DELORS, op. cit. p. 98-99.

¹⁵² Cf. *Ecclesia in Africa*, 102.

¹⁵³ Ir. Charles HOWARD. *Um apelo urgente: Sollicitudo Rei Socialis*. Circulares, v. XXIX. p. 266, 275.

¹⁵⁴ *Sollicitudo Rei Socialis*, 36-37.

¹⁵⁵ *Irmãos Solidários*, p. 21 (n. 16).

preparação para a catequese e a educação religiosa. Acompanhamos cada um, pessoalmente, na sua integração de fé, cultura e vida, como convém a futuros educadores cristãos. Também os animamos a oferecer seu serviço educativo, pelo menos durante algum tempo, em regiões mais carentes.

156. A nossa presença no campo do **ensino superior** nos oferece um contexto privilegiado para promover o diálogo entre fé e pensamento contemporâneo. Apresentamos elevados padrões acadêmicos de ensino e pesquisa, contribuindo para o progresso social e cultural, e proporcionando capacitação profissional e formação pessoal para os futuros líderes. Pelo nosso apostolado universitário, ajudamos os estudantes a integrar o seu desenvolvimento na fé com ética pessoal e sentido de justiça social.¹⁵⁶

157. Convidamos os nossos **ex-alunos**, em particular os mais jovens, a integrarem as nossas ações pastorais e sociais, e a expressarem a formação que receberam sua vida pessoal e na sua atividade profissional.

Transformando as nossas instituições escolares.¹⁵⁷

158. **Evitamos toda a forma de elitismo.** Asseguramo-nos de que “os resultados acadêmicos, a reputação e o lucro nunca sejam obstáculos para a abertura das nossas escolas para os menos dotados ou que pertençam a famílias economicamente menos favorecidas”.¹⁵⁸ Naquelas situações em que não existem subsídios do governo para a manutenção das Escolas Católicas, apelamos à

¹⁵⁶ *Vita Consecrata*, 97.

¹⁵⁷ Ir. Benito ARBUÉS. *Caminhar em paz, mas depressa*. Circulares, v. XXX, I. p. 21 (n. 10); p. 45 (n. 32).

¹⁵⁸ *Irmãos Solidários*, p. 21 (n. 16).

solidariedade de todos, a fim de assegurar o acesso dos materialmente pobres.¹⁵⁹

159. **Adaptamos o currículo** por nós oferecido, onde isso seja possível, para melhor atender às aptidões dos educandos e responder às realidades sociais sempre em mudança, incluindo programas de orientação vocacional que preparam a sua inserção no mundo profissional e no mercado de trabalho em geral.
160. Em colaboração com outros, **fundamos novas instituições escolares**, ou deslocamos as já existentes, colocando-as a serviço das famílias das regiões mais empobrecidas ou densamente povoadas, ou daquelas à margem da sociedade. Demonstramos similar iniciativa, ao estabelecermos centros profissionalizantes para atender às aspirações dos que buscam uma educação complementar ou dos excluídos do sistema educativo.
161. Identificamos, quanto antes, os educandos que estão em **“situação de risco”** e, em consonância com as suas famílias, elaboramos as estratégias adequadas de intervenção. Para tais crianças e jovens, e para os que possuem **deficiências**, desenvolvemos outros serviços especializados ou mesmo estabelecemos escolas alternativas.
162. Nas situações em que **os educandos e as suas famílias estão submetidos a séria exploração**, adotamos uma abordagem educativa baseada na comunidade, adaptada ao contexto social e especialmente orientada para ajudar tais crianças e jovens, a fim de que se tornem agentes da sua própria emancipação e da transformação social.

Somos todos chamados a ser líderes.

163. Na condição de educadores, todos somos chamados a exercer **liderança profissional e pastoral**. Participamos de

¹⁵⁹ *Vida*, p. 482-483.

programas de formação continuada em serviço, a fim de qualificar a nossa competência pessoal nesses domínios, buscar juntos as estratégias e os métodos mais apropriados na educação da juventude de hoje e para aprofundar a nossa compreensão do caráter específico da espiritualidade e da educação católica marista.

164. De modo especial, os **nossos diretores** são desafiados a ser pessoas de visão, a viver o núcleo dos valores maristas e a guiar outros a vivê-los. Mais do que qualquer um, representam Marcelino Champagnat para a comunidade educativa, conduzindo-a com confiança e otimismo, animados pela espiritualidade apostólica marista.
165. Desempenhamos papel ativo nos organismos de **Educação Católica** dos nossos países. Partilhamos a nossa experiência educativa e evangelizadora, e aprendemos com a experiência dos outros. Juntos, cooperamos com as autoridades da Igreja, para que se mantenham em contato com a realidade do nosso apostolado. Por meio de tais organismos, da mesma forma, procuramos contribuir com a definição das práticas e políticas educacionais em âmbito local e nacional.
166. Na ação diária, árdua e laboriosa da vida escolar contemporânea, permanecemos **pessoas de esperança**, animadoras das crianças e dos jovens. Para todos, tanto a nós quanto aos nossos educandos, apresentamos um convite à fé, de nos tornarmos “**uma humanidade nova**”, pessoas de imaginação, de compromisso e de amor.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Ef 4,24.

7. Em Outras Estruturas de Educação.

Vamos aos jovens.

167. No centro do carisma de Marcelino Champagnat, está a constante busca pelo modo mais eficaz de alcançar as crianças e os jovens. O seu exemplo inspira as nossas intuições e energias criativas como **apóstolos maristas**. Buscamos ser a face humana de Jesus no meio dos jovens, ali onde eles se encontram.
168. Marcelino Champagnat **reunia** as crianças para as aulas de catecismo. **Percorria** ele mesmo os lugarejos e ali **enviava** seus Irmãos. **Preocupava-se**, de modo especial, com os que eram pobres e órfãos, acolhendo-os, em La Valla e l'Hermitage, e fazendo tudo o que podia para seu o bem-estar e educação deles.¹⁶¹
169. Movido pelas **necessidades e aspirações clamorosas da juventude de hoje**, principalmente aquela mais desfavorecida e violentada, buscamos **multiplicar os nossos modos de participar** das suas vidas e do seu mundo.¹⁶² Com espírito missionário, estamos abertos a todas as crianças e jovens, independentemente da sua crença, sabendo que não podemos trilhar o mesmo caminho com cada um deles na nossa missão de evangelização.
170. Cada uma das nossas ações apostólicas se insere na visão **integral** da nossa Missão. Como irmãos e irmãs das crianças e dos jovens, preocupamo-nos com o seu completo bem-estar e os acompanhamos no seu relacionamento consigo mesmos, com os outros, com o mundo e com Deus.¹⁶³

¹⁶¹ *Vida*, p. 70, 75-76, 458-459; *Cadernos Maristas*, I, p. 33.

¹⁶² *Irmãos Solidários*, p. 16 (n. 33).

¹⁶³ Nossa Missão Evangelizadora aparece no Capítulo 4 deste documento.

171. Nosso **estilo marista próprio** caracteriza todas as nossas atividades e projetos.¹⁶⁴ Estamos convencidos do valor educativo e da qualidade das relações entre nós e os jovens, e da importância de sermos autênticos na sua presença, para se sentirem à vontade conosco. Estamos igualmente convencidos do valor do trabalho e de realizá-lo em conjunto, principalmente nas situações em que as pessoas estão inclinadas à passividade ou ao desânimo. Esses valores adquirem especial importância quando agimos de modo **não estruturado**, fora do contexto da educação formal. Nós partimos de onde eles estão.

Lá onde eles estão.

172. Buscamos as oportunidades de **estarmos presentes junto** às crianças e aos jovens, onde se reúnem no seu tempo livre, como nas práticas esportivas e na recreação, nas atividades culturais e artísticas, nos bairros ou nas paróquias, nos acampamentos e nos diversos movimentos, como o escotismo. Quando necessário, assistimo-los na organização de tais atividades, após o horário escolar, nos fins-de-semana ou durante as férias. Empenhamo-nos particularmente para estar presentes como agentes de pastoral entre as crianças e os jovens carentes: por exemplo, nas ruas, nas periferias e até nas penitenciárias.

173. Em colaboração com a Igreja, com a comunidade local, com organizações não-governamentais ou com organismos governamentais, ou ainda por iniciativa própria, criamos **centros** de recreação e de esportes, **instalações** onde eles possam ter a oportunidade de se encontrar e de expressar o seu talento criativo. Em áreas de particulares necessidades, organizamos locais de estudo e bibliotecas, e ainda pensionatos estudantis.

174. Estimulamos, dentro dos grupos, o seu **natural convívio social**, a sua criatividade e sensibilidade para com os

¹⁶⁴ Cf. capítulo 5 deste documento.

outros. Buscamos, de modo espontâneo, estabelecer um diálogo que atinja as suas preocupações pessoais e familiares. Colaboramos para que estabeleçam contato com outros programas e serviços disponíveis na comunidade, ou com aqueles que nós mesmos organizamos.

175. Desenvolvemos a sua **consciência crítica** sobre os valores do seu mundo e da cultura popular, tão influenciados pela *mídia*, principalmente pela música e pela indústria do entretenimento, e pelo relacionamento com os companheiros. Mediante a nossa interação com eles, até mesmo promovendo **espaços nos meios de comunicação**, especialmente dirigidos para eles, fomentamos valores sociais positivos, articulando fé, cultura e vida em uma linguagem que lhes seja acessível.¹⁶⁵
176. Criamos oportunidades para **projetos de convivência e de solidariedade comum** entre os jovens de diferentes classes sociais, culturas e estilos de vida. Assim, desenvolvemos a sua abertura de espírito e os iniciamos no hábito de partilhar tempo, talento e habilidade no serviço do próximo.
177. Mesmo nas circunstâncias em que não seja possível nem apropriado falar diretamente de Jesus e do Evangelho, ou quando os jovens demonstrem pouca inclinação para assuntos religiosos, ainda assim nutrimos a sua **espiritualidade**. Ajudamo-los a dar sentido às suas vidas, a incorporação dos valores humanos e a progredir em sua caminhada de fé.
178. Atuar nesses contextos apostólicos com os jovens exige **equilíbrio pessoal** e **maturidade**, discernimento, criatividade, senso de humor, paciência, flexibilidade, o dom de ouvir e espírito de fé. Precisamos estar dispostos a dedicar o tempo que for necessário para conquistar a sua

¹⁶⁵ *Christifideles Laici*, 44.

confiança, não nos impondo a eles, mas assegurando a própria liderança nas suas atividades.

Por meio de ações pastorais

179. Para aqueles que expressam o desejo de aprofundar a sua fé e o sentido de pertença à Igreja, oferecemos oportunidades de **experiências de oração e de comunidade cristã** mais intensas, e de participação em **atividades apostólicas**,¹⁶⁶ seja criando-as por iniciativa nossa ou vinculando-nos às já existentes na Igreja local. Tomamos medidas para assegurar que, na Igreja local, todos os jovens encontrem acolhida, sejam ouvidos e possam ter iniciativas.¹⁶⁷ Estabelecemos centros destinados a essa pastoral, a serviço dos nossos próprios programas ou da Igreja em geral.
180. Adaptamos a nossa ação apostólica à **idade, características e circunstâncias**¹⁶⁸ de cada grupo, em particular com aqueles com os quais trabalhamos: por exemplo, aqueles que ainda freqüentam a escola, grupos paroquiais, jovens de zona rural ou urbana, jovens trabalhadores e estudantes universitários, jovens com forte vínculo e aqueles com pouca ou nenhuma ligação com a Igreja, jovens com recursos financeiros ou deles desprovidos.
181. Adotamos um estilo pastoral **simples e experiencial**. Aos jovens apresentamos modelos de vida cristã que lhes permitam descobrir, nas suas próprias vidas, o significado de ser cristão hoje. Organizamos atividades especiais tais como seminários, festivais, vigílias de oração, celebrações religiosas, retiros e peregrinações. Individualmente ou em pequenos grupos, ajudamo-los a articular os seus ideais e

¹⁶⁶ *Irmãos Solidários*, p. 15 (n. 32); Cf. capítulo 4 deste documento, artigos 69-85.

¹⁶⁷ João Paulo II. *Mensagem aos Jovens*, 1993.

¹⁶⁸ Cf. capítulo 4 deste documento, artigos 86-90.

convertê-los em objetivos adequados à sua idade e contexto social.

182. Convidamos os **jovens em idade escolar**, que já assumiram, de alguma forma, nas suas vidas, convicções cristãs, a se unirem à nossa pastoral; por exemplo, em programas catequéticos para crianças, como animadores de movimentos de juventude, e em outras atividades pelas quais eles podem evangelizar outros jovens.
183. A nossa ação pastoral com **jovens adultos** enfatiza a sua maturidade pessoal na fé e o seu compromisso social e eclesial. Além das atividades já mencionadas, oferecemos acompanhamento pessoal, ajudando-os na sua experiência de vida.¹⁶⁹ Iniciamo-los na espiritualidade apostólica marista e em como vivê-la na Igreja local. Oferecemos-lhes o apoio de uma rede de relações com outros jovens da sua idade. Junto com eles, elaboramos um plano abrangente para a formação continuada, de acordo com as suas necessidades e dedicamos tempo suficiente para a sua realização.
184. Além disso, encorajamo-los no seu envolvimento em programas **missionários** e de **voluntariado**, no exterior ou em seu país, em regiões remotas ou carentes. Oferecemos-lhes a possibilidade de viverem, durante algum tempo, como membros de uma comunidade apostólica marista.¹⁷⁰ Promovemos o seu **sentido vocacional**, incluindo as opções para a vida religiosa e o sacerdócio.¹⁷¹
185. Formamos os jovens que têm fé para que sejam **líderes cristãos** na sociedade.¹⁷² Acompanhamo-los no seu desejo de serem sensíveis e solidários com os problemas de outros povos e culturas. Oferecemos-lhes a oportunidade de estudar a Doutrina Social da Igreja.

¹⁶⁹ Cf. *Guia da Formação*, p. 143 (acompanhamento).

¹⁷⁰ *Irmãos Solidários*, p. 15 (n. 29); cf. *Avis*, p. 225-226.

¹⁷¹ *Irmãos Solidários*, p. 14 (n. 23, 26).

¹⁷² João Paulo II, *Mensagem aos jovens*, 1993.

186. Como apóstolos da juventude, estamos convencidos de que o melhor serviço que prestamos para todos é por meio do testemunho da **alegria das nossas vidas**, como modelo do que seja um **cristão engajado** no mundo de hoje. Alimentamos **nossa própria espiritualidade** por meio do nosso relacionamento pessoal com Jesus Cristo, para sermos mais capazes de partilhar a fé com os jovens.
187. Mantemo-nos atualizados no que se refere aos avanços dos estudos teológicos, das ciências sociais e educacionais, e à teoria e à práxis da pastoral juvenil. Desenvolvemos a nossa competência na **liderança de grupos**, bem como a nossa formação em **direção espiritual e na orientação pessoal**.
188. Com os nossos amigos ou companheiros de pastoral, **partilhamos as experiências**, os sofrimentos e as alegrias que nos envolvem, bem como o modo como tomamos consciência da presença de Deus no nosso trabalho. Nesse sentido, também, procuramos ser objetivos quanto à qualidade de nosso trabalho e à maneira como ele nos afeta pessoalmente.
189. Estabelecemos vínculos e participamos ativamente nos **organismos de coordenação** da pastoral juvenil em âmbito paroquial, diocesano e nacional.

Mediante programas de educação informal

190. Trabalhamos com grupos de crianças e jovens em **regiões carentes e situações de marginalização**, cujas necessidades não sejam atendidas por estruturas de educação formal. Junto com eles, com as suas comunidades, com organismos governamentais e não-governamentais, analisamos a realidade, para identificar as **necessidades reais** e desenvolver possíveis **soluções**. Por meio de contatos com esses grupos, asseguramos que a nossa intervenção seja parte de um projeto integrado de desenvolvimento comunitário.

191. Os programas com os quais nos comprometemos podem ser de **curto** ou **longo prazo**; por exemplo, de alfabetização, de reforço escolar, de estudo da língua nacional para imigrantes, de desenvolvimento pessoal, de educação para a saúde e de prevenção contra as drogas, de relações humanas, de educação infantil e oficinas com temas sociais ou culturais, de desenvolvimento comunitário e orientação profissional, de expressão artística e formação de líderes.
192. Nesses programas, **educamos para a vida**. Buscamos promover o bem-estar individual e a qualidade de vida de toda a comunidade. Mediante essas atividades, estabelecemos igualmente contato com os jovens no âmbito da fé e definimos um forte e prático sentido de **solidariedade** entre eles, que possa estender-se aos outros.
193. Para atuar em tais ambientes, temos de ser **pessoas com iniciativa**, esperança e perseverança diante dos fracassos, sem esperar resultados imediatos. Necessitamos, ainda, da capacidade de interessar outras pessoas no valor do nosso projeto. Com frequência, tudo isso exige de nós agir com recursos escassos. Precisamos ser bons comunicadores, competentes no que empreendemos e **capazes de trabalhar em equipe** e mesmo de coordenação.
194. Conhecendo os desafios de trabalhar em pequeno número, como pode ocorrer no caso das ações acima mencionadas, empenhamo-nos em construir um sólido **espírito de família** para o nosso próprio apoio e pela influência formativa que significa para as crianças e jovens a quem desejamos servir. Fazemos nossas **“as alegrias e as esperanças, os sofrimentos e as angústias”**¹⁷³ deles e das suas famílias. Podemos optar ainda por viver entre

¹⁷³ *Gaudium et Spes*, 1.

eles, partilhando a sua vida de modo mais direto, como testemunho do nosso compromisso para com eles.¹⁷⁴

Mediante programas sociais

195. Para alguns jovens, especialmente aqueles que estão em **“situação de risco”** ou **às margens da sociedade**, as estratégias de nos colocarmos ao seu serviço tem caráter mais claramente social do que as outras abordagens descritas anteriormente. Com eles e suas famílias e, quando possível, em colaboração com outros grupos e programas governamentais, desenvolvemos programas e projetos adequados.
196. Os **serviços** que oferecemos incluem, por exemplo, casas para “meninos e meninas de rua”; abrigos para menores e órfãos; centros para crianças e jovens submetidos a situações familiares problemáticas; centros de apoio a famílias desagregadas; projetos para deficientes, grupos étnicos minoritários, imigrantes e refugiados; centros de reabilitação e programas para jovens dependentes de drogas ou aidéticos; e programas de auxílio a jovens encarcerados, ex-presidiários ou com problemas com a lei.
197. Adotamos medidas para atender às **necessidades físicas e materiais** mais imediatas dessas crianças e jovens, por meio de ação preventiva e assistência direta. Tentamos, contudo, complementar esse tipo de ação com **estratégias educativas** adequadas para dilatar, a longo prazo, a sua capacidade de se assumirem com autonomia.
198. Em razão das experiências negativas que seguidamente esses jovens têm vivido, empreendemos esforço especial para criar um **ambiente estável** em que se sintam respeitados, valorizados e amados. Mediante programas de aconselhamento e desenvolvimento pessoal, e de pequenos projetos que eles próprios possam realizar,

¹⁷⁴ Cf. *Irmãos Solidários*, p. 21 (n. 19).

buscamos desenvolver a sua autoconfiança e restaurar a sua auto-estima.

199. Ajudamos os jovens a adquirir as habilidades e atitudes de que necessitam para se **integrarem melhor na sociedade**. Criamos situações em que eles possam experimentar viver e trabalhar juntos, e onde são colocados em face das conseqüências dos seus atos. Assim os educamos para a liberdade pessoal, a fim de que se tornem independentes da pressão dos colegas, e para a necessidade de assumirem responsabilidade na vida.
200. O relacionamento **familiar** é aspecto importante da integração social dos jovens em “situação de risco” na sociedade. Estamos atentos às necessidades do conjunto da família, agindo gradualmente para a reintegração, naquelas situações em que isso é possível, e para a reconciliação onde se faz necessária.
201. **Avaliamos** regularmente os resultados da nossa ação pastoral, sempre buscando os mecanismos mais eficazes para propiciar aos jovens a conquista de maior autonomia pessoal. Reconhecendo as nossas próprias limitações em lidar com jovens desorientados ou em crise, procuramos proporcionar a ajuda de que necessitam por meio de **assistência profissional externa**.
202. Atendemos às suas **necessidades espirituais**, sendo para com eles pessoas de fé, esperança e amor, e falando-lhes do especial amor de Deus pelos mais pobres e abandonados. Encorajamos sua **transformação interior**, a partir da experiência desse amor incondicional e de uma crescente aceitação própria e auto-estima.
203. Formamos a sua **consciência social**, despertando-os para as situações freqüentemente desumanas em que se encontram e ajudando-os a se tornarem ativos na transformação da sua própria realidade e no

desenvolvimento da comunidade.¹⁷⁵ Educamo-los para a resolução não violenta de conflitos. Ajudamo-los a analisar o seu contexto social, político e cultural, e ensinamos-lhes a Doutrina Social da Igreja.¹⁷⁶

204. Junto com outras pessoas e instituições, aceitamos **lutar pela defesa** da infância e da juventude, quando são vítimas ou seus direitos e bem-estar estejam sendo desrespeitados de qualquer forma, visando a uma maior justiça social. Comunicamos à nossa comunidade provincial as experiências e as preocupações que surgem, buscando, quando apropriado, o apoio de todos.
205. Antes de nos engajarmos nesse apostolado com crianças e jovens em “situação de risco” ou à margem da sociedade, capacitamo-nos **pessoal, profissional e pastoralmente**. Também, capacitamo-nos periodicamente nessas áreas, participando de programas de formação permanente e contribuindo para que sejam abertos a jovens trabalhadores.
206. Tal trabalho exige de nós **autenticidade**, equilíbrio e maturidade. Impele-nos a maior **simplicidade** de vida. Estamos conscientes de que, muitas vezes, não vemos de **imediate** os resultados dos nossos esforços ou não recebemos reconhecimento social. Algumas vezes, experimentamos a frustração e um sentimento de fracasso. Essas realidades nos instigam a desenvolver a nossa **espiritualidade pessoal**, a nossa fé de que é obra do Senhor o que estamos realizando e a nossa esperança no que o Senhor promete aos que trabalham “em seu nome”.¹⁷⁷ É a espiritualidade da Cruz e da Ressurreição, que é capaz

¹⁷⁵ *Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina - Conclusões da Conferência de Puebla*, 1030.

¹⁷⁶ *Ibid.* 1033.

¹⁷⁷ At 3,1-8.16; 4,10-12.

de abraçar as histórias de sofrimento que esses jovens vivem e partilham conosco.¹⁷⁸

207. Trabalhar com os jovens, cujas vidas são marcadas por extrema pobreza, abuso ou experiências traumáticas de violência, guerra ou desagregação familiar causa impacto sobre o **nosso bem-estar**. Isso pode fazer brotar de nós profundas atitudes humanas que, de outro modo, nunca conheceríamos. Mas podemos também experimentar doenças físicas, psíquicas e espirituais. Cumpre-nos estar atentos a isto para o nosso próprio bem e para a nossa eficácia profissional e apostólica.
208. Somos conscientes das nossas **limitações** pessoais e do que podemos fazer. Lidamos com as nossas próprias reações e partilhamos as nossas experiências com os companheiros. Sempre que necessário, buscamos assessoria profissional e aconselhamento pessoal. De vez em quando, afastamo-nos do nosso trabalho para atender às nossas necessidades espirituais e para mudar de ambiente, em companhia de outros de quem nos sentimos próximos.

Trabalhadores do Reino de Deus

209. Assumimos as mais desafiadoras realidades da nossa cultura e época, tão profundamente entranhadas nas vidas dos jovens excluídos e desesperançados que encontramos no nosso apostolado. Como fruto da **nossa presença atenta e portadora de esperança**, mesmo com sacrifício pessoal, e por meio da **nossa voz na Igreja e na sociedade**, contribuímos para tornar o mundo mais de acordo com o Reino de Deus, onde todo o seu povo tem a oportunidade de viver com dignidade humana.
210. A nossa vocação de educadores, nesses serviços educativos, pastorais e sociais, é um chamado a ser

¹⁷⁸ *Irmãos Solidários*, p. 28 (n. 26); *Constituições*, 71.

profetas, principalmente para os “*pequeninos*”,¹⁷⁹ aqueles que estão à margem da sociedade. Buscamos ser a luz que ilumina o seu caminho até a Luz, Jesus Cristo.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Mt 25,34-40.

¹⁸⁰ Jo 1,9.

8. OLHAMOS PARA O FUTURO COM AUDÁCIA E ESPERANÇA

Em cada canto do mundo, existem milhares de crianças e de jovens cujas vidas estão sendo tocadas por nós. Como Educadores Maristas, experimentamos as alegrias e as dificuldades em trabalhar com eles. Reconhecemos o bem que podemos fazer. Acreditamos no seu futuro.

Creemos na permanente atualidade do carisma de Marcelino Champagnat.

Creemos na nossa parceria na missão como Educadores Maristas.

Creemos na nossa vocação para o apostolado das crianças e jovens, com especial amor pelos pobres e excluídos.

Creemos na nossa Missão de orientar as crianças e os jovens nos valores humanos, na construção de um mundo melhor, e de *fazer Jesus Cristo conhecido e amado*.

Creemos que, como Maria fez com Jesus, para educar as crianças e os jovens é preciso, antes de tudo, amá-los, e amá-los igualmente.

Creemos no valor da educação integral oferecida nas nossas instituições escolares.

Creemos no significado da nossa presença esperançosa e criativa entre as crianças e os jovens, especialmente os mais abandonados, em todas as nossas ações apostólicas.

8.1. Com uma Missão dinâmica

Marcelino Champagnat iniciou um movimento¹⁸¹ profético, aglutinando no seu tempo centenas de seguidores em torno do seu carisma. Esse mesmo carisma se perpetua hoje nas nossas atitudes e ações. Estamos sendo chamados a

¹⁸¹ *Irmão nos Institutos Religiosos Leigos*, cap. 4.

permanecer abertos ao Espírito e a modelar nosso futuro cada vez mais decisivamente de acordo com o dinamismo do seu ideal.¹⁸²

Os desafios que nós enfrentamos são, primeiramente, aqueles vividos pelas crianças e jovens: precisamos ouvir, questionar, pesquisar, rezar e olhar o mundo através de seus olhos. Optamos por não ficar inativos ou passivos diante da realidade de desigualdade social e cultural, que caracteriza todas as sociedades e que resulta ainda mais brutal quando olhada globalmente.

- Transformamos as nossas estruturas atuais.
- Encetamos novos projetos.
- Reforçamos os nossos vínculos, em nível internacional.

Em segundo lugar, desafiam-nos como educadores que partilham o carisma de Marcelino Champagnat. Queremos que a nossa prática seja coerente com o nosso discurso quando consideramos

- a nossa parceria na Missão;
- a nossa preferência pelos menos favorecidos;
- o nosso compromisso de evangelizar, por meio da educação.

8.2. Como Maria, nosso modelo.

- Como Maria da **Anunciação** (Lc 1,26-38), estamos abertos à ação de Deus nas nossas vidas, cientes de que para Ele nada é impossível. Apesar das nossas dúvidas, temores e sentimentos de impotência, aceitamos na fé o convite de Deus para participar do trabalho de propagar a Boa Nova. Em uma época de auto-suficiência, abrimos espaço para Deus.
- Como Maria da **Visitação** (Lc 1,39-45), saímos da nossa comunhão com o Senhor cheios de fé e esperança. Vamos ao encontro das crianças e dos jovens, lá onde necessitam de nós, oferecendo-lhes o nosso amor. Em

¹⁸² Ir. Benito ARBUÉS. *Circulares*, v. XXX, I, p. 41 (n. 25); p. 44-47 (n. 31-33).

uma época de individualismo, damos prioridade ao outro.

- Como Maria do **Magnificat** (Lc 1,46-55), damos graças a Deus pelo dom da vida. Em uma época em que a moral pública deixa a desejar, ficamos do lado dos pequenos.
- Como Maria de **Belém** (Lc 2,1-20), fazemos Jesus nascer nos corações dos outros. Estamos dispostos a realizá-lo nos lugares mais inóspitos. Em uma época de consumismo, vivemos com simplicidade.
- Como Maria de **Nazaré** (Lc 2,39-52), educamos e orientamos crianças e jovens; zelamos por eles, desenvolvendo o conhecimento e o amor de Deus que age nas suas vidas, e o respeito por tudo o que Ele criou. Como Maria, aceitamo-los como eles são, mesmo quando não compreendemos plenamente as suas decisões. Em uma época de busca do prazer pessoal, damos o nosso amor com generosidade.
- Como Maria de **Caná** (Jo 2,1-11), somos sensíveis às necessidades do próximo. Convidamos as crianças e os jovens a fazer tudo o que Jesus lhes disser. Em uma época de egocentrismo, somos sensíveis ao outro.
- Como Maria do **Calvário** (Jo 19,25-27), reconhecemos Jesus no rosto dos sofredores e dos oprimidos, padecendo com um coração de mãe e acreditando neles com paixão materna. Em uma época em que a esperança luta com o desespero, estamos do lado dos aflitos e moribundos.
- Como Maria do **Cenáculo** (At 1,12; 2,4), construímos comunidade em torno de nós. Em uma época de crise espiritual, testemunhamos a fé em uma nova Igreja, plena do Espírito Santo.

8.3. Firmes na Esperança

Jesus glorificado, Deus da Vida e Senhor da História, é a nossa esperança. Ele vem ao nosso encontro, caminha ao nosso lado, ouve-nos, acende a esperança em nós e nos ajuda

a desvelar o plano de Deus, mesmo em meio à confusão e às trevas da humanidade. No contato diário com as crianças e jovens, e nos nossos momentos de oração, reconhecemos sua presença. Recordamos as palavras de seus discípulos, “*Não ardia o nosso coração...?*”¹⁸³

8.4. A Missão de Marcelino Champagnat continua por intermédio de nós.

“O futuro do mundo e da Igreja pertence às jovens gerações. Cristo espera grandes coisas delas”,¹⁸⁴ Que vocação privilegiada a nossa de Educadores Maristas, Irmãos e Leigos, homens e mulheres, jovens e idosos, todos chamados a ser Marcelino Champagnat para as novas gerações! Com a mesma paixão e entrega para a Missão que incendiou o cotidiano da sua vida, também nós decidimos enfrentar hoje o futuro com audácia e esperança.

¹⁸³ Lc 24,32.

¹⁸⁴ *Tertio Millenio Adveniente*, 58.

ANEXO 1

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E APROFUNDAMENTO

Discípulos de Marcelino Champagnat

1. Que momento da vida de Marcelino Champagnat tem especial significado para você?
2. Que aspectos da sua personalidade atraem você?
3. Que elementos da sua espiritualidade são apelo para você?
4. Que fatos da história de Marcelino Champagnat falam aos corações das crianças e jovens?
5. Costuma-se dizer que vivemos em uma “época de crise”. De que modo estamos enfrentando, atualmente, desafios semelhantes aos de Marcelino Champagnat?

Irmãos e Leigos, juntos na Missão, na Igreja e no Mundo

1. Que pontos chamaram a sua atenção neste capítulo?
2. Que tem contribuído de modo significativo para a sua compreensão acerca da nossa “parceria na Missão”?
3. De que maneira você pessoalmente se identifica com o carisma de Marcelino Champagnat?
4. Que desafios pessoais você encontra no ideal e na prática da “parceria na Missão”?
5. De que forma sua comunidade, seja em uma instituição escolar seja outras estruturas de educação, se sente chamada a crescer na experiência da “parceria na Missão”?

Entre os jovens, principalmente os mais abandonados.

1. Que é novo para você neste capítulo?
2. Quais são os fatores que mais afetam a juventude da sua realidade? (Cf. artigos 57-59 e outros mais próximos de sua realidade)

3. Que mudanças históricas ocorrem na sociedade e na Igreja, hoje, que são sinais de esperança para você?
4. Descreva uma situação relacionada à juventude que lhe inspira compaixão ou indignação.
5. Na nossa sociedade, quem são os jovens mais marginalizados, aqueles cuja pobreza material os conduz a outras pobreza? (Cf. artigo 54)
6. Como poderíamos ser mais “audazes e decididos” para nos aproximar desses jovens?

Somos semeadores da Boa Nova.

1. “*Bom cristão e um virtuoso cidadão.*” Como traduziria essa sentença de Marcelino Champagnat em linguagem atual?
2. Como você explicaria a sua missão com palavras próprias? (A sua visão da nossa finalidade principal como educadores.)
3. O artigo 86 fala da pluralidade das nossas Ações pastorais. Como descreveria aquela em que você atua e que implicações tem para a sua missão de evangelizar?
4. No seu local de trabalho, quais são os maiores desafios que você encontra para evangelizar os jovens?
5. Quais são os aspectos deste capítulo que mais o interpelam, pessoalmente?
6. “*Os jovens também nos inspiram e evangelizam.*” Descreva alguma situação em que você experimentou essa afirmação.

Com estilo marista próprio

1. “Para bem educar as crianças e os jovens é preciso, antes de tudo, amá-los, e amá-los a todos igualmente.” Isso é o que às vezes se tem chamado a “regra de ouro” da Educação Marista. Que significa ela para você?
2. Que encontra você de característica própria no nosso estilo, ao atuar em uma obra marista?
3. Considere cada uma das características separadamente.
 - a) Quais destacaria para você?
 - b) Que exemplos concretos (estruturas, atitudes, práticas) de evidência dessas características você percebe onde atua?

- c) De que modo mais concreto se sente chamado, seja pessoalmente seja em grupo, a viver mais plenamente essas características?

Na instituição escolar

1. Que idéias neste capítulo são novas para você?
2. Como você descreveria o perfil social da instituição escolar onde atua?
3. Quais os desafios que tem encontrado para desenvolver programas, conteúdos e métodos com os alunos, especialmente com aqueles com mais dificuldades? (artigos 132, 133 e 159)
4. “Enquanto Escola Católica, é uma comunidade em que fé, esperança e amor são vividos e comunicados e na qual os educandos progressivamente são iniciados no permanente desafio de harmonizar fé, cultura e vida” (artigo 126). Que experiência positiva você tem a esse respeito? Quais as dificuldades que você encontra?
5. De que modo você educa na solidariedade e para ela? (artigos 152-154)
6. “Transformando as nossas instituições escolares.” Que desafios e possibilidades, em relação aos artigos 158 a 162, você percebe para a instituição escolar onde você atua?

Em outras estruturas de educação

1. Quais são as necessidades e as aspirações das crianças e jovens com quem você atua?
2. Considere, além da instituição escolar, os quatro âmbitos da nossa atuação no mundo dos jovens.
 - a) Que idéias expressas neste capítulo o tocam particularmente?
 - b) Como você tem sido capaz de atingir, com êxito, os jovens com quem vem atuando? (artigo 170)
3. Que o anima ou desanima mais na sua ação apostólica?
4. Que esperanças possui para o futuro da sua missão?

ANEXO 2

TEXTOS HISTÓRICOS E SUBSÍDIOS CORRESPONDENTES ÀS NOTAS DE RODAPÉ

A numeração desta coletânea corresponde ao número das notas de rodapé.

Os textos relativos à Vida de São Marcelino Champagnat foram tomados da última edição brasileira; os textos do *Guia das Escolas* (edição de 1853) foram extraídos da tradução apresentada no livro *O Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852 - 1853 - 1854*; os textos de *Guide des Écoles* foram traduzido diretamente do francês, da edição de 1932; da mesma forma o que se refere ao *Avis, Leçons, Sentences*, foi traduzido da edição de 1927.

1. Discípulos de Marcelino Champagnat

(3) Primeiro dia de Marcelino Champagnat na escola

A mãe e a tia, sem condições de ensiná-lo a ler senão imperfeitamente, enviaram-no a um professor para aperfeiçoar-lhe a leitura e ensinar-lhe a escrever. No primeiro dia, como era tímido e não ousava sair do seu lugar, o mestre o chamou junto a si para a leitura, mas outro aluno apresentou-se e postou-se à frente de Marcelino. O mestre, tomado de nervosismo, pensando talvez agradecer ao jovem Marcelino, deu uma bofetada no rapaz que se adiantara e o mandou chorando para o fundo da sala. Tal atitude não era de molde a tranquilizar o novo aluno, menos ainda levá-lo a curar sua timidez. Ele diria mais tarde que tremia todo e tinha mais vontade de chorar que de ler. Essa brutalidade revoltou-lhe o espírito de justiça. Pensou consigo: “Não volto à escola de um tal mestre; o tratamento injusto dado àquele menino prova o que posso esperar dele. Na primeira ocasião poderá tratar-me de igual maneira. Não me interessam, pois, nem suas lições e menos ainda seus castigos”. De fato, apesar das

instâncias dos pais, não quis mais voltar a estudar com aquele professor.

Vida, p. 5-6.

(4) O chamado de Deus

A decisão assumida por Marcelino Champagnat de aprender o latim não era veleidade. Os pais, cientes dos fracos dotes do filho, tentaram dissuadi-lo, alegando as dificuldades que tivera na aprendizagem da leitura e a falta de gosto pelo estudo. Tudo o que disseram foi inútil. O rapaz perdeu o atrativo pelos trabalhos e pelo pequeno comércio, aos quais outrora se dedicara com tanto afincio.

Passou um ano na casa do tio, que lhe dispensou o máximo cuidado sem, no entanto, conseguir dele progressos sensíveis. Assim, no fim do ano achou que o sobrinho não devia entrar no seminário. “Seu filho teima em continuar os estudos, disse ele aos pais, mas não vale a pena deixá-lo prosseguir; é muito pouco dotado para obter resultados satisfatórios.”

Marcelino, que durante o ano todo rezara e refletira, em nenhum momento se deixou abalar pelas palavras do tio, nem pelas ponderações dos pais. “Preparem meu enxoval, disse. Quero entrar no seminário; hei de vencer, pois Deus me chama.” Como lhe apresentassem algumas dificuldades na aquisição de roupas, atalhou: “Não se preocupem com os gastos; tenho dinheiro para cobri-los”. Efetivamente, todo o enxoval foi pago com o dinheirinho juntado.

Vida, p. 11-12.

(5) A Sociedade de Maria

Nesse tempo (1812-1815) foram lançados os primeiros alicerces da Sociedade de Maria. Alguns seminaristas, à frente dos quais se achavam Colin e Champagnat, se reuniam freqüentemente para animar-se na piedade e no exercício das virtudes sacerdotais. O zelo pela salvação das almas e a procura dos meios para consegui-la eram o assunto mais comum de seus encontros. Da comunicação recíproca dos sentimentos e dos projetos, surgiu a idéia da fundação de uma sociedade de padres.

A devoção especial desse grupo de elite para com a Santíssima Virgem levou-os a colocar a nova Sociedade sob o patrocínio da Mãe de Deus, denominado-a Sociedade de Maria... Além disso, ele mesmo quis participar do grupo, pôs-se à frente e, de tempos em tempos, reunia-os para dirigi-los e animá-los e com eles traçar os planos da nova associação. Numa dessas sessões, combinaram fazer juntos uma peregrinação a Fourvières, a fim de colocar aos pés de Maria o plano da nova associação...

Entretanto, no plano da nova agremiação, ninguém cogitara a necessidade de Irmãos para o ensino. Somente Champagnat acalentou o projeto dessa instituição e o realizou sozinho. Frequentemente, repetia aos companheiros: “Precisamos de Irmãos; precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo, ajudem os missionários e eduquem as crianças”.

Vida, p. 27-28.

(6) Por que Irmãos?

Nascido no cantão de Saint Genest Malifaux (Loire), tive dificuldades enormes para aprender a ler e a escrever. Por isso, senti a urgente necessidade de fundar uma Sociedade que pudesse com poucos gastos proporcionar às zonas rurais o ensino que os Irmãos das Escolas Cristãs ministram nas cidades.

Champagnat, ao Senhor Antoine Nicolas Narcise Achille de Salvandy,
Ministro da Instrução Pública, Carta 159.

(8) A experiência “Montagne”

Chamado a confessar um jovem doente num povoado, (Champagnat) pôs-se imediatamente a caminho, conforme seu costume. Antes de ouvi-lo em confissão, fez-lhe uma série de perguntas para saber se tinha as disposições necessárias para receber os sacramentos; estremeceu ao verificar que ele ignorava os principais mistérios, não sabendo nem mesmo se Deus existia. Aflito por encontrar um rapaz de doze anos mergulhado em tão profunda ignorância, e temendo vê-lo morrer nessa situação, sentou-se ao lado do doente e começou a ensinar-lhe os principais mistérios e as verdades essenciais da salvação. Assim, levou duas horas para instruí-lo e confessá-lo. Não foi sem grandes dificuldades que conseguiu

ensinar-lhe as coisas mais indispensáveis, pois o jovem se encontrava tão doente que mal entendia o que ele falava. Depois de o ter confessado e feito repetir, várias vezes, atos de amor a Deus e de contrição, a fim de dispô-lo a bem morrer, deixou-o para atender a outro doente, na casa vizinha.

Ao voltar, perguntou como estava o rapaz: “Morreu instantes após sua saída”, responderam os pais, em lágrimas. Então, ficou muito alegre, por ter chegado a tempo, mas também temeroso, em razão do perigo em que estivera o jovem... Voltou todo compenetrado desses sentimentos, cismando: “Quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação, correndo o mesmo risco, por não haver ninguém que os instrua nas verdades da fé”. E então, o pensamento de fundar uma sociedade de Irmãos, destinados a prevenir tão sérias desgraças, ministrando às crianças a instrução cristã, perseguiu-o com tamanha insistência, que foi ter com João Maria Granjon e lhe comunicou todos os seus planos.

Vida, p. 56-57.

(9) Formou os jovens Irmãos em La Valla.

O Padre Champagnat... desejava ardentemente que chegasse a hora de seus Irmãos poderem assumir uma escola. Entretanto, julgando-os ainda bastante despreparados, resolveu chamar um mestre de primeiras letras que, na sua opinião, era necessário para dupla finalidade: dar às crianças da paróquia a instrução primária, aperfeiçoar os Irmãos nos conhecimentos já adquiridos e iniciá-los nos métodos de ensino... O professor viveu em comunidade com os Irmãos; na residência deles abriu a escola que logo se lotou de crianças. Os Irmãos ajudavam na instrução dos alunos. Observavam como ele fazia, imitavam-no e aprendiam seu método. No intervalo das aulas, recebiam orientações particulares sobre as diversas seções do ensino.

Vida, p. 68-69.

(10) Escolheram viver frugalmente.

O Superior da Associação dos Irmãozinhos de Maria... tem a honra de expor a V. Ex.^a o seguinte: sendo a finalidade da Associação proporcionar aos municípios rurais o meio de ministrar, a baixo custo,

os benefícios da instrução aos filhos de seus habitantes, reduziu ao mínimo o custo de cada Irmão professor...

Champagnat, ao Senhor Conde Antoine Nicolas de Salvandy, Ministro da Instrução Pública, Carta 113.

Os sacrifícios que houvermos por bem impor-nos para proporcionar de maneira menos dispendiosa o benefício da instrução à classe numerosa e tão prestimosa das populações rurais nos têm permitido viver, mas com parcimônia.

Champagnat, ao Senhor Antoine Nicolas de Salvandy, Ministro da Instrução Pública, Carta 173.

O montante... já é quantia bastante módica para cobrir os gastos necessários à manutenção de três Irmãos num município. Diminuí-la mais seria, a meu ver, já não digo subtrair-lhes o magro salário atribuído ao trabalho mais ingrato e mais penoso de um cidadão, mas seria até diminuir-lhes a comida, que já é pobre e nada rebuscada.

Champagnat, ao Senhor Alexandre Denis Delvaux de Peyné, Prefeito de Bourg-Argental, Carta 8.

(11) Espírito Missionário

O Pe. Champagnat pediu ao Pe. Colin o favor de acompanhar os missionários para a Oceânia, a fim de consagrar à instrução e santificação dos infiéis seus derradeiros dias e as forças que lhe restavam. O Pe. Colin, sumamente edificado com seu zelo e dedicação, respondeu-lhe: “Você realizará maior bem aqui na França do que na Oceânia. Sua missão própria não é ir pessoalmente evangelizar os povos, mas preparar-lhes apóstolos zelosos e abnegados”.

A obediência fez com que o bom Padre não insistisse. Sua humildade levou-o a pensar que não merecia tal favor. Mesmo resignando-se, não conseguia disfarçar o desejo.

(Nota: Com Pompalier foram, em 24 de dezembro de 1836, os Padres Servant, Bataillon, Bret, Chanel e os Irmãos Marie-Nizier, Michel et Joseph-Xavier – Chronologie Mariste, p. 71.)

Vida, p. 192.

(13) Jovem empreendedor

Os pais gostavam deste espírito de ordem e poupança. Deram-lhe dois ou três cordeirinhos, permitindo-lhe vendê-los em seu proveito pessoal, quando crescidos. Criou-os, de fato, com muito carinho; negociou-os; comprou outros que também criou e revendeu, sempre com lucro. Assim, com esse pequeno comércio e a série de economias, em breve juntou a quantia de seiscentos francos. Era muito para um jovem de dezesseis anos! Se não se considerou rico, pelo menos acreditou que o seria no futuro. E planejou ampliar seu comércio. Um de seus manos se lhe associara. Combinaram fazer caixa comum e permanecer unidos toda a vida.

Vida, p.7.

(14) Marcelino, construtor e restaurador.

Os postulantes continuavam dormindo no celeiro. Querendo retirá-los de lá, o Pe. Champagnat trabalhou mais de oito dias no melhoramento do sótão da casa, para transformá-lo em dormitório. Com algumas tábuas rústicas montou pessoalmente as camas... Era evidente que a casa não podia comportar tanta gente. Urgia a construção de outra. Champagnat não teve dúvida em executá-la. Por falta de recursos, construiu-a pessoalmente, com a ajuda dos Irmãos. Nenhum operário estranho participou.

Vida, p. 98.

Se Deus nos abençoar, um dia viremos nos estabelecer aqui (l'Hermitage). Entretanto, antes de optar por este local, percorreu as regiões circunvizinhas em companhia de dois Irmãos de maior liderança, à procura de algo melhor...

“Esse doido do Champagnat, será que perdeu a cabeça ? Que é que pretende fazer? Onde arranjará dinheiro para custear essa obra?...” O Pe. Champagnat não ignorava o que pensavam e diziam dele publicamente; pouco o sensibilizavam, porém, os pareceres dos homens e jamais tomou por norma de conduta os princípios da prudência humana. Assim, muito embora tivesse sobre os ombros o encargo de uma comunidade numerosa, uma dívida de quatro mil francos e nenhum dinheiro, unicamente com sua confiança em Deus, uma

confiança sem limites, empreendeu sem temor a construção de uma casa muito vasta, com uma capela, e capaz de alojar cento e cinquenta pessoas.

Vida, p. 116, 118, 119.

Estamos sempre consertando e construindo, e assim mesmo sempre apertados. Não deixamos em paz nem damos tréguas aos rochedos de l'Hermitage; cultivamos, plantamos vinhas, procuramos fertilizar o terreno todo.

Champagnat, ao Padre Jacques Fontbonne, missionário em Saint-Louis - USA. Carta 109.

(15) Por que fundou o Instituto?

Elevado à dignidade sacerdotal em 1816, fui enviado a um município do cantão de Saint-Chamond (Loire). O que constatei com meus próprios olhos, nessa nova situação, com relação à educação dos jovens, me lembrou as dificuldades que, por falta de professores, eu mesmo experimentara na idade deles.

Champagnat, a sua majestade a rainha Marie-Amélie, Carta 59.

Uma boa educação é o meio mais seguro de obter bons elementos para a sociedade. Infelizmente, a maioria dos municípios rurais não tem essa vantagem: a insuficiência dos recursos municipais, a penúria dos habitantes não lhes permitem confiar a educação de seus filhos aos Irmãos das Escolas Cristãs, cujo mérito e capacidade são conhecidos de todo o mundo; daí a triste necessidade, ou de deixar que suas crianças estagnem numa ignorância funesta, ou (o que talvez seja mais pernicioso ainda) entregá-las a professores pouco capazes de formá-los na ciência e nas virtudes necessárias a bons cidadãos.

Para obviar esses inconvenientes, o senhor Champagnat, abaixo assinado, padre da diocese de Lião, vendo o zelo que o Rei e seu governo empregam em proporcionar a todas as classes da sociedade o grande benefício da instrução, propôs-se formar, perto da cidade de St. Chamond, uma associação de professores para o primário, sob o nome de IRMÃOZINHOS DE MARIA, e redigiu os

estatutos seguintes, com o fim de obter uma autorização que possibilitasse aos membros dessa sociedade o meio de exercer sua importante e penosa função de maneira legal e por isso mais vantajosa.

Champagnat a Louis-Philippe, Rei da França. Anexo da carta 34.
Lettres, p. 102.

(16) Marcelino ensinando às crianças.

Freqüentemente reunia, no seu quarto, as crianças do lugarejo para ensinar-lhes o catecismo e as orações. Aos domingos, ajudava também os adultos, a quem fazia curta mas comovente instrução sobre os mistérios da fé e os deveres do cristão, a maneira de participarem com proveito da missa e dos ofícios litúrgicos.

Cf. Vida, p. 23.

(17) Êxito de Marcelino como educador e pregador

Os catecismos do Pe. Champagnat, de atraentes, tornaram-se famosos na paróquia. Os adultos também quiseram tomar parte e, aos domingos, acorriam em grande número. Esses novos ouvintes obrigaram-no a alterar um pouco o estilo de suas instruções. Assim, depois de esclarecer o texto da lição do dia, mediante perguntas claras, simples e ao alcance das inteligências mais limitadas, tirava conclusões morais para a conduta e reflexões apropriadas para sensibilizar os corações e levá-los à prática da virtude. Fosse qual fosse o assunto da lição, sabia destacar o que convinha para cada classe social, estado e idade.

Vida, p. 42.

(19) Inovações pedagógicas de Marcelino

Desnecessário é dizer-vos que, na elaboração e na redação desta obra, seguimos fielmente as instruções deixadas por nosso piedoso Fundador a respeito da educação da juventude. Procuramos, antes de tudo, imbuir-nos de seu espírito, revivê-lo e reproduzi-lo o mais fielmente possível, a fim de transmiti-lo e perpetuá-lo em nosso meio. Segundo nossa mais profunda convicção, nisso consistia o nosso primeiro dever e tarefa capitular.

Durante muitos anos, nosso bondoso Pai dedicava à nossa formação e ao ensino os dois meses de férias que nos concedia; dedicava-os a preparar-nos para dar o catecismo e a inculcar-nos os princípios básicos da boa educação.

Aqueles que tiveram a dita de ouvi-lo hão de lembrar-se de que, nesse assunto, era meticoloso e detalhista, e deu-nos as lições em todos os ramos da educação da criança. O que não disse ele, por exemplo, a respeito da classe dos menores, que considerava a mais importante, e a respeito dos cuidados que os Irmãos incumbidos de tal classe devem ter para com as criancinhas que, por sua inocência, chamava-as de anjinhos? O que não disse ele sobre os meios a serem usados para dar-lhes a conhecer as primeiras verdades da religião, inspirar-lhes a piedade e a virtude, amenizar-lhes as dificuldades na aprendizagem da leitura? O espírito de Deus, de que estava repleto, e o grande amor pelas crianças revelaram-lhe as necessidades da idade infantil, os meios de satisfazê-las e os segredos para conquistar seus corações, orientá-las para o bem inspirar-lhes a piedade e formar-lhes as faculdades da alma. É esse talento natural, de que era dotado em tão alto grau, embora ignorasse possuí-lo, e esse zelo ardente pela santificação dos meninos, de que estava animado e procurava transmitir a seus Irmãos, em suas instruções diárias, que tentamos apresentar aqui.

Cinco temas desenvolvidos nesta obra são especificamente dele:

- 1º) O método de Leitura.
- 2º) Os métodos disciplinares ou as qualidades e o espírito de uma boa disciplina.
- 3º) O método de dar o catecismo e de conquistar os meninos para Deus, tal como explicamos na segunda parte desta obra.
- 4º) O ensino do canto.
- 5º) As regras relativas à formação dos jovens Irmãos, que apresentamos nos dois últimos capítulos da segunda parte.

Irmão Francisco, Superior Geral, ao apresentar a primeira edição do *Guia das Escolas*, in *O Segundo Capítulo Geral dos Pequenos Irmãos de Maria*. p. 149-151.

(20) Cuidado para com os seus seguidores

Meu caríssimo Irmão Barthélemy.

Não tenha dúvida: eu considero a todos vocês como meus queridos filhos em Jesus e Maria, e vocês me chamam com o carinhoso nome de pai; por isso trago a todos bem no fundo do meu coração.

Fico muito sensibilizado pelos votos de felicidade que você formulou para mim; não me esquecerei deles. Recomendarei a Deus, nas minhas orações, aquele que formulou para mim tão belos votos.

Tomo parte deveras em todos os aborrecimentos que lhe podem causar os contratempos sofridos pelos seus colaboradores. Tome muito cuidado com a sua saúde, a fim de que esteja em boas condições para cumprir os seus pesados encargos. Todos os Padres e Irmãos vão bem de saúde. Transmitir-lhes-ei os votos de Feliz Ano Novo.

Ânimo, meu caro amigo, veja como o seu trabalho é precioso diante de Deus. Grandes santos e homens notáveis se ufanavam por estarem desempenhando uma tarefa tão preciosa aos olhos de Deus e de Maria. “Deixai vir a mim as criancinhas, pois a elas pertence o céu.”

Você tem em mãos o sangue precioso de Jesus Cristo. Depois de Deus é a você que os seus numerosos meninos ficarão devendo a salvação. Toda a vida deles será o eco daquilo que você lhes tiver ensinado. Esforce-se; não poupe nada para formar à virtude os seus corações juvenis. Faça-lhes ver que nunca serão felizes sem a prática da virtude, sem a piedade, sem o temor de Deus; que não há paz para o ímpio, somente Deus pode dar-lhes a felicidade, que só para Ele foram criados. Quanto bem você pode fazer, meu amigo!

Os seus pais estão de boa saúde. O seu irmão, que servia o exército, faleceu em Paris, de uma terrível dor de cabeça. Reze por ele. Os pêsames não lhe servirão para nada, ele só precisa das suas orações.

Teria ainda muito que lhe dizer, espero que breve lhe poderei contar tudo de viva voz.

Deixo vocês dois nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. São lugares tão gostosos!

Tenho a honra de ser o pai afetuoso em Jesus e Maria.

Champagnat, Sup., N. D. de l'Hermitage

Carta 19.

Meu caríssimo Irmão Barthélemy.

Prometo-lhe que, na próxima vez que for a Lião, irei visitá-lo. Coragem, meu caro amigo, basta que você, juntamente com o seu colaborador, tenham a vontade de ministrar o ensino a muitos meninos. Porém, se os não tivesse, a sua recompensa seria a mesma. Não se perturbe por ter um reduzido número de alunos. Deus tem em sua mão os corações de todos os homens; há de lhe mandar muita gente, quando julgar bom. Basta que você, por infidelidade, não se oponha aos seus desígnios.

Você se encontra onde Deus queria colocá-lo, pois está onde o mandaram os superiores. Não duvido de que Deus, pela abundância de graças, o recompensará.

Champagnat

Carta 24.

(21) O espírito de fé de Marcelino

O modo como o Pe. Champagnat praticava o exercício da presença de Deus consistia em crer, com fé viva e atual, na onipresença de Deus, plenificando o universo com sua infinitude, com as maravilhas de sua bondade, de sua misericórdia e de sua glória...

Tudo era motivo de se elevar até Deus e bendizê-lo. Conseqüentemente, em qualquer ocasião, sua alma se expandia em atos de amor e de ação de graças...

O sentimento da presença de Deus mantinha-lhe a alma em paz e tranqüilidade imperturbáveis. Era sua máxima: “nada devemos temer, quando estamos com Deus, e nada pode prejudicar a quem confia na Providência.”

Vida, p. 297-298.

(22) Maria, nosso modelo e nossa Boa Mãe.

A todas estas práticas instituídas na Congregação para honrar a Mãe do Senhor, o piedoso Fundador acrescenta mais duas coisas indispensáveis que, no seu entender, são o complemento das homenagens tributadas a Maria e o fruto da devoção para com ela. A primeira é a imitação de suas virtudes. Por isso, recomenda que os Irmãos assumam sobretudo o espírito de Maria e lhe imitem a humildade, a modéstia, a pureza e o amor a Jesus Cristo. A vida pobre e oculta da divina Mãe e os exemplos sublimes que nos deu devem ser a norma de conduta dos Irmãos. Cada um deve esforçar-se de tal modo para assemelhar-se a ela, que tudo em suas ações e na sua pessoa relembre Maria, retrate o espírito e as virtudes de Maria. A segunda é que os Irmãos se considerem como particularmente obrigados a torná-la conhecida e amada, a propagar o seu culto e inspirar sua devoção às crianças.

Vida, p. 318-319.

(23) O Presépio, a Cruz e o Altar.

Eu desejo que os Pequenos Irmãos de Maria sejam os assíduos de Jesus nascido, de Jesus morto e de Jesus imolado sobre o altar. Que sejam os assíduos de Jesus em todos os seus mistérios: sua vida, suas ações, seus sofrimentos; eis qual deve ser o grande e principal assunto de suas meditações...

Sabeis, queridos Irmãos, por que eu desejo que sejais os assíduos de Jesus no presépio, no calvário e no altar? Porque estes três lugares são as grandes fontes da graça e porque é de lá, sobretudo, que Jesus a derrama abundantemente sobre os eleitos...

Sim, Deus é amor sempre e em toda parte, mas o é particularmente no presépio, no calvário e no altar; quer dizer que é sobretudo nestes três lugares que ele abrasa de seu amor divino o coração dos santos; é nestes três lugares que nosso pobre coração pode compreender melhor e sentir o quanto ele nos ama...

Jesus veio trazer o fogo sobre a terra; ele o atea de mil maneiras, mas estabeleceu três grandes lareiras onde vêm se abrasar os santos e todas as almas fervorosas... Ide às fontes do Salvador e saciai-vos aí abundantemente!

(24) A compaixão de Marcelino pelos pobres

Um dia chamaram-no para um doente. Apressa-se em visitá-lo e encontra um infeliz coberto de chagas, na maior miséria, tendo apenas alguns trapos a cobrir-lhe a nudez e as úlceras. Profundamente movido de compaixão à vista de tantas dores e tanta miséria, dirige-lhe, primeiramente, palavras de conforto. Depois, corre para casa, chama o Irmão ecônomo e ordena-lhe que leve imediatamente colchão, lençóis e cobertores ao infeliz que acabava de visitar.

- Mas, Padre, não temos nenhum colchão sobrando.
- Como! Não encontra nenhum colchão na casa ?
- Não, nenhum. Deve lembrar-se que dei o último faz alguns dias.
- Pois bem! Retire o colchão da minha cama e leve-o agora mesmo ao pobre do homem.

Muitas vezes aconteceu-lhe despojar-se desta forma, para assistir os indigentes ou fornecer a seus Irmãos aquilo que lhes faltava.

Vida, p. 476.

(25) Ver nota 19

(26) Formação de Líderes

Durante os dois meses de férias, (Pe. Marcelino Champagnat) fazia muitas conferências aos Irmãos Diretores sobre o governo da casa, a administração dos bens materiais e a direção das aulas. Nessas conferências, discorria com riqueza de detalhes sobre as virtudes necessárias a um bom superior e os meios de as adquirir; as obrigações do professor e do diretor, e o modo de cumprí-las.

Nas conferências, o piedoso Fundador concedia a todos os Irmãos a liberdade de lhe apresentar seus problemas, submeter-lhe as dúvidas e tudo quanto os embaraçava nos pormenores de suas funções. Os Irmãos usavam amplamente essa liberdade, e cada um lhe trazia suas observações, lhe expunha seus sentimentos, seus escrúpulos a respeito de inumeráveis questões administrativas, direção das casas, ou o questionava sobre as opções mais conformes à Regra, ao espírito do Instituto, em tais ou tais circunstâncias, assim como a

conduta a seguir numa infinidade de casos que o Diretor deve tratar e resolver.

Muitas vezes, admitia no seu conselho Irmãos de maior liderança, e quase nada resolvia sem antes consultá-los. Acreditava que iniciar os Irmãos nos assuntos do Instituto e consultá-los a respeito das normas que elaborava e do método de ensino a ser adotado seria um meio seguro de lhes formar o espírito, corrigir conceitos, desenvolver o discernimento, dar-lhes experiência, levá-los a julgar, a apreciar as coisas e tratá-las, depois, com inteligência e eficácia. Vez por outra, após ventilar em conselho os prós e contras de uma medida, encarregava um Irmão de executá-la ou complementá-la, deixando a seu critério o cuidado de fazer pelo melhor. Resolvida a questão, exigia prestação de contas de como fora realizada. Louvava e aprovava aquilo que julgava bom. Indicava as providências que deveriam ter sido tomadas para evitar dificuldades, vencer obstáculos, diminuir resistências, ou contentava-se em dizer que, por outro caminho, ele teria obtido melhor resultado.

Vida, p. 422-424.

2. Irmãos e Leigos, juntos na Missão, na Igreja e no Mundo.

(27) Marcelino Champagnat incentivava a quantos se interessavam pela educação cristã da juventude.

“Que nossa Boa Mãe abençoe todos os seus empreendimentos, abençoe sua pessoa e a conserve por longos anos à frente da boa obra que dirige.”

Champagnat, ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã. Carta 122.

“Tendo o mesmo objetivo e trabalhando para o mesmo patrão, desejamos andar sempre unidos e agir no mesmo sentido.”

Champagnat, ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã. Carta 141.

“Desejo, meus caros Irmãos, que essa caridade que vos deve unir todos juntos como membros do mesmo corpo se estenda também a todas as outras congregações. Ah! Eu vos peço, pela caridade sem limites de Jesus Cristo, não vos permitais nunca ter inveja de ninguém, sobretudo daqueles que o Bom Deus chama a trabalhar como vós, no estado religioso, na instrução da juventude. Sede os primeiros a vos alegrar por seus êxitos e a lastimar suas desgraças. Recomendai-os muitas vezes ao Bom Deus e a sua Divina Mãe; sem constrangimento; considerai-os melhores que vós. Não deis nunca atenção a conversas capazes de prejudicá-los. A glória de Deus e a honra de Maria sejam unicamente vosso objetivo e toda a vossa ambição.”

Testamento Espiritual, *Vida*, p. 223-225.

(30) Os educadores da criança

Os diversos educadores da criança são os pais, os sacerdotes e professores.

Os pais são os educadores naturais colocados pela Providência junto ao berço de cada criança. Eles possuem, com efeito, no mais alto grau, a afeição e a autoridade que são os dois fatores principais de toda a educação...

O sacerdote representa a Igreja que recebeu do divino Salvador a missão de educadora dos povos (Mt 28,19-20)... Além de seu múnus de mestra, a Igreja tem o direito de controlar o ensino religioso e moral ministrado pela família e pela escola.

O professor, auxiliar e suplente dos pais e dos sacerdotes, ocupa, depois deles, o primeiro lugar na educação, pois sua influência se exerce metodicamente durante vários anos, justamente na época em que as crianças se deixam mais facilmente moldar por aqueles que com elas se relacionam.

Guide des Écoles, p. 194-195.

(32) A Igreja é comunhão.

A comunhão com Jesus, donde promana a comunhão dos cristãos entre si, é condição absolutamente indispensável para dar fruto: “Sem Mim não podeis fazer nada” (Jo 15, 5)... A comunhão e a

missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.

Christifideles Laici, 32.

Mas, então, quem é que tem a missão de evangelizar? O II Concílio do Vaticano respondeu claramente a esta pergunta: “Por mandato divino, incumbe à Igreja o dever de ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criatura”. E noutro texto o mesmo Concílio diz ainda: “Toda a Igreja é missionária, a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus”. Quando a Igreja anuncia o Reino de Deus e o edifica, insere-se a si própria no âmago do mundo, como sinal e instrumento desse Reino que já é e que já vem.

Evangelii Nuntiandi, 59.

Toda a Igreja, portanto, é chamada para evangelizar; no seu grêmio, porém existem diferentes tarefas evangelizadoras que não de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade de mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da evangelização...

Evangelii Nuntiandi, 66.

(35) Todos os batizados são chamados para a missão.

Os fiéis leigos, precisamente por serem membros da Igreja, têm por vocação e por missão anunciar o Evangelho: para essa obra foram habilitados e nela empenhados pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo.

Christifideles Laici, 33.

Escancarar a porta a Cristo, acolhê-lo no espaço da própria humanidade, não é, de modo algum, ameaça para o homem, mas, antes, é a única estrada a percorrer, se quisermos reconhecer o homem na sua verdade total e exaltá-lo nos seus valores.

A síntese vital que os fiéis leigos souberem fazer entre o Evangelho e os deveres quotidianos da vida será o testemunho mais

maravilhoso e convincente de que não é o medo, mas a procura e a adesão a Cristo que são o fator determinante para que o homem viva e cresça, e para que se alcancem novas formas de viver mais conformes com a dignidade humana.

O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem. A palavra e a vida de cada cristão podem e devem fazer ecoar este anúncio: Deus ama-te, Cristo veio por ti, para ti Cristo é “Caminho, Verdade, Vida!” (Jo 14, 6)

Christifideles Laici, 34.

O Vaticano II confirmou esta tradição, ilustrando o caráter missionário de todo o Povo de Deus, em particular o apostolado dos leigos, e sublinhando o contributo específico que eles são chamados a dar na atividade missionária. A necessidade de que todos os fiéis compartilhem tal responsabilidade não é apenas questão de eficácia apostólica, mas é um dever-direito, fundado sobre a dignidade batismal, pelo qual “os fiéis leigos participam, por sua vez, no tríplice ministério - sacerdotal, profético e real - de Jesus Cristo”.

Redemptoris Missio, 71.

“Transformemos em verdadeiros parceiros todos os que desejam participar de nossa Espiritualidade e Missão. Corramos o risco de perder alguma forma de poder, para viver a audácia de uma franca colaboração com os leigos. Não porque somos poucos, mas por reconhecermos a vocação e a missão própria dos batizados.”

Irmãos Solidários, p. 7 (n. 19).

(36) A Igreja e os membros de outras confissões religiosas

Em nossa época, quando o gênero humano dia a dia se une mais estreitamente e se ampliam as relações entre os diversos povos, a Igreja considera mais atentamente qual deve ser a atitude para com as religiões não-cristãs... Todos os povos, com efeito, constituem uma só comunidade, têm uma origem comum, uma vez que Deus fez todo o gênero humano habitar a face da terra.

A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões... Exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e a vida cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais como também os valores socioculturais que entre elas se encontram.

A Igreja, por conseguinte, reprovava toda e qualquer discriminação ou vexame contra os homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo.

Nostra Aetate, 1, 2, 5.

Em um nível ulterior, o diálogo das obras e da colaboração se traduz por objetivos de caráter unitário, social, econômico e político que visam à libertação e promoção do homem... Cristãos e seguidores de outras religiões afrontam conjuntamente os problemas do mundo.

Diálogo e Missão, 31.

Os fiéis leigos, com o exemplo da sua vida e com a própria ação, podem favorecer o melhoramento das relações entre os adeptos das diferentes religiões...

Christifideles Laici, 35.

(38) Os carismas

O Espírito Santo, ao confiar à Igreja-comunhão os diversos ministérios, enriquece-a com outros dons e impulsos especiais, chamados carismas... Os carismas, sejam extraordinários ou simples e humildes, são graças do Espírito Santo que têm, direta ou indiretamente, uma utilidade eclesial, ordenados como são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo... São dados ao indivíduo, mas também podem ser partilhados por outros e de tal modo perseveram no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas.

Christifideles Laici, 24.

(39) O carisma do Fundador

Guiado pelo Espírito, Marcelino Champagnat foi cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e para com os outros. Tal

vivência, como também sua abertura aos acontecimentos e às pessoas, está na origem de sua espiritualidade e de seu zelo apostólico. Ela o torna sensível às necessidades de seu tempo, especialmente à ignorância religiosa e às situações de pobreza da juventude.

Sua fé e o desejo de cumprir a vontade de Deus revelam-lhe sua missão: “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado”. Dizia muitas vezes: “Não posso ver uma criança, sem sentir o desejo de ensinar-lhe o catecismo, sem desejar fazer-lhe compreender quanto Jesus Cristo a ama”.

Neste espírito, fundou nosso Instituto para a educação cristã dos jovens, particularmente os mais necessitados.

Constituições, 2.

(40) Expressar o carisma em diversas situações e culturas

A atualidade do carisma de Marcelino Champagnat provoca nosso compromisso, pessoal e comunitário, para encarná-lo nas várias situações e culturas. Todos somos responsáveis por essa tarefa.

Constituições, 165.

(41) Tempo para uma nova relação entre Religiosos e Leigos

Um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão, nestes anos, foi a tomada de consciência de que os seus vários membros podem e devem unir as forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial... Hoje, alguns Institutos, freqüentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E, assim, estes são convidados a participar mais intensamente da espiritualidade e missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que se iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicado.

Vita Consecrata, 54.

(42) A vocação específica do Leigo

Os leigos, a quem a sua vocação específica coloca no meio do mundo e à frente de tarefas as mais variadas na ordem temporal,

devem, também, eles, através disso mesmo, atuar de uma forma singular na evangelização.

A sua primeira e imediata tarefa é pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media” e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento.

Evangelii Nuntiandi, 70.

Os fiéis leigos são chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, inspirados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo, a partir de dentro, como o fermento...

Todos, na Igreja, precisamente porque são seus membros, recebem e, por conseguinte, partilham a comum vocação à santidade. A título pleno, sem diferença alguma dos outros membros da Igreja, a essa vocação são chamados os fiéis leigos...

Christifideles Laici, 15,16.

Pode-se dizer, em síntese, que o educador católico é aquele que exerce a sua missão na Igreja, vivendo na fé a sua vocação secular dentro da estrutura comunitária da escola, com a melhor qualificação profissional possível e com um projeto apostólico, inspirado na fé, de formação integral do homem, compreendendo a transmissão da cultura, a prática de uma pedagogia de contato direto e pessoal com o aluno, a animação espiritual da comunidade educativa a que pertence e de todas as outras categorias de pessoas com as quais a comunidade educativa está relacionada. A ele, enquanto membro da comunidade, as famílias e a Igreja confiam a tarefa educativa na escola. O educador leigo deve estar profundamente convencido de que participa da missão santificadora e educadora da Igreja (24).

Os leigos católicos que trabalham na escola, quaisquer que sejam os seus encargos, educativos, diretivos, administrativos ou

auxiliares, não podem duvidar de que constituem para a Igreja uma grande esperança. A Igreja deposita neles toda a sua confiança, no sentido de realizarem a integração progressiva das realidades temporais no evangelho, a fim de fazê-lo chegar a todos os homens. Confia especialmente em que saberão cumprir a sua tarefa na formação integral do homem e na educação da juventude para a fé (81).

O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola, 24, 81.

(43) A vocação específica do Irmão

Os Institutos que por determinação do Fundador ou em virtude de uma legítima tradição têm caráter e finalidade que não comportam o exercício da Ordem sacra, são chamados “Institutos laicais”. Contudo, no Sínodo, foi observado que esta terminologia não exprime adequadamente a índole peculiar da vocação dos membros de tais Institutos religiosos. De fato, eles, apesar de desempenharem muitos serviços que são comuns também aos fiéis leigos, fazem-no com a sua identidade de consagrados, exprimindo assim o espírito de dom total a Cristo e à Igreja, segundo o seu carisma específico. Por esta razão, os Padres sinodais, a fim de se evitar toda ambigüidade e confusão com a índole secular dos fiéis leigos, julgaram bem propor a designação de “Institutos Religiosos de Irmãos”. A proposta é significativa, sobretudo se se considera que a qualificação de irmãos evoca uma rica espiritualidade. “Estes religiosos são chamados a ser irmãos de Cristo, profundamente unidos a Ele, primogênito de muitos irmãos” (Rm 8,29); irmãos entre si, no amor recíproco e na cooperação para o mesmo serviço de bem-fazer na Igreja; irmãos de todos os homens, no testemunho da caridade de Cristo para com todos, especialmente os mais pequeninos, os mais necessitados; irmãos para uma maior fraternidade na Igreja.”

Vita Consecrata, 60.

(45) Remuneração justa

Os Irmãos encarregados de administrar os bens do Instituto zelam para que todos os nossos auxiliares recebam salário de acordo com as leis do país e para que se beneficiem das vantagens sociais, de acordo com a justiça.

As Organizações profissionais que se propõem a proteger os interesses de quantos trabalham no campo educativo devem ser também consideradas no quadro da missão específica da escola católica. Os direitos das pessoas que nela trabalham devem ser salvaguardados com grande sentido de justiça. Encontra, aqui, aplicação especial o princípio enunciado pelo Concílio Vaticano II, quando se trata de condições sociais e morais ou de interesses materiais que permitam o desenvolvimento profissional: - «aprendam diligentemente os fiéis a distinguir entre os direitos e as obrigações que lhes correspondem enquanto membros da Igreja, e os que lhes competem como membros da sociedade civil. Procurem, com diligência, harmonizá-los, lembrando-se de que em toda ocupação temporal devem orientar-se sempre pela consciência cristã»... Por conseguinte, se eles, organizando-se em associações específicas, se propõem a salvaguardar os direitos dos educadores, dos pais e dos alunos, devem ter presente a missão específica da educação cristã da juventude.

A Escola Católica, 79.

(46) O direito e o dever dos pais em educar

Como recordou o Concílio Vaticano II: “Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”.

O direito-dever educativo dos pais qualifica-se como essencial, ligado como esta à transmissão da vida humana; como original e primário, em relação de amor que subsiste entre pais e

filhos; como insubstituível e inalienável e, portanto, não delegável totalmente a outros ou por outros usurpável. (36)

Assim, a família dos batizados, unida como igreja doméstica pela Palavra e pelo Sacramento, torna-se, por sua vez, como a grande Igreja, mestra e mãe. (38)

Deve ser absolutamente assegurado o direito dos pais à escolha de uma educação conforme a sua fé religiosa... Portanto, todos os que na sociedade ocupam postos de direção escolar nunca esqueçam que os pais foram constituídos pelo próprio Deus como primeiros e principais educadores dos filhos, e que o seu direito é absolutamente inalienável. Mas, complementar ao direito, põe-se o grave dever dos pais de se empenharem com profundidade numa relação cordial e construtiva com os professores e os diretores das escolas. (40)

Familiaris Consortio, 36, 38, 40.

(47) Trabalhando com os pais

Há casos em que é conveniente ver os pais de certas crianças para uma ação de conjunto: é preciso sempre deixar antever aos pais que seus filhos dão muita esperança e que com um pouco de esforço e muito cuidado, agindo de acordo, se chegará a bem formá-los.

Règles, 1837, cap. 5, n. 16.

(49) Co-responsabilidade e subsidiariedade

... Esta co-responsabilidade exprime-se conforme a diversidade das tarefas e desenvolve-se através das estruturas implantadas por nosso direito próprio.

Segundo o princípio de subsidiariedade, as atribuições de cada instância devem ser delimitadas e respeitadas. Os órgãos de governo tomam as decisões que são de sua competência, segundo as Constituições. A instância superior só intervém quando a situação o exige.

Constituições, 119.

(51) O Movimento Champagnat da Família Marista

É fácil indicar as principais linhas de força do Movimento Champagnat. Mesmo deixando de lado as diferenças de vocabulário,

que podem ter origem nas diversas culturas, essas linhas mestras podem ser facilmente reconhecidas na vida dos diversos grupos e das pessoas mais achegadas ao trabalho dos Irmãos. Existe, por exemplo, o desejo manifesto

- de serem apóstolos de Jesus em seu meio, em seu estado de vida;
- de amarem e imitarem a Santíssima Virgem;
- de se reunirem em pequenos grupos para partilhar a fé em Jesus Cristo e suas experiências na atividade apostólica;
- de testemunharem, pelo seu estilo de vida, a espiritualidade de Marcelino Champagnat.

Ir. Charles HOWARD. *O Movimento Champagnat da Família Marista*. Circulares, v. XXIX, p. 365.

3. Entre os jovens, especialmente os mais carentes

(52) Os jovens que Champagnat desejava servir preferencialmente.

Já que desejam consagrar-se à instrução das crianças – finalidade de sua vocação – o que eu aprovo totalmente, gostaria de que vocês dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças mais ignorantes e mais abandonadas. Assim, proponho-lhes ensinarem nas aldeias da paróquia.

Vida, p. 69.

A instrução das crianças em geral e, em particular, dos pobres órfãos, é o objetivo de nosso Estabelecimento. Assim que terminarmos a casa de l'Hermitage e que pudermos utilizar uma boa captação de água para atender às necessidades da obra, receberemos as crianças das casas de caridade; ensinar-lhes-emos um ofício, dando-lhes educação cristã. As que mostrarem pendor para a virtude e a ciência serão aproveitadas na casa.

Prospectus, 1824, 10.

O objetivo da Congregação é também dirigir abrigos ou patronatos para a reabilitação de jovens com problemas ou expostos a perder os bons costumes.

Statuts, 1828, 9.

Os Irmãos de Maria, que têm por objetivo principal a educação dos pobres, ensinarão a leitura, a escrita, o cálculo, os rudimentos da Gramática e sobretudo a prática da Religião. Suas escolas serão gratuitas e acordarão com os municípios os meios de lhes garantir uma existência honesta e pouco onerosa.

Statuts, 1830, 1

(53) Seguindo o exemplo do Fundador

A pobreza de coração do Padre Marcelino Champagnat revela-se sobretudo em sua confiança na Providência. A fundação de nosso Instituto é a prova, sempre atual, de que a fé permite todas as audácias.

Constituições, 33.

Por fidelidade a Cristo e ao Fundador, amamos os pobres. Prediletos de Deus, eles atraem sobre nós os favores divinos e nos evangelizam.

Guiados pela voz da Igreja, de acordo com nossa vocação própria, nós nos solidarizamos com os pobres e suas causas justas. Reservamos-lhes nossa preferência, onde quer que estejamos e qualquer que seja nosso trabalho. Gostamos dos lugares e das casas que nos permitem partilhar a condição deles e aproveitamos das ocasiões de contato com a realidade de sua vida cotidiana.

A preocupação pelos pobres leva-nos a descobrir as causas de sua miséria e a libertar-nos de qualquer preconceito ou indiferença para com eles. Torna-nos mais responsáveis no uso dos bens que devemos partilhar com os mais necessitados.

Evitamos escandalizá-los com um teor de vida demasiado confortável.

Nossa missão de educadores junto aos jovens compromete-nos a trabalhar pela promoção da justiça.

Constituições, 34.

A experiência ensina que a vitalidade de uma família religiosa está intimamente ligada à maneira como ela pratica a pobreza evangélica... Nossa preferência é para com os pobres, com os quais partilhamos nossa vida e nosso trabalho.

Constituições, 167.

(54) Os clamores dos jovens

Para nós, filhos de Champagnat, esses clamores tornaram-se “sinais dos tempos”:

- O clamor sofrido de tantos pobres e marginalizados, de todo o mundo, deixados à beira do caminho.
- O clamor angustiado dos jovens desempregados, cujos talentos são menosprezados.
- O clamor silencioso dos rejeitados, dos sem-voz, sem liberdade, dos que padecem extrema solidão.
- O clamor desesperado de jovens que buscam o sentido de sua vida e procuram a felicidade em paraísos artificiais.

Clama ao céu a injustiça dessas estruturas geradoras de tanto sofrimento:

- O clamor de meninos e meninas de rua, abandonados, condenados a vida subumana.
- O clamor de crianças vítimas da fome e da guerra.
- O clamor de crianças desanimadas diante do fracasso escolar.
- O clamor de crianças de famílias mal constituídas ou desfeitas.
- O clamor de crianças que sofrem violência sexual.

Por trás de cada um desses rostos sofridos, está o rosto de Jesus. Por trás desses clamores, ressoa o grito de Jesus na cruz.

Mas há também gritos e **sinais de esperança**:

- dos que se comprometem em garantir os direitos humanos;

- de todos os que constroem a paz;
- dos que combatem a miséria;
- de todos os que trabalham por uma sociedade mais justa;
- dos que participam da missão de educar;
- de todos os que se empenham na salvaguarda da criação;
- de todos os que anunciam o Evangelho.

Nesses sinais de esperança germinam as sementes do reino de Deus e manifesta-se a presença do Espírito.

Irmãos Solidários, p. 4 (n. 5, 6, 7).

Sinais de Esperança

- A sede e a busca de Deus e do sentido da vida por parte dos jovens, embora, às vezes, o façam em manifestações equívocas.
- O desejo dos pobres e marginalizados de se tornarem protagonistas de sua libertação e desenvolvimento, particularmente diante de estruturas opressivas.
- A luta dos cidadãos na implantação de estruturas democráticas em seu país, para conseguir que os direitos humanos e a liberdade sejam mais respeitados.
- A crescente sensibilidade pelos valores da cultura.
- A criação de associações não governamentais e de organizações populares para realmente socorrer as vítimas de catástrofes, guerras, fome e de outras necessidades.
- O trabalho dos jovens na implantação da justiça e o seu compromisso de promover a transformação social.

Depois do Vaticano II, a Igreja modificou sua imagem e tomou maior consciência de sua missão. Entre outros, destacamos três aspectos mais significativos:

- consciência de ser Povo de Deus;
- opção preferencial pelos pobres;
- visão do mundo, onde o Espírito está agindo.

Concretamente, apesar das múltiplas tensões, estão se produzindo modificações no funcionamento da Igreja e na abordagem de sua missão:

- diálogo com as outras religiões;

- respeito pelas outras culturas;
- papel e participação dos leigos, homens e mulheres;
- reconhecimento da subsidiariedade e do pluralismo;
- ênfase da dimensão comunitária.

Irmãos Solidários, p. 12-13 (n. 8, 9, 10).

(55) Como tratar com os alunos difíceis

João Batista fica órfão e vive um pouco como um selvagem. O Padre Champagnat, auxiliado por pessoas piedosas, vem em socorro da mãe moribunda, abandonada pelo marido numa pobreza extrema. Depois da morte da mãe, João Batista não conseguiu viver com as crianças da família caridosa, dos vizinhos que o acolheram. Então M. Champagnat o confia aos Irmãos. O Ir. João Batista, historiador de nosso Fundador, escreveu:

“Acostumado a viver na vadiagem e a seguir sem freio as más inclinações, não agüentou enquadrar-se em regulamentos de escola... Fugiu várias vezes, preferindo mendigar comida e viver vida de rua a submeter-se à disciplina escolar. Os Irmãos...desanimados... acabaram pedindo ao Pe. Champagnat que o abandonasse à própria sorte, ‘pois, disseram-lhe: estamos perdendo tempo com esse rapaz. Mais cedo ou mais tarde, seremos obrigados a mandá-lo embora’. M. Champagnat teve de exortar os Irmãos à paciência e à coragem durante longos meses. Finalmente, João Batista Berne ‘mudou inteiramente, tornou-se calmo, dócil, ajuizado, parecia um anjo’. Depois da primeira Comunhão, solicitou admissão ao noviciado. Veio a ser Irmão piedoso, regular, obediente. Faleceu como um santo, na idade de vinte e um anos, nos braços do Padre Champagnat, cheio de gratidão pelo grande bem que lhe fizera.”

Cadernos Maristas, IV, p. 74-75; cf. *Vida*, p. 477-479.

(57) Audazes e determinados

Creemos que participamos da missão de Jesus, “enviado para anunciar a Boa Nova aos pobres”. E porque hoje, mais do que ontem, aumenta o número de pobres e marginalizados a quem o Evangelho não é anunciado, sentimo-nos chamados a reviver “a experiência do jovem Montagne”, por fidelidade a Cristo e ao Fundador; a despertar para a

solidariedade e para a evangelização; esse é o melhor serviço que possamos prestar à humanidade.

Irmãos Solidários, p. 19 (n. 10).

Chegou o momento de assumir, coletivamente, de modo decidido e sem equívocos, o apelo evangélico à solidariedade.

Irmãos Solidários, p. 21 (n. 20).

Vamos aos jovens lá onde eles estão. Vamos com ousadia aos ambientes, talvez inexplorados, onde a espera de Cristo se revela na pobreza material e espiritual. Em nossos encontros, manifestamos-lhes atenção marcada pela humildade, simplicidade e esquecimento de nós próprios.

Apresentamos-lhes o Cristo, a Verdade que liberta, Ele que chama a cada um pelo nome. Ajudamo-los a descobrir sua vocação na Igreja e no mundo. Permanecemos disponíveis ao Espírito Santo que nos interpela através das realidades de suas vidas e que nos impulsiona a ações corajosas.

Constituições, 83.

Discernir os apelos

A fidelidade à nossa missão exige atenção contínua aos sinais dos tempos, aos apelos da Igreja e às necessidades da juventude. Esta atenção facilita-nos a adaptação das estruturas e a tomada de decisões corajosas, por vezes inéditas. A escolha de nossas opções apostólicas faz-se no discernimento comunitário e com a mediação dos Superiores.

Constituições, 168.

(58) Transformar nossas obras

As obras estão influenciando enormemente em nossa vida, e isso é normal. Mas é importante que essa influência não nos domine, que não nos prive de liberdade evangélica. É preciso procurar como transformar nossas obras para que respondam aquilo de que a Igreja e os jovens precisam, para que nos ajudem a ser verdadeiramente aquilo

a que fomos chamados e a que entregamos nossa vida: apóstolos de Jesus Cristo, discípulos de Champagnat.

Ir. Benito Arbués. *Caminhar em paz, mas depressa*. Circulares, v. XXX, I, p. 44 (n. 31).

(59) Enfrentando alguns riscos

Tenhamos a audácia de abandonar certas seguranças para mais nos aproximarmos dos pequenos e dos pobres. Não receemos ir ao encontro de todos os que estão nas fronteiras da sociedade. Como catequistas, sejamos entusiásticos anunciadores da Boa Nova.

Irmãos Solidários, p. 8 (n. 20).

Nos tempos modernos, a atividade missionária desenvolveu-se sobretudo em regiões isoladas, longe dos centros civilizados e inacessíveis por dificuldades de comunicação, de língua e de clima. Hoje a imagem da missão *ad gentes* talvez esteja mudando: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que, depois, influem na população. É verdade que a “escolha dos menos afortunados” deve levar a não descuidar dos grupos humanos mais isolados e marginalizados, mas também é verdade que não é possível evangelizar as pessoas ou pequenos grupos, descuidando dos centros onde nasce — pode-se dizer — uma nova humanidade, com novos modelos de desenvolvimento. O futuro das jovens nações está se formando nas cidades.

Falando de futuro, não é possível esquecer os jovens que, em numerosos países, constituem mais da metade da população. Como proceder para que a mensagem de Cristo atinja esses jovens não-cristãos, que são o futuro de inteiros continentes? Evidentemente, já não bastam os meios tradicionais da pastoral: são necessárias associações e instituições, grupos e centros específicos, iniciativas culturais e sociais para os jovens...

Redemptoris Missio, 37(b).

(60) Sentido de urgência

“É importante criar novas presenças que sejam pontos de referência para recriar nossa vida em missão, segundo o carisma do

Pe. Champagnat. A refundação do Instituto precisa dessas fundações que tornem visível e atual a intuição do Pe. Champagnat, sensível às necessidades de seu tempo, sobretudo diante da ignorância religiosa e das situações de pobreza da infância e da juventude (cf. Constituições 2). Sei que é difícil pensar nisso, quando se constata a limitação dos recursos humanos. É aí onde se estabelece a avaliação, creio eu, da fortaleza ou debilidade de nossa fé.”

Ir. Benito ARBUÉS, *Caminhar em paz, mas depressa*, Circulares, v. XXX,I, p. 44-45 (n. 31).

Nosso pensamento se dirige às jovens gerações que se acham excluídas do âmbito escolar, aos 130 milhões de crianças e adolescentes impossibilitados de freqüentar a escola e aos 100 milhões, aproximadamente, que abandonam a escola antes de completarem sua educação (cf. UNESCO, Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, 1966). Esta realidade, junto à extrema pobreza das famílias, deveria levar-vos a investir corajosamente seu carisma educacional, nascido do ardor da caridade, em novas fundações onde as várias formas de pobreza são piores, e em respostas pedagógicas responsáveis e adequadas às novas exigências da formação integral da juventude.

Sagrada Congregação para a Educação Católica, *Carta aos Superiores Gerais*, p. 11.

O Capítulo pede ao Instituto que se comprometa prioritariamente com os mais pobres. Cada Província entrará num processo de discernimento. Depois implantará, nos próximos quatro anos, pelo menos um projeto significativo de presença marista junto às crianças e aos mais abandonados. Esse projeto será elaborado e realizado em colaboração com leigos.

Irmãos Solidários, p. 9 (n. 27).

Creemos que a opção preferencial pelos pobres é imperativo evangélico que nos compromete a trabalhar em nossa missão de educadores para a promoção da justiça e que nos torna corajosos, para irmos a lugares talvez inexplorados. E porque hoje, mais do que

ontem, apesar dos progressos tecnológicos, o analfabetismo está aumentando, sentimos-nos chamados a enfatizar a solidariedade como princípio essencial de nossa educação e a colocar nossas instituições a serviço dos pobres.

Empenhar os responsáveis, em todos os níveis, a privilegiar os novos projetos destinados às crianças e aos jovens desfavorecidos.

Engajar todas as Unidades Administrativas à maior colaboração entre si, possibilitando maior mobilidade dos Irmãos, quando se trata de um projeto de solidariedade.

Irmãos Solidários, p. 19-20 (n. 9, 14, 15).

4. Somos Semeadores da Boa Nova.

(61) A missão do Instituto

“O conhecimento de Nosso Senhor deve ser, pois, o objetivo de todos os catecismos... Quanto mais o tornarem conhecido e difundirem seu amor, mais diminuirão o reino do pecado, mais consolidarão o da virtude e mais garantirão a salvação de seus alunos.” Em muitíssimas cartas, expressa as mesmas recomendações, incitando os Irmãos a recordarem continuamente aos alunos quanto Jesus Cristo os amou e, conseqüentemente, quanto eles têm obrigação de amá-lo.

Vida, p. 312.

(63) Educamos e evangelizamos.

Efetivamente, não se pretende falar aqui do professor como de um profissional que se limita a transmitir na escola uma série de conhecimentos sistemáticos, mas, sim, do professor como educador, como formador de homens...

O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola, 16.

(64) Formação integral da pessoa humana e desenvolvimento social

Ao anunciar e ao acolher o Evangelho na força do Espírito, a Igreja torna-se comunidade evangelizada e evangelizadora e, precisamente por isso, faz-se serva dos homens. Nela, os fiéis leigos participam na missão de servir a pessoa e a sociedade...

Tendo recebido o encargo de manifestar ao mundo o mistério de Deus, que brilha em Jesus Cristo, ao mesmo tempo a Igreja descobre o homem ao homem, esclarece-o acerca do sentido da sua existência; abre-o à verdade total acerca dele e do seu destino. Nesta perspectiva, a Igreja é chamada, em virtude da sua própria missão evangelizadora, a servir o homem. Tal serviço tem a sua raiz primeiramente no fato prodigioso e empolgante de que, “com a encarnação, o Filho de Deus uniu-se de certa forma a todo o homem”.

Por isso, o homem “é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no desempenho da sua missão: ele é o caminho primeiro e fundamental da Igreja, caminho que imutavelmente passa pelo mistério da Encarnação e da Redenção”.

Christifideles Laici, 36.

A formação integral do homem, como finalidade da educação, compreende o desenvolvimento de todas as faculdades humanas do educando, a sua preparação para a vida profissional, a formação do seu sentido ético e social, a sua abertura ao transcendente e a sua educação religiosa.

A vocação do educador católico comporta um esforço de contínua projeção social. Ele deve formar o homem para a sua inserção na sociedade, prepará-lo para assumir o compromisso de melhorar as estruturas da sociedade, conformando-as aos princípios evangélicos, e educá-lo para realizar entre os homens uma convivência pacífica, fraterna e comunitária.

O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola, 17, 19.

(66) A missão evangelizadora da Igreja

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade... Para a Igreja, não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras

e os modelos de vida da humanidade, que se apresentem em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.

Evangelii Nuntiandi, 18, 19.

A Igreja aprendeu que sua missão evangelizadora possui como parte indispensável a ação pela justiça e as tarefas de promoção humana.

João Paulo II, discurso Inaugural na *Conferência Episcopal Latinoamericana, Puebla*, 1979, n. 3.2.

O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja.

Redemptoris Missio, 55.

Conversão contínua de todos

Neste diálogo de salvação, os cristãos e os outros são chamados a colaborar com o Espírito do Senhor Ressuscitado, Espírito que está presente e opera universalmente...

Mediante o diálogo, os cristãos e os outros são convocados a aprofundar seu empenho religioso e a responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao dom gratuito...

O diálogo sincero supõe, por um lado, aceitar reciprocamente a existência das diferenças, ou também as contradições e, pelo outro, respeitar a livre decisão que as pessoas tomam em conformidade com a própria consciência.

Diálogo e Anúncio, 40, 41.

(67) O Reino de Deus

O Reino de Deus destina-se a todos os homens, pois todos foram chamados a pertencer-lhe. Para sublinhar este aspecto, Jesus aproximou-se sobretudo daqueles que eram marginalizados pela sociedade, dando-lhes preferência, ao anunciar a Boa Nova... A libertação e a salvação, oferecidas pelo Reino de Deus, atingem a pessoa humana tanto nas suas dimensões físicas como espirituais. Dois gestos caracterizam a missão de Jesus: curar e perdoar.

O Reino pretende transformar as relações entre os homens, e realiza-se progressivamente à medida que estes aprendem a amar, perdoar, a servir-se mutuamente... Por isso, a natureza do Reino é a comunhão de todos os seres humanos entre si e com Deus.

O Reino diz respeito a todos: às pessoas, à sociedade, ao mundo inteiro. Trabalhar pelo Reino significa reconhecer e favorecer o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma. Construir o Reino quer dizer trabalhar para a libertação do mal, sob todas as suas formas. Em resumo, o Reino de Deus é a manifestação e a atuação do seu desígnio de salvação, em toda a sua plenitude.

É verdade que a realidade incipiente do Reino se pode encontrar também fora dos confins da Igreja, em toda a humanidade, na medida em que ela viva os “valores evangélicos” e se abra à ação do Espírito que sopra onde e como quer (cf. Jo 3, 8); mas é preciso acrescentar, logo a seguir, que esta dimensão temporal do Reino está incompleta, enquanto não se ordenar ao Reino de Cristo, presente na Igreja, em constante tensão para a plenitude escatológica... A Igreja é sacramento de salvação para toda a humanidade; a sua ação não se limita àqueles que aceitam a sua mensagem. Ela é força atuante no caminho da humanidade rumo ao Reino escatológico; é sinal e promotora dos valores evangélicos entre os homens.

Redemptoris Missio, 12-20.

(68) O desejo de Marcelino Champagnat de levar as crianças a Jesus

Nas viagens, entabulava conversas com as crianças e, bondosamente, perguntava se haviam feito a Primeira Comunhão e se acompanhavam o catecismo na igreja. Habilmente, indagava se conheciam os mistérios e as verdades essenciais da salvação. Mandava-as recitar ou lhes ensinava sem que percebessem. Dizia muitas vezes: “Não posso ver uma criança sem me dar vontade de ensinar-lhe o catecismo e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a ama e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador”.

Vida, p. 459-460.

(69) Como apresentar Jesus Cristo

A evangelização há de conter também sempre - ao mesmo tempo, como base, centro e ápice do seu dinamismo - uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus.

Evangelii Nuntiandi, 27.

Nosso serviço de evangelização visa a formar verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. Cumprimo-lo primordialmente pelo testemunho de nossa vida e pelos contatos nos quais exercemos nossa capacidade de escuta e de diálogo.

Damos preferência à catequese. Dedicamo-nos inteiramente a esse ministério, conforme nossas aptidões, confiantes na ajuda do Senhor e na proteção de Maria. Vemos, com particular interesse, os movimentos apostólicos de jovens, que constituem complemento à catequese.

Dados os laços profundos que existem entre a evangelização e a promoção humana, ajudamos os que passam necessidades e cooperamos com os construtores da justiça e da paz no mundo.

Constituições, 86.

(71) Jesus Cristo nos revela o que significa ser plenamente humano.

Na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado (Cristo); manifesta perfeitamente o homem ao próprio homem e descobre-lhe a sublimidade da sua vocação...e por isso mesmo esta natureza foi elevada, também em nós, a uma dignidade sem par. Com efeito, pela sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de alguma sorte a todo o homem. Trabalhou com mãos humanas, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascendo da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, em tudo semelhante a nós, exceto no pecado.

Gaudium et Spes, 22.

(75) Apóstolos da juventude

Ao fundar o Instituto, o Pe. Champagnat não tencionava dar aos meninos apenas a instrução primária, nem apenas ensinar-lhes as verdades da fé, mas ainda dar-lhes a educação, com o sentido acima indicado. “Se fosse apenas para ensinar as ciências humanas aos jovens, não haveria necessidade de Irmãos; bastariam os demais professores. Se pretendêssemos ministrar somente a instrução religiosa, limitar-nos-íamos a ser simples catequistas, reuniríamos as crianças uma hora por dia, para transmitir-lhes as verdades cristãs. Nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar as crianças, isto é, instruí-las sobre seus deveres, ensinar-lhes a praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão.”

Vida, p. 498.

Para o Irmão, o zelo é a pedra filosofal, alquimia que transforma em ouro tudo o que faz... O zelo em levar os meninos a Deus terá transmutado em ouro, isto é, em atos de virtude, as ações mais corriqueiras e tudo quanto fazem na aula. Que diferença entre o Irmão que leciona como apóstolo, animado de zelo, e outro, que leciona apenas como profissional.

Vida, p. 508.

O educador participa essencialmente naquilo que é mais nobre na paternidade divina...

A Igreja sempre considerou a educação como um apostolado e sacerdócio...

Avis, p. 420, 421.

(76) Educação Integral

Educar uma criança não é ensinar-lhe a ler, escrever e iniciá-la nos diversos conhecimentos do ensino primário. Essas noções bastariam, se o homem fosse feito só para este mundo. Mas outro destino o aguarda. Ele existe para o céu, para Deus. É para atingir essa finalidade que há de ser educado. Educar uma criança é, pois, desvendar-lhe tão nobre e sublime destino e oferecer-lhe os meios

para atingi-lo. Numa palavra, educar uma criança é fazer dela bom cristão e virtuoso cidadão.

Vida, p. 498.

(77) Uma concepção cristã da pessoa humana do mundo

Toda a educação se inspira numa determinada concepção do homem. No mundo pluralista de hoje o educador católico é chamado a inspirar conscienciosamente a própria ação na concepção cristã do homem, em comunhão com o Magistério da Igreja. Esta concepção, incluindo a defesa dos direitos humanos, situa o homem na dignidade de filho de Deus, concede-lhe a mais completa liberdade, porque o considera libertado do pecado por Cristo, e lhe aponta o mais alto destino, que é a posse definitiva e total de Deus por meio do amor. Por outro lado, coloca-o na mais estreita relação de solidariedade com todos os homens, por meio do amor fraterno e da comunhão eclesial. Estimula-o à obtenção do mais alto progresso do gênero humano, pois afirma que ele foi constituído senhor do mundo pelo Criador. Apresenta-lhe finalmente como modelo e ideal o Filho de Deus, Cristo, o homem perfeito.

O Leigo Católico, Testemunha da fé na Escola, 18.

Educar uma criança

- é iluminar a sua inteligência;
- é corrigir suas más inclinações;
- é formar seu coração;
- é formar a sua consciência;
- é formá-la à piedade;
- é fazer-lhe amar a virtude e a religião;
- é formar a sua vontade... e ensinar-lhe a obedecer;
- é também e sobretudo formar seu juízo;
- é também formar e educar o seu caráter;
- é exercer sobre ela uma contínua vigilância;
- é inspirar-lhe o amor ao trabalho;
- é dar-lhe os conhecimentos que lhe serão necessários na sua posição e na sua condição;

- é também ocupar-se do seu desenvolvimento físico;
- é dar-lhe os meios para adquirir toda a perfeição do seu ser, e fazer dessa criança um homem completo.

Avis, p. 356-364.

(78) O educando, sujeito ativo de sua própria educação.

Deus ocupa o primeiro lugar na educação, porque a criança para trabalhar pessoalmente em sua educação tem necessidade absoluta da ajuda de Deus. A piedade é a primeira coisa necessária à criança para trabalhar em sua educação...

A criança tem de trabalhar muito para dominar sua própria natureza. É possível ajudá-la, encorajá-la mas, em última análise, compete a ela desenraizar o mal, cultivar o bem, corrigir seus defeitos e desenvolver suas qualidades...

Avis, p. 428-429.

(79) O respeito à consciência

Um dos pontos mais importantes na educação é conseguir que os meninos amem a religião e cumpram seus deveres por amor...

Para fazê-los amar a religião, é necessário (...) evitar o constrangimento a respeito da religião. A religião não se impõe pela força, mas penetra no coração como suave orvalho. O próprio Jesus Cristo nunca violentou a vontade humana: “Se quiserdes entrar na vida”, disse ele, “observai os mandamentos de Deus.” É extremamente importante compreender bem isto, pois a violência moral não torna os meninos virtuosos, mas hipócritas.

Guia das Escolas, p. 225, 226-227.

(80) Um estilo acolhedor

Ele (o mestre), portanto, como especialista, acolhe os alunos com simpatia e caridade. Aceita-os como são. Explica que a dúvida e a indiferença são fenômenos comuns e compreensíveis. Depois, convida-os amigavelmente a procurar e a descobrir juntos a mensagem evangélica, fonte de alegria e serenidade. A personalidade e o prestígio do mestre ajudarão a preparar o terreno.

Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica, 71.

(81) Liberdade e responsabilidade

No fundo da consciência, o homem descobre a existência de uma lei que ele não impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer e, cuja voz, convidando-o a amar e a fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno, ressoa aos ouvidos do coração... Na verdade, o homem tem uma lei inscrita por Deus no seu coração... A consciência é o núcleo mais secreto do homem, o santuário onde está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo.

Gaudium et Spes, 16.

É necessário fazer chegar o Evangelho da vida ao coração de todo o homem e mulher, e inseri-lo nas pregas mais íntimas do tecido da sociedade inteira. (80)

Para sermos verdadeiramente um povo a serviço da vida, temos de propor, com constância e coragem, estes conteúdos, desde o primeiro anúncio do Evangelho e, depois, na catequese e nas diversas formas de pregação, no diálogo pessoal e em toda a ação educativa... encontraremos valiosos pontos de encontro e diálogo também com os não-crentes, empenhados todos juntos a fazer despertar uma nova cultura da vida. (82)

Evangelium Vitae, 80, 82.

(82) Diálogo de Vida

Ao diálogo abre-se um vasto campo, podendo ele assumir múltiplas formas e expressões: (entre elas), o denominado “diálogo de vida”, pelo qual os crentes das diversas religiões mutuamente testemunham, na existência cotidiana, os próprios valores humanos e espirituais, ajudando-se a vivê-los em ordem à edificação de uma sociedade mais justa e fraterna.

Redemptoris Missio, 57.

(83) Inculturação

O processo de inserção da Igreja nas culturas dos povos requer um tempo longo: é que não se trata de mera adaptação exterior, já que a inculturação “significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do

cristianismo nas várias culturas”. Trata-se, pois, de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã como a reflexão e a práxis da Igreja.

A Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com as suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro.

Redemptoris Missio, 52.

(84) Evangelizar a cultura e as culturas do homem

Importa evangelizar... a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus... A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas.

Evangelii Nuntiandi, 20.

O serviço à pessoa e à sociedade humana exprime-se e se realiza por meio da criação e transmissão da cultura... A cultura deve ser considerada como o bem comum de cada povo, a expressão da sua dignidade, liberdade e criatividade; o testemunho do seu percurso histórico. Em particular, só dentro e por meio da cultura é que a fé cristã se torna histórica e criadora de história...

Perante o progresso de uma cultura que aparece divorciada não só da fé cristã, mas até dos próprios valores humanos, bem como perante certa cultura científica e tecnológica incapaz de dar resposta à premente procura de verdade e de bem que arde no coração dos homens, a Igreja tem plena consciência da urgência pastoral de se dar à cultura uma atenção toda especial.

Por isso a Igreja pede aos fiéis leigos que estejam presentes, em nome da coragem e da criatividade intelectual, nos lugares privilegiados da cultura, como são o mundo da escola e da universidade, os ambientes da investigação científica e técnica, os lugares da criação artística e da reflexão humanística. Tal presença tem como finalidade não só o reconhecimento e a eventual purificação dos elementos da cultura existente, criticamente avaliados, mas

também a sua elevação, graças ao contributo das originais riquezas do Evangelho e da fé cristã.

Christifideles Laici, 44.

Presença dos Religiosos no mundo da educação

Pela sua especial consagração, pela peculiar experiência dos dons do Espírito, pela escuta assídua da Palavra e o exercício do discernimento, pelo rico patrimônio de tradições educativas acumulado ao longo da história pelo próprio Instituto, pelo conhecimento profundo da verdade espiritual, as pessoas consagradas são capazes de desenvolver uma ação educativa particularmente eficaz, oferecendo uma contribuição específica para as iniciativas dos outros educadores e educadoras.

Dotadas deste carisma, elas podem dar vida a ambientes educativos permeados pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, onde os jovens sejam ajudados a crescer em humanidade, sob a guia do Espírito. Deste modo, a comunidade educativa torna-se experiência de comunhão e lugar de graça, onde o projeto pedagógico contribui para unir, numa síntese harmoniosa, o divino e o humano, o Evangelho e a cultura, a fé e a vida...

Vita Consecrata, 96.

(87) Os jovens, esperança da Igreja.

Aos homens de nosso tempo, a todos vocês, caros jovens, que são sedentos e famintos da verdade, a Igreja se oferece como companheira de viagem. Ela lhes oferece a mensagem eterna do Evangelho e os encarrega de uma tarefa arrebatedora: serem os protagonistas da Nova Evangelização...

Como fiel guardiã e representativa da fé transmitida a ela por Cristo, a Igreja está aberta ao diálogo com a nova geração, a fim de responder a suas necessidades e expectativas, e a descobrir num diálogo franco e sincero o caminho mais apropriado para chegar à fonte da divina salvação...

A vocês, jovens, é confiada de modo especial a tarefa de se tornarem comunicadores de esperança e construtores da paz (cf. Mt 5,9) num mundo que está sempre carente de testemunhas fidedignas e

de mensageiros consistentes. Vocês sabem como falar aos corações de seus contemporâneos que anseiam pela verdade e fidelidade, em constante, embora freqüentemente inconsciente, busca de Deus.

João Paulo II, *Mensagem de aos jovens*, 1993, 4,5.

Os jovens não devem ser considerados simplesmente como o objeto da solicitude pastoral da Igreja: são de fato e devem ser encorajados a ser sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social. A juventude é o tempo de uma descoberta particularmente intensa do próprio “eu” e do próprio “projeto de vida”; é o tempo de um crescimento que deve realizar-se “em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52). A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja.

Christifideles Laici, 46.

(88) A presença de Deus nas tradições pessoais e religiosas fora da Igreja

Não é possível limitar-se aos dois mil anos decorridos desde o nascimento de Cristo. É necessário retroceder no tempo, abarcar toda a ação do Espírito Santo, mesmo antes de Cristo, desde o princípio, em todo o mundo e, especialmente, na economia da Antiga Aliança. Esta ação, de fato, em todos os lugares e em todos os tempos, ou antes, em cada homem, desenrolou-se segundo o eterno desígnio de salvação, no qual ela anda estreitamente unida ao mistério da Encarnação e da Redenção...

Também devemos alargar as nossas vistas para mais longe, “para o largo”, conscientes de que “o vento sopra onde quer”... O Concílio Vaticano II... recorda-nos a ação do Espírito Santo, mesmo “fora” do corpo visível da Igreja.

Dominum et Vivificantem, 53.

Deus atrai a si todos os povos, em Cristo, desejando comunicar-lhes a plenitude da sua revelação e do seu amor; Ele não deixa de se tornar presente, de tantos modos, quer aos indivíduos quer aos povos, por meio das suas riquezas espirituais, das quais a principal

e essencial expressão são as religiões, mesmo se contêm também “lacunas, insuficiências e erros”.

Redemptoris Missio, 55.

(89) Povos de todas as crenças rezam juntos.

Toda oração autêntica acha-se sob a influência do Espírito Santo que intercede insistentemente por nós... porque não sabemos rezar como deveríamos, mas ele reza em nós com inexprimíveis gemidos e Aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito (cf. Rm 8,26-27). Nós podemos, de fato, afirmar que toda oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo que está misteriosamente presente no coração de toda a pessoa.

Discurso de João Paulo II à Cúria Romana, após o Dia Mundial de Oração pela Paz, em Assis, Boletim, Secretariado para os não-cristãos, 1987, 11.

(90) A salvação para todos

O mistério da salvação atinge-os, por caminhos conhecidos por Deus, graças à ação invisível do Espírito de Cristo. É mediante a prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas, e seguindo os ditames de sua consciência, que os membros de outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus e recebem a salvação em Jesus Cristo, mesmo se não o conhecem como o seu salvador.

Diálogo e Anúncio, 29.

(91) A construção da Unidade Cristã

Vê-se, de modo inequívoco, que o ecumenismo, o movimento a favor da unidade dos cristãos, não é só uma espécie de “apêndice”, que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja. Pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e ação, devendo, por conseguinte, permeá-la no seu todo e ser como que o fruto de uma árvore que cresce sadia e viçosa até alcançar o seu pleno desenvolvimento.

O amor é a corrente mais profunda que dá vida e infunde vigor ao processo que leva à unidade. Este amor encontra a sua expressão mais acabada na oração em comum... A comunhão na oração induz a ver com olhos novos a Igreja e o cristianismo.

(92) Um Deus, um Cristo, esforços convergentes.

O diálogo é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as “sementes do Verbo”, os “fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens” - sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade.

Redemptoris Missio, 56.

Relacionamento da Igreja com os Muçulmanos

Mas o desígnio de salvação abrange igualmente aqueles que reconhecem o Criador, em particular os muçulmanos que, professando manter a fé de Abraão, adoram conosco um Deus único e misericordioso que há de julgar os homens no último dia.

Lumen Gentium, 16.

(93) Diversidade de situações religiosas

Olhando o mundo de hoje, do ponto de vista da evangelização, podemos distinguir três situações distintas.

Antes de mais nada, temos aquela a que se dirige a atividade missionária da Igreja: povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. Esta é propriamente a missão *ad gentes*.

Aparecem, depois, as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nelas se desenvolve a atividade ou cuidado pastoral da Igreja.

Finalmente, existe a situação intermediária, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e levando uma vida distante de Cristo e do seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma “**nova evangelização**”, ou “reevangelização”.

(94) As crianças e o Reino de Deus

- 1) A criança é a criatura visível mais nobre e mais perfeita; é o “maior milagre de Deus”, segundo Santo Agostinho.
- 2) A criança é a imagem e a semelhança de Deus. Como Deus, ela é trindade; ela tem a vida, a inteligência, a razão e o amor; essas qualidades constituem a essência do seu ser. O ser torna-a semelhante ao Pai; a inteligência torna-a semelhante ao Filho; o amor torna-a semelhante ao Espírito Santo; semelhante ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ela tem no seu ser, na sua inteligência e no seu amor uma mesma felicidade e uma mesma vida.
- 3) A criança é filha de Deus e filha do Altíssimo (Sl 81, 6). Sim, essa criança pode parecer-lhes muito pequena, muito fraca, muito frágil, e contudo ela não tem apenas o nome de filha de Deus, ela o é realmente; ela o é, desde agora, sob essas pobres roupas que a cobrem.
- 4) A criança é a conquistada e o preço do sangue do Deus Salvador; é membro e irmão de Jesus Cristo; é o templo do Espírito Santo, e o alvo dos favores de Deus.
- 5) A criança é a esperança do céu, é o amigo e o irmão dos Anjos e dos Santos. É o herdeiro do Reino celeste e das palmas eternas.
- 6) A criança é o que há de mais amável e de mais belo sobre a terra; é a flor e o ornamento do gênero humano, diz São Macário.
- 7) A criança é o seu irmão, o seu semelhante, os ossos dos seus ossos, um outro como vocês.
- 8) A criança é o campo que Deus lhes deu para cultivar; é um tenro rebento, uma planta frágil, mas que um dia será grande árvore produzindo frutos de virtudes, e projetando ao longe sua sombra gloriosa.
- 9) A criança é um riacho fraco, uma nascente que apenas brota, mas que se tornará, talvez, um rio majestoso, se vocês souberem orientar, com cuidado, as suas águas dóceis, tal como faz o hábil cuidador das fontes, de que falam os

Santos Livros, e se nunca permitirem que águas estranhas, impuras ou amargas venham perturbar o seu curso.

- 10) A criança é o objeto de seu trabalho, causa de tantas fadigas, mas que lhe permite exercer a virtude. A criança será a sua consolação à hora da morte, sua defesa quando forem julgados por Deus, sua coroa e glória no céu.
- 11) A criança é a bênção de Deus, é a esperança da terra, da qual já é a riqueza e o tesouro, da qual será um dia a força e a glória.
- 12) A criança, numa palavra, é o gênero humano, é a humanidade inteira, é o homem, tão simplesmente: ela tem direito a ser respeitada totalmente e, por sua vez, ela deve respeitar totalmente os outros. Aqui está o que é a criança que vocês devem respeitar.

Avis, p. 386-390.

(96) Sob a inspiração do Espírito Santo

Pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente, que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação. Mas pode-se dizer igualmente que ele é o termo da evangelização: de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova... Através dele, do Espírito Santo, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é ele que faz discernir os sinais dos tempos - os sinais de Deus - que a evangelização descobre e valoriza no interior da história.

Evangelii Nuntiandi, 75.

(97) Renovar a face da Terra

O Espírito é também, na nossa época, o agente principal da nova evangelização. Será, por isso, importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo, animando os homens no mais íntimo deles mesmos e fazendo germinar dentro da existência humana os germens da salvação definitiva que acontecerá no fim dos tempos.

Tertio Millenio Adveniente, 45.

(98) “Eu sustentei a Igreja nascente.”

A Sociedade deve recomeçar uma nova Igreja. Não pretendo servir-me desta expressão em seu sentido literal, pois seria um ato ímpio. Mas, em certo sentido, sim, devemos recomeçar uma nova Igreja. A Sociedade de Maria, como Igreja, começa com homens simples, pouco instruídos, depois se desenvolve e abarca tudo.

J. COSTE e G. LESSARD. *Origines Maristes*, v. 2, doc. 632.

(99) Se o Senhor não construir a casa...

Não há virtude que o Pe. Champagnat tenha mais recomendado que a confiança em Deus. Comentou milhares de vezes os dois primeiros versículos do Salmo *Nisi Dominus aedificaverit domum* e seus comentários formariam volumes.

Vida, 275.

(100) Confiança em Maria

“Senhora, o empreendimento é seu. A Senhora nos reuniu, mesmo contra as adversidades do mundo, para trabalharmos para a glória de seu Divino Filho. Se não vier em nosso auxílio, vamos acabar, mingando como lâmpada que não tem mais azeite. Agora, se o empreendimento acabar, o que estará acabando não será o nosso, mas o seu. Pois aqui na família foi a Senhora que fez tudo. Contamos com a Senhora, com seu auxílio poderoso, e estaremos sempre contando com ele.”

Oração pelas Vocações, *Vida*, p. 90.

(102) Valor da vocação de educador

“Meus caros Irmãos”, dizia-nos em certa ocasião, “como é sublime a missão de vocês aos olhos de Deus! Ditosos vocês, os escolhidos para tão nobre função! Fazem o mesmo que Jesus fez na terra. Ensinam os mesmos mistérios, as mesmas verdades... Educar uma criança, isto é, instruí-la nas verdades da religião, formá-la à virtude e ensinar-lhe a amar a Deus, é função mais grandiosa e mais excelsa do que governar o mundo!

Vida, p. 463-464.

O Educador, cooperador de Deus.

“Paulo planta, Apolo rega”, os pedagogos fazem o que podem; mas tanto o que planta quanto o que rega não são nada. Só há um que conta, verdadeiramente, na educação do homem: quem dá o crescimento, isto é, quem faz crescer, fortalece, ilumina, soergue, e este é Deus...

O educador é apenas o colaborador de Deus na obra da educação; mas para ser bom colaborador, é evidente que é preciso estar muito unido a Ele e participar abundantemente de seu Espírito.

Avis, p. 427.

A criança nos é confiada por Deus.

No momento em que uma criança lhe é confiada, pense em Jesus Cristo dizendo-lhe, como a filha do Faraó, a respeito de Moisés, que ela acabava de retirar das águas do Nilo: receba esta criança, eduque-a para mim e eu lhe darei uma recompensa. É o que tenho de mais precioso na terra; e eu lha confio...

Avis, p. 428.

5. Com estilo marista próprio

(103) A Regra de Ouro para os educadores maristas

“Para bem educar as crianças é preciso amá-las e amá-las todas igualmente. Ora, amar as crianças é dedicar-se totalmente à sua instrução e empregar todos os recursos sugeridos por um zelo criativo para formá-las à virtude e à piedade.”

Vida, p. 501.

Um Irmão deve amar muito o seu trabalho e as crianças

Para ter êxito na nobre missão de ensinar, o Irmão deve amar esse trabalho e amar as crianças. Nessa tarefa, deve colocar toda a sua capacidade, todo o seu espírito, todo o seu coração, toda a sua atividade, toda a sua vida no cumprimento do seu dever. Não deve se imiscuir em muitas coisas, para não dispersar sua atenção e sentir-se dividido. Todo o seu afeto e toda a sua solicitude de professor devem estar voltados para os seus alunos. Nada fará de bom:

- se cumprir sua missão como um simples trabalho, ou à maneira de um mercenário;
- se não amar o seu trabalho e os seus alunos;
- se não se devotar inteiramente a seu trabalho de educador.

A educação não é só a disciplina e ensino; ela não se faz à moda de um curso de boas maneiras nem mesmo de religião, mas através da relação contínua e diária entre os alunos e os seus professores, por avisos pessoais, pequenas observações, encorajamento, reprimendas e por quaisquer ensinamentos que ensejem essas relações continuadas.

Mas para cultivar as almas jovens, uma a uma, com a atenção contínua reclamada por suas necessidades e fraquezas, é preciso amar as crianças. Quando amamos as crianças, fazemos muito mais e melhor por elas, com menos fadiga e mais sucesso. E por que assim? Porque as palavras e as ações inspiradas por uma verdadeira afeição encerram em si uma força especial, penetrante, irresistível. Um professor que ama pode advertir e aconselhar; o amor que se sente em suas palavras dá-lhe mais força e mais graça; as crianças acolhem seus avisos como manifestação de sua amizade e seguem-nos com docilidade. Um professor que ama pode repreender e punir, porque, mesmo quando se mostra severo, não age por prevenção nem afetação; por isso, o aluno, ao invés de se aborrecer com o castigo que lhe é imposto, mostra-se sinceramente contrito por haver entristecido o professor que o ama.

Amem, pois, as suas crianças; combatam constantemente a indiferença, o cansaço, o desgosto que as suas faltas podem, facilmente, excitar os nervos. Não fechem os olhos aos seus defeitos, porque devem corrigi-los. Não fechem os olhos às suas faltas, porque, muitas vezes, devem ser punidas. Mas, ao não fecharem os olhos, não deixem de pensar também que as suas crianças têm qualidades dignas de ser amadas e que devem suscitar o seu interesse. Vejam a inocência que brilha na serenidade dos seus rostos, a ingenuidade das suas palavras, a sinceridade do seu arrependimento, mesmo que, às vezes, não dure muito, a franqueza de suas resoluções, ainda que rapidamente as esqueçam, a generosidade do seus esforços, ainda que raramente perseverantes. Vejam o bem que elas fazem, mesmo de

maneira imperfeita, como também o mal que evitam cometer. Façam o que fizerem, continuem a amá-las, enquanto elas estão com vocês, porquanto é a única maneira de trabalhar, com resultado, para o seu aperfeiçoamento. Amem a todas igualmente. Que não haja nem rejeitados nem favorecidos; ou melhor, que todas se sintam objeto de sua dileção e privilegiadas, ao receberem o testemunho pessoal de sua afeição. Quem lhes confiou essas crianças? Deus e as suas famílias. Ora, Deus é o amor infinito para os homens, e quem os dirige em seu nome deve imitar a sua providência e prodigalizar o seu amor. Os pais e as mães também lhes confiaram suas crianças. Mas vocês sabem muito bem que o coração de um pai e de uma mãe é fonte inesgotável de amor. Amem, portanto, essas crianças, em nome de Deus e das famílias, e só então serão dignos e capazes de as educar.

Avis, p. 431-433.

(105) Presença entre os jovens

Meu caro Irmão Barthélemy e seu caro colaborador:

Fiquei muito satisfeito de receber notícias suas. Fico satisfeito de saber que vocês estão de boa saúde. Sei também que estão com muitos alunos e que, portanto, terão muitas cópias de suas virtudes, pois é seguindo esses modelos que seus alunos se formam. De acordo com os exemplos que vocês derem é que eles vão pautar o comportamento deles.

Como é grande o trabalho que vocês fazem, como é sublime ! Vocês estão continuamente em companhia daqueles com os quais Jesus se comprazia, já que proibia expressamente a seus discípulos de impedir as crianças de se achegarem a Ele.

E você, meu caro amigo, não impede mas ainda faz de tudo para conduzi-las a Jesus. Que bela recepção vai ter da parte do divino Mestre, Mestre generoso, que não deixa sequer um copo de água fresca sem recompensa.

Digam a seus meninos que Jesus e Maria gostam muito deles todos: dos que são bem comportados porque são parecidos com Jesus, que é o máximo de bem comportado; dos que ainda não são, porque vão ser. Digam que Nossa Senhora também gosta deles porque Ela é a Mãe de todos os meninos de nossas escolas. Digam mais: que eu

também gosto deles todos, que nenhuma vez, ao subir ao altar (para rezar a Missa) deixo de me lembrar de vocês e de seus queridos meninos. Desejaria eu ter a felicidade de ensinar, de consagrar minhas atenções de maneira mais direta para formar essas criaturinhas delicadas.

Todos os demais estabelecimentos vão mais ou menos bem. Rezem por mim e por toda a casa.

Tenho a honra de me dizer seu pai muito dedicado, em Jesus e Maria.

Champagnat, Superior - Notre-Dame de l'Hermitage.

Champagnat ao Ir. Barthélemy. Carta 14.

O bom exemplo é a primeira lição que um Irmão deve dar aos seus alunos. É também a lição mais meritória para vocês e a mais eficaz para eles. É pelos olhos, mais do que pelos ouvidos, que a instrução penetra mais facilmente e se grava mais profundamente.

Avis, p. 424.

(106) Estar junto aos jovens e a seu mundo

Vamos aos jovens lá onde eles estão. Vamos com ousadia aos ambientes, talvez inexplorados, onde a espera de Cristo se revela na pobreza material e espiritual.

Constituições, 83.

(107) A disciplina na tradição marista

Prevenir as faltas

Para que os castigos sejam proveitosos, devem ser usados com parcimônia e sempre com sabedoria...

O primeiro dever dos mestres, no que concerne à repreensão, consiste em prevenir, pela vigilância e por um procedimento correto, as transgressões e as faltas; no mais das vezes, quando os meninos erram, culpa maior que a deles é imputada àqueles que os dirigem. Os principais meios a serem utilizados pelos mestres para prevenir as faltas são:

- 1) Observar o silêncio e fazê-lo observar rigorosamente;

- 2) Ter o espírito sereno e o semblante ao mesmo tempo sério e agradável. O que mais molesta aos meninos é ter um mestre volúvel, ora triste ora alegre, às vezes inflexível e intolerante, complacente com uns e intransigente com outros, ou que age segundo seu humor e caprichos.
- 3) Nunca perder de vista os meninos; mantê-los sempre ocupados; ser pontual para tudo fazer na hora marcada, pois não há nada melhor para contê-los ou fazê-los voltar mais rápida e seguramente ao dever do que a vigilância e a pontualidade.
- 4) Para dar-lhes algum aviso, quando necessário, ensinar-lhes as lições e censurar-lhes a conduta, os Irmãos devem fazê-lo com benevolência, firmeza e gentilmente, sem se permitirem, entretanto, repreendê-los quando estiverem irritados para não causar-lhes revolta e evitar de colocá-los junto a outras crianças que, por natureza, são inquietas e incapazes de permanecerem quietas.

Guia das Escolas, p. 187; *Guide des Écoles*, p. 56.

Desenvolvendo a responsabilidade pessoal

A vigilância, embora previna muitas infrações, não as impede todas. O mestre deve, portanto, saber influir sobre a vontade da criança, servindo-se de um ou de diversos meios capazes de agir sobre essa vontade: apelo à razão e à consciência, louvável emulação, desejo de louvores e recompensas, receio das punições etc.

Guide des Écoles, p. 135.

Ingredientes para uma boa disciplina

A disciplina é absolutamente necessária numa escola, mas não é uma disciplina qualquer que é suficiente para educar a criança, formar sua vontade e firmá-la na prática do bem.

Para isso, a disciplina deve ser *paternal*, senão, em vez de melhorar a criança, a piora; avilta os que a sofrem e, mais ainda, os que a impõem. Ora, para ser paternal, a disciplina deve ter por companheiras a religião, a afeição, a indulgência.

1.º A religião. A religião fortifica e mantém a disciplina, porque convence mais facilmente a criança por motivos sobrenaturais

e lhe ensina que a autoridade e a regra vêm de Deus e que sujeitando-se a elas é ao próprio Deus que obedecem.

2.º A afeição. Um mestre que ama pode instruir, porque a afeição por seus alunos, mais que sua competência, torna mais atrativas as lições, desperta interesse, atrai a atenção dos alunos e faz penetrar em sua inteligência os ensinamentos ministrados.

3.º A indulgência. Assim, um Irmão instruirá seus alunos com zelo, mas esperará de antemão encontrar espíritos pouco abertos, lentos para assimilar os conhecimentos; alunos levianos que pouco se aplicam, que esquecem logo o que aprenderam e nada levam a sério, especialmente os estudos; espíritos volúveis, levados a distrações, esquecendo hoje o que lhe ensinaram ontem. O mestre, sabendo disso, não desanimará, não se importunará, mas redobrará esforços de zelo, será indulgente...Mas a indulgência aqui recomendada é uma indulgência judiciosa, prudente e caridosa, e não uma indulgência de fraqueza.

Guide des Écoles, p. 150-151.

Punir o menos possível

Há também um grande número de faltas que devem ser perdoadas ... Não se deve punir toda a classe, mesmo por faltas graves. Em tais circunstâncias, deve-se procurar descobrir os autores da desordem e puni-los conforme merecem. Se não for possível conhecer os culpados, é melhor omitir a punição. Os meninos são crianças e, como tais, imprevisíveis em suas atitudes e conduta. É, pois, recomendado não excitá-los e exacerbá-los; relevar alguma falta, temporizar com algumas situações e mantê-los ocupados é mais benéfico à formação de seu caráter. Procedendo desta forma, a autoridade é salvaguardada, as punições tornam-se menos frequentes e os meninos se persuadem de que os castigos são ditados pelo dever e pelo amor.

Guia das Escolas, p. 188-189.

Ao punir, dominar-se.

Nas repreensões e punições, um Irmão deve sempre conservar a alma em paz e dominar seus ímpetos para não agir com paixão e irritação. Castigar um menino por incitamento de ira não é correção,

mas pura vingança; impostos com calma e discrição, os castigos surtem efeito e são bem recebidos. É até mesmo preciso evitar punir um aluno por impulso da emoção. Se punimos, movidos pela emoção, os alunos percebem imediatamente que agimos por irritação e mágoa, e não guiados pela razão e pela amizade; em tal caso o mestre perde irremediavelmente a autoridade. Um Irmão não deve rezear dizer a um menino: *“Hoje não o castigo porque estou zangado com você.”*

Guia das Escolas, p. 190.

Sobre as condições a serem apresentadas por um castigo

Todo e qualquer castigo para ser verdadeiramente benéfico aos meninos deve apresentar as seguintes condições: além de raramente imposto, o castigo deve ser justo... proporcional às faltas... moderado... tranqüilo... honesto... livremente aceito... respeitoso... silencioso...

Guia das Escolas, p. 191-193.

Castigos corporais

“Será que é com a palmatória que se educam as crianças e se inspira o amor à virtude?... É a razão, a religião que convencem a inteligência, levam o coração ao bem, e não os castigos. É de se estranhar que se use para educar os meninos um método que não se gostaria de ver usado nem para os animais... Semelhantes recursos ofendem a dignidade da criança, tornando desprezível e odioso a quem os emprega; perturbam a escola, destroem os sentimentos de amor, estima, confiança e respeito mútuos que devem unir mestre e discípulos e frustram todos os cuidados dispensados ao educando.

Vida, p. 493.

Sobre a Expulsão

A expulsão ou exclusão da escola, sendo o último e mais terrível castigo, só poderá ocorrer quando esgotados todos os recursos... Os meninos a serem excluídos são aqueles que se enquadram como licenciosos e prejudiciais aos outros, também os que têm hábito de furtar e se mostram incorrigíveis, a menos que se trate de crianças, cuja conduta pode ser mudada; aqueles que, por própria culpa, faltam às práticas religiosas... Quando a exclusão for inevitável,

os pais, quando possível, devem ser informados e ouvidos, para que retirem o filho sem mágoa, evitando-se, assim, conseqüências desagradáveis.

Guia das Escolas, p. 198; *Guide des Écoles*, p. 134-135.

(108) Ser simples

Em nossos encontros, manifestamos-lhes atenção marcada pela humildade, simplicidade e esquecimento de nós próprios.

Constituições, 83.

(109) A simplicidade, o exemplo e a coerência em nossas vidas

O educador também deve tirar do fundo de sua alma as idéias verdadeiras, os sentimentos bons, nobres, virtuosos, tudo o que constitua a vida moral. Se tudo isto está apenas em sua boca e não em suas atitudes, não será mais do que um barulho vão, letra morta e não vida que gera vida.

Avis, p. 425.

(110) Humildade, simplicidade, modéstia.

A humildade é elemento fundamental no relacionamento, pois tem a ver com o conhecimento de si. Refere-se ao que nos define, ao conhecimento e à aceitação da verdade a nosso respeito, à honestidade consigo; mantém-nos livres de interesses pessoais, como também de qualquer desânimo. A simplicidade refere-se à maneira de viver nossa realidade. Dá-nos transparência que permite aos outros conhecer-nos, manter relações conosco, tais quais somos. No que se refere à modéstia, abrange o respeito que demonstramos para com outrem, por nossa vida baseada na verdade. Ao mesmo tempo que procuramos ser o que somos, procuramos respeitar os sentimentos e a sensibilidade alheios. A modéstia ajuda-nos a discernir o que é correto, em nossa maneira de ser perante os demais, tanto em palavras como em atos. Essas virtudes maristas “imprimem autenticidade e benevolência às nossas relações com os Irmãos e com aqueles com quem nos relacionamos”.

Ir. Charles HOWARD, *Espiritualidade Apostólica Marista*,
Circulares, v. XXIX, p. 459 (n. 8).

(111) Nosso espírito de família

Nossa pedagogia da presença e o espírito de família assumem grande significado numa sociedade muitas vezes geradora de egoísmo, individualismo e solidão.

Irmãos Solidários, p. 6 (n. 12).

Chamando-nos Irmãos, afirmamos pertencer a uma família unida no amor de Cristo.

Nosso espírito de família espelha-se no lar de Nazaré. É feito de amor e perdão, entreajuda e apoio, esquecimento de si, de abertura aos outros e de alegria.

Constituições, 6.

(112) Membros de uma família de amor

“Eu vos peço também, meus queridos Irmãos, com toda a afeição de minha alma e por toda a afeição que tendes por mim, procederdes sempre de tal modo que a santa caridade se mantenha sempre entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou. Que não haja entre vós senão um mesmo coração e um mesmo espírito. Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: “Vede como eles se amam”.

Testamento Espiritual, *Vida*, p. 223.

(113) Construir a comunidade

Partilhamos nossa espiritualidade e nossa pedagogia com os pais, professores leigos e outros membros da comunidade educativa. Por seus serviços, o pessoal não-docente colabora intimamente em nossa tarefa apostólica.

Ao mesmo tempo que educadores, mostramo-nos irmãos para com nossos alunos. Esforçando-nos para que reine na escola clima de cordialidade e de participação, ajudamos os jovens a se tornarem agentes de sua própria formação.

Constituições, 88.

(114) Como irmãos e irmãs para os jovens

“O espírito de uma escola de Irmãos deve ser o espírito de família. Ora, numa boa família, numa família bem ordenada, dominam os sentimentos de respeito, de amor e de confiança recíproca e nunca o temor de castigos.

Vida, p. 494.

(115) Amor ao trabalho

Nosso espírito de família exprime-se e constrói-se de maneira especial pelo amor ao trabalho que sempre nos caracterizou.

Constituições, 6.

(116) O exemplo de Marcelino Champagnat

Desde pequeno, trabalhou com gosto. Vimo-lo na casa paterna, exercitando-se em tudo e conseguindo sempre bons resultados...

A casa de La Valla foi feita por ele; a casa de l’Hermitage, em grande parte. As reformas, a mobília, os muros e o embelezamento da propriedade também foram obra sua. Seu amor ao trabalho e principalmente sua humildade o levaram a empreender múltiplos misteres...

Nem precisa dizer que se dedicava ao trabalho manual menos por prazer do que por necessidade e que essa era a menos relevante de suas ocupações. Dedicar-se ao estudo, instruir e formar os Irmãos, estar em dia com a correspondência, acompanhar todos os setores da administração do Instituto, visitar as escolas, elaborar, estudar e meditar as normas que pretendia dar à sua comunidade, atender a todas as classes de pessoas que vinham tratar de negócios com ele, entrevistar os Irmãos e postulantes para orientá-los em suas necessidades e na conduta pessoal: tais eram as tarefas que preenchiam seu dia, ou melhor, a vida inteira...

Em suas exortações, o Pe. Champagnat não cessava de estimular os Irmãos aos trabalhos e acostamá-los à fuga da ociosidade. “O trabalho é indispensável à saúde do corpo e à pureza da alma. É necessário ao homem para o aperfeiçoamento físico e moral...”. Um Irmão deve capacitar-se para executar qualquer tarefa no Instituto...

Em se tratando das disciplinas, não devemos contentar-nos com sabê-las de maneira superficial, mas aprofundá-las e estudá-las até chegarmos a conhecê-las perfeitamente. Isso exige, de nossa parte, aplicação diária e perseverante aos estudos.

Vida, p. 390, 391, 393, 396.

Champagnat é certamente um dos homens mais abertos de sua época. Foi mesmo notável na luta contra muitos preconceitos comuns entre seus contemporâneos. Por exemplo, quanto ao trabalho manual, em 1817, os Vigários Gerais de Lião emitem oficialmente, numa circular, sua opinião muito desfavorável a um padre que se dedica afoitamente a trabalhos manuais (fazendo deles sua ocupação principal, em detrimento do ministério sacerdotal).

É certo que o Padre Champagnat não cai no erro de deixar o apostolado para se entregar ao trabalho manual, mas também é certo que lhe dedicou longas horas e maculou muitas batinas ocupando-se de “afazeres aviltantes”, de que falam os Vigários Gerais. E isto não o perturba. “Estou disposto a receber você como aprendiz, se quiser tornar-se meu aluno...”, disse o Padre Champagnat a um sacerdote que se identificava com o que proferiram os Vigários Gerais sobre os trabalhos manuais (cf. *Vida*, p. 99).

Ir. Basílio RUEDA, *Circulares*, v. XXVI, p. 193.

(117) A preparação da aula

Embora o ensino da religião represente a finalidade principal dos Irmãos e seja a prioridade de suas escolas, os outros conteúdos da instrução primária não devem ser negligenciados e os Irmãos esforçar-se-ão para ministrá-los com muito cuidado e zelo, pois é muito importante que o ensino nada deixe a desejar, tanto na qualidade como na orientação dos estudos, a fim de que os pais, que muito prezam os princípios religiosos, encontrem em suas escolas as vantagens que desejam para a instrução de seus filhos.

Guia das Escolas, p. 204.

Do jeito de Maria

Maria, educadora de Jesus em Nazaré, inspira nossas atitudes para com os jovens. Nossa ação apostólica é participação em sua maternidade espiritual.

Orientamos o coração dos jovens para Maria, a perfeita discípula de Cristo; fazemo-la conhecida e amada como caminho para ir a Jesus. Confiamos-lhe aqueles por quem somos responsáveis; levamo-los a rezar muitas vezes a essa Boa Mãe e a imitá-la.

Constituições, 84.

(120) Maria, os Maristas e os marginalizados.

No decorrer dos séculos, a piedade popular fez de Maria uma santa melosa e sem personalidade, estilizada, muito longe da realidade em carne e osso de sua vida e de seu relacionamento de todos os dias. Estava mesclada com os marginalizados... Caminhava ao lado da gente simples, os relegados do mundo... os amargurados... com os pés imersos na poeira das estradas de seu país.

É importante que nos aproximemos da Virgem da escuta silenciosa da Anunciação; mas é importante também estar perto dela quando se mistura com os pagãos, com os fugitivos aterrorizados, com a angústia e ansiedade dos refugiados, a todos os desabrigados que possuem tão pouca esperança no coração e tantas apreensões pelo dia de amanhã.

Ir. Charles HOWARD, *Espiritualidade Apostólica Marista*,
Circulares, p. 462 (n. 8).

(128) Maria, nosso Recurso Habitual.

Quando recomendava um problema a Maria, viesse o que viesse, não se perturbava, e repetia tranqüilo e confiante: “Nada receiem; as aparências estão contra nós. Maria, porém, vai dar um jeito; bem que ela sabe remover dificuldades, dirigir acontecimentos e revertê-los em nosso favor.” Só a ela, depois de Deus, queria ser devedor de tudo e de sua proteção tudo esperava. *Maria é nosso Recurso Habitual*, era sua expressão favorita. “Já sabem perfeitamente a quem nos devemos dirigir para conseguir estes favores: a nosso Recurso Habitual. Não tenhamos receio de recorrer demais a ela, pois é sem limites o seu poder, inesgotáveis sua bondade e seu tesouro de

graças. Aliás, sendo nossa Mãe, Padroeira e Superiora, é responsável por nós, e contamos com ela. Esta comunidade é obra sua.”

O Lembrai-vos na neve

Em fevereiro de 1823, um Irmão de Bourg-Argental achava-se gravemente enfermo. O Pe. Champagnat não quis deixar seu filho morrer sem vê-lo mais uma vez e dar-lhe a bênção. O mau tempo e o chão recoberto de neve não impediram o Padre de sair a pé quando soube que o Irmão estava em perigo de vida. Depois de abençoá-lo e confortá-lo, tratou de voltar para La Valla. Os Irmãos tentaram dissuadi-lo, pois caíra muita neve e o vento soprava com inusitada violência. Consultando apenas a coragem, o Padre julgou que não devia ceder aos rogos dos Irmãos e aos conselhos dos amigos. Logo se arrependeria.

Acompanhado pelo Ir. Estanislau, preferiu transpor as montanhas do Pilat. Tinham andado apenas duas horas, quando se perderam. Não achando mais nem sinal de estrada, viram-se forçados a caminhar sem direção, ou melhor, sob a direção de Deus. Um vento violentíssimo lhes jogava a neve no rosto, de modo que nem sabiam se estavam indo ou voltando. Vaguearam horas a fio, e o Irmão sentiu-se exausto. O Pe. Champagnat teve de tomá-lo pelo braço para conduzi-lo e não deixá-lo cair. Mas dali a pouco, até ele vencido pelo rigor do frio e sufocado pela neve, sentiu-se desfalecer e teve de parar. Falou ao Irmão: “Meu amigo, estamos perdidos, se Maria não nos socorrer. Recorramos a ela e supliquemos-lhe que nos salve a vida em perigo neste mato e no meio da neve.” Isto dizendo, sentiu o Irmão escorregar-lhe da mão e cair desmaiado. Cheio de confiança, ajoelhou-se ao lado do Irmão, que parecia inanimado, e rezou o Lembrai-vos com sentido fervor.

Porém, finda a prece, procurou erguer o companheiro e fazê-lo andar. Não tinham andado dez passos, quando vislumbraram, na escuridão da noite, uma luz bruxuleando a certa distância. Dirigiram-se para lá e deram com uma casa, onde pernотaram. Ambos estavam enregelados pelo frio, sobretudo o Irmão, que demorou a recuperar inteiramente os sentidos.

Muitas vezes o Pe. Champagnat afirmou que, se o socorro não tivesse chegado naquele exato momento, ambos estariam perdidos. A Santíssima Virgem os salvara de morte certa.

Vida, p. 322-324.

(129) O lema de Marcelino Champagnat

Vem, de então, o seu lema: “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus”, lema que lhe norteou o espírito e lhe foi norma de conduta a vida toda.

Vida, p. 313.

6. Na Instituição Escolar

(130) Os quatro pilares da educação

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa aprender a aprender, para se beneficiar das oportunidades oferecidas pela educação, ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas, de maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.

Aprender a viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção de interdependências – realizar projetos juntos e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir, cada vez, com maior capacidade de autonomia, de discernimento e responsabilidade pessoal.

Na altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento das outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo.

(131) Missão da educação católica

A presença da Igreja no campo do ensino manifesta-se sobretudo por meio da escola católica. Na verdade, não menos que as outras, ela procura os fins culturais e a formação humana da juventude. É próprio dela criar um ambiente de comunidade escolar animado do espírito evangélico de liberdade e caridade, ajudar os adolescentes para que, no desenvolvimento da própria pessoa, cresçam ao mesmo tempo segundo a nova criatura em que se tornaram pelo batismo e ordenar finalmente toda a cultura humana para a mensagem de salvação, de modo que seja iluminado pela fé o conhecimento que, gradualmente, os alunos adquirem do mundo, da vida e do homem. Assim, pois, a escola católica que se abre, como convém, ao progresso dos tempos, educa os seus alunos para conseguirem eficazmente o bem-estar da cidade terrestre e os prepara para o serviço da difusão do reino de Deus, para que se tornem como que o fermento salutar da comunidade humana, pelo exercício duma vida exemplar e apostólica.

Gravissimum Educationis Momentum, 8.

Síntese entre fé e cultura

A escola católica, ajudando os alunos a realizar a síntese entre fé e cultura mediante o ensino, parte de uma concepção profunda do saber como tal; não pretende de modo algum desviar o ensino do objetivo que lhe é próprio na educação escolar. (38)

Finalidade das disciplinas

Neste contexto, cultivam-se todas as disciplinas no respeito pleno do método peculiar de cada uma. Seria portanto errado considerar as disciplinas escolares como meras auxiliares da fé ou como meios utilizáveis para fins apologeticos. Elas dão a possibilidade de aprender técnicas, conhecimentos, métodos intelectuais, aptidões morais e sociais, que permitam ao aluno desenvolver a sua personalidade e inserir-se como membro ativo na comunidade humana. Com efeito, apresentam não só um saber a

adquirir, mas também valores que devem ser assimilados, e especialmente virtudes a descobrir. (39)

O ensino como busca da verdade

À luz desta concepção global da missão educativa da escola católica, o mestre encontra-se nas melhores condições para iniciar o aluno no aprofundamento da fé e para permitir-lhe simultaneamente enriquecer e iluminar o saber humano com os dados da fé. O ensino proporciona numerosas ocasiões para elevar o aluno a visões de fé; mas, para além destas circunstâncias, o educador cristão sabe descobrir o contributo válido que as disciplinas escolares podem proporcionar para o desenvolvimento da personalidade cristã. Ele pode formar o espírito e o coração dos alunos e dispô-los a aderir a Cristo de modo pessoal e total, até pelo enriquecimento que a cultura proporciona à pessoa. (40)

... em busca da Verdade Eterna

O mestre, preparado na própria disciplina e que possui também sabedoria cristã, transmite ao aluno o sentido daquilo que ensina, e leva-o, para além das palavras, ao coração da verdade total. (41)

... e dos valores absolutos

O patrimônio cultural da humanidade compreende outros valores para além do âmbito específico do verdadeiro. Quando o mestre ajuda o aluno a captar, apreciar e assimilar tais valores, orienta-o progressivamente para as realidades eternas. Tal dinamismo, na direção da sua fonte incriada, explica a importância do ensino para o crescimento da fé. (42)

Importância do educador cristão

Dependerá muito da capacidade dos mestres que o ensino chegue a ser uma escola da fé, ou seja, uma transmissão da mensagem cristã. A síntese entre cultura e fé passa através da outra síntese entre fé e vida na pessoa dos educadores. A nobreza da tarefa a que são chamados reclama que, à imitação do único Mestre Cristo, revelem o mistério cristão não só com a palavra, mas também em cada um dos seus gestos e com o seu comportamento. Compreende-se, assim, a

diferença fundamental que existe entre uma escola em que o ensino está impregnado de espírito cristão, e uma escola que se limita a juntar a religião às outras matérias escolares. (43)

A Escola Católica, 38-43.

(132) Escola Marista, uma comunidade educativa.

Partilhamos nossa espiritualidade e nossa pedagogia com os pais, professores leigos e outros membros da comunidade educativa. Por seus serviços, o pessoal não-docente colabora intimamente em nossa tarefa apostólica.

Constituições, 88.

(134) O projeto educativo

A todos os responsáveis da educação - pais, educadores, jovens, autoridades escolares - que reúnam todos os recursos e meios disponíveis que permitam à Escola Católica desenvolver um serviço verdadeiramente cívico e apostólico.

A Escola Católica, 4.

Conceito de ambiente educativo cristão

Pessoas, espaço, tempo, relações, ensino, estudo e atividades diversas são elementos a considerar numa visão orgânica do ambiente educativo. (24)

Características do projeto educativo

Trata-se dum projeto global “caracterizado”, enquanto ele tem a finalidade de conseguir objetivos peculiares por realizar com a colaboração de todos os seus componentes.

Concretamente, o projeto configura-se como um quadro de referência que

- define a identidade da escola, explicitando os valores evangélicos nos quais ela se inspira;
- precisa os objetivos no plano educativo, cultural e didático;
- delinea a organização e o funcionamento;
- prevê algumas partes fixas, predefinidas da componente profissional (gestores e docentes); algumas partes a

administrar juntamente com os estudantes, e alguns âmbitos confiados à livre iniciativa dos pais e dos estudantes;

- indica os instrumentos de verificação e de avaliação. (100)

Uma atenta consideração será reservada, especialmente, à exposição de alguns critérios gerais, que deverão inspirar e tornar homogêneo todo o projeto educativo, harmonizando as suas opções culturais, didáticas, sociais, civis e políticas:

- a) A fidelidade ao evangelho anunciado pela Igreja. A ação da escola católica situa-se, antes de mais nada, no interior da missão evangelizadora da Igreja, inserindo-se ativamente no contexto eclesial do país em que atua e na vida da comunidade cristã local.
- b) O rigor da investigação cultural e da função crítica, no respeito à justa autonomia das leis e dos métodos de investigação de cada uma das disciplinas, orientadas para a formação integral da pessoa.
- c) A gradualidade e a adaptação da proposta educativa às diversas situações dos indivíduos e das famílias.
- d) A co-responsabilidade eclesial. Sendo a comunidade educante o centro responsável de toda a experiência educativa e cultural, o projeto deverá nascer do confronto com a comunidade eclesial nas formas de empenhamento consideradas oportunas.

O projeto educativo distingue-se, portanto, nitidamente, quer do regulamento interno quer da programação didática, quer duma apresentação genérica de intenções. (101)

No final do período, educadores, alunos e famílias verificarão se as previsões foram respeitadas. Caso contrário, procurar-se-ão responsabilidades e remédios. (102)

Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica, 24, 100 - 102.

(135) A aprendizagem

A principal finalidade da instrução não é preencher a mente dos meninos com conhecimentos úteis, mas fornecer-lhes os meios para adquiri-los. Para isto, é necessário desenvolver, dirigir e cultivar suas faculdades intelectuais, a fim de que os meninos, durante a sua

vida inteira, possam delas tirar todos os proveitos possíveis. Mas, entre as faculdades, aquela que deve ser formada e cultivada, acima de todas as outras, é o juízo ou discernimento. Este é um dos grandes objetivos da instrução e da educação.

Guia das Escolas, p. 221.

136) Encorajando os esforços do educando

Para que uma escola prospere e o ensino seja bom, é preciso que o esforço dos alunos acompanhe a ação do mestre, porquanto aquilo que o mestre faz pessoalmente, por seu devotamento e suas lições, é pouco. Mas o que ele faz os alunos praticarem, por meio do estudo, da aplicação, do trabalho, é tudo. O importante será, pois, alcançar a espontânea colaboração dos educandos. Para obtê-la mais facilmente, o Pe. Champagnat apontava a emulação como meio seguro e eficaz. Queria que os Irmãos fizessem de tudo para estabelecê-la e conservá-la.

Vida, p. 485-486.

(137) Os bons efeitos das recompensas

As recompensas, quaisquer que sejam seus valores, produzem os mais felizes resultados; conquistam o coração dos meninos, afeiçoam-nos à escola, tornam-lhes fácil e agradável o trabalho e sustentam sua aplicação ao estudo. Tais recompensas, por mais insignificantes que sejam, sempre produzem no coração impressão vívida e profunda e levam os meninos a cumprirem com coragem, e até mesmo com alegria, os seus deveres. O estudo não constitui um atrativo natural para os meninos, porquanto não vislumbram os benefícios da instrução. Mas, propondo-lhes prêmios, transformam seus estudos em ocupações agradáveis, suas lições e deveres em atividades lúdicas.

Guia das Escolas, p. 291-292.

(138) A dimensão religiosa da cultura escolar

O crescimento do cristão segue harmonicamente o ritmo do progresso escolar. Com o passar dos anos, na escola católica impõe-se, como exigência crescente, a coordenação entre cultura humana e fé. Nesta escola, a cultura humana permanece cultura humana, exposta

com objetividade científica. Contudo o professor e o aluno crentes oferecem e recebem criticamente a cultura sem a separar da fé. Se isto acontecesse, seria um empobrecimento espiritual. A coordenação entre universo cultural humano e universo religioso realiza-se na inteligência e na consciência do mesmo homem-crente. Os pontos de encontro, a individuar na pessoa humana, protagonista da cultura e sujeito da religião, quando se procuram, encontram-se. Encontrá-los não é da competência exclusiva do ensino religioso. A ele é dedicado um tempo limitado. As outras matérias de ensino dispõem de muitas horas por dia. Todos os professores têm o dever de agir concordemente. Cada um ensinará o seu programa com competência científica, mas no momento próprio deve saber ajudar os alunos a olhar para além do horizonte limitado das realidades humanas. Na escola católica e, analogamente, em todas as escolas, Deus não pode ser o grande-ausente ou um intruso mal recebido. O Criador do universo não dificulta o trabalho de quem quer conhecer o universo, que a fé ilumina com um sentido novo. (51)

“Desafios” à fé

A escola católica secundária reservará um cuidado atento aos “desafios” que a cultura coloca à fé. Os estudantes serão ajudados a conseguir aquela síntese de fé e de cultura que é necessária para a maturação do crente, que deve ser ajudado a individualizar e a recusar criticamente os “desvalores” culturais que são um atentado contra a pessoa e, por isso, contrários ao evangelho... (52)

Fé que ilumina a cultura

É indispensável ter presente neste campo que a fé, não se identificando com nenhuma cultura e sendo independente em relação a todas as culturas, é chamada a inspirar todas as culturas: “Uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida”. (53)

Natureza e dimensão religiosa

Os programas e reformas escolares de numerosos países reservam um espaço crescente ao ensino científico e tecnológico. A este ensino não pode faltar a dimensão religiosa. Os alunos devem ser

ajudados a compreender que o mundo da ciência da natureza e as tecnologias relativas pertencem ao universo criado por Deus. Tal compreensão aumenta o gosto da investigação. (54)

Estudo do homem

A escola católica deve empenhar-se em superar a fragmentação e a insuficiência dos programas. Os professores de Etnologia, Biologia, Psicologia, Sociologia e Filosofia têm ocasião de delinear uma visão unitária do homem, necessitado de redenção, e de inserir nela a dimensão religiosa... (55)

Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica, 51-55.

(139) Os Meios de Comunicação

O caminho que hoje se privilegia para a criação e a transmissão da cultura é o dos instrumentos da comunicação social. Também o mundo dos *mass media*, na seqüência do acelerado progresso das inovações e da influência, ao mesmo tempo planetária e capilar, sobre a formação da mentalidade e do costume, constitui uma nova fronteira da missão da Igreja.

No uso e na recepção dos instrumentos de comunicação, tornam-se urgentes tanto uma ação educativa em ordem ao sentido crítico, animado de paixão pela verdade, como uma ação de defesa da liberdade, do respeito pela dignidade pessoal, da elevação da autêntica cultura dos povos, com a recusa, firme e corajosa, de toda a forma de monopolização e de manipulação.

Christifideles Laici, 44.

(140) Abertos às outras confissões cristãs

Os filhos de protestantes e adeptos de outras seitas poderão ser admitidos na escola, mas sob a condição explícita de assumirem o regulamento comum da classe e de não divergirem dos católicos em relação às práticas realizadas no interior da escola. Assistirão ao catecismo, sem, todavia, serem obrigados a decorá-lo e a recitá-lo, a menos que queiram fazê-lo. Quanto à missa, não serão obrigados a assistir a ela, caso seus pais se oponham; neste caso, será permitida sua entrada na escola após a volta da missa, ficando, porém, neste

tempo, sob os cuidados e responsabilidade dos pais; quanto à confissão, nada há que os obrigue à sua prática.

Guia das Escolas, p. 153-154.

Escola católica e pluralismo escolar

Dada a situação que se criou em várias partes do mundo - a escola católica acolhe cada vez mais uma população escolar de fé e ideologias diversas - torna-se inadiável a necessidade de esclarecer a dialética a instaurar entre o momento cultural propriamente dito e o desenvolvimento da dimensão religiosa. Esta é um momento ineliminável, e permanece a tarefa específica de todos os cristãos empenhados nas instituições educativas.

Em tais situações, porém, não será sempre fácil ou possível conduzir avante o discurso da evangelização; dever-se-á então ter em vista a pré- evangelização, isto é, a abertura ao sentido religioso da vida. Isto comporta uma individualização e aprofundamento de elementos positivos do como e do conteúdo do processo formativo específico.

A transmissão da cultura deve estar atenta antes de mais nada, à consecução dos próprios fins e a potenciar todas as dimensões que tornam o homem humano e, em particular, a dimensão religiosa e o emergir da exigência ética.

Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica, 108.

(142) Ver nota 107

(143) Ver nota 107

(145) Harmonizar fé, cultura e vida.

Para a Igreja, não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentem em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.

Evangelii Nuntiandi, 19.

(146) Ver notas 131 e 107

(147) Diálogo com estudantes sobre a fé

Um modo eficaz para sintonizar-se com os alunos é falar com eles e deixá-los falar. Na atmosfera de confiança e cordialidade poderá aflorar um certo número de questões, diversas segundo os lugares e as idades, mas com tendência a se tornarem cada vez mais universais e precoces. São, para os jovens, questões sérias, que dificultam um estudo sereno da fé. O professor responderá, com paciência e humildade, sem declarações peremptórias, que correm o risco de serem contraditas.

Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica, 72.

(150) Inserção da Escola Católica na Igreja Local

“Sejam fomentadas as várias formas de apostolado e, em toda a diocese e em cada uma das suas regiões, a coordenação e íntima união de todas as obras de apostolado, sob a direção do Bispo, para que todas as iniciativas e instituições catequéticas, missionárias, caritativas, sociais, familiares, escolares ou de qualquer outra espécie, destinadas a um fim pastoral, trabalhem em harmonia umas com as outras, o que fará resplandecer mais a unidade da diocese”. Isto é manifestamente indispensável para a Escola Católica, que goza da “cooperação apostólica de ambos os cleros, dos religiosos e dos leigos”.

A Escola Católica, 72.

Vós sois instrumentos decisivos para a proclamação nas escolas do Evangelho de Cristo... Podemos, portanto, afirmar que nossas escolas são *comunidades missionárias*... A atividade educacional específica da Escola Católica deve integrar-se no ministério da pastoral de conjunto da Igreja local, ajudando os alunos a tomar parte na vida da comunidade paroquial e diocesana, e habilitando-os para estarem presentes, tanto quanto possível, nos vários organismos da Igreja. Por outro lado, a paróquia e a diocese considerariam as escolas católicas como parte integrante da comunidade eclesial e as assistiriam, desenvolvendo sua própria contribuição na educação e na formação.

(151) Bem-vindos os estudantes menos favorecidos.

... sendo a educação um meio eficaz de progresso social e econômico do indivíduo, se a escola católica dedicasse os seus cuidados exclusiva ou preferentemente aos membros de algumas classes sociais mais abastadas contribuiria para consolidar a vantagem da sua posição em relação a outras e favoreceria uma ordem social injusta.

A Escola Católica, 58.

Aprender a viver juntos

A história humana foi sempre conflitiva. Mas novos elementos acentuam o risco e o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade ao longo do século XX. A opinião pública, por meio da mídia, torna-se o observador impotente, para não dizer o refém dos que criam ou fomentam os conflitos. Até agora, a educação não fez muito para modificar este estado de coisas. É possível conceber uma educação que permita evitar os conflitos ou resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, de sua cultura e de sua espiritualidade?

A educação deve, pois, tornar possíveis - ao que parece - duas vias complementares. Em primeiro lugar, a descoberta progressiva do outro. Em segundo lugar e ao longo de toda a vida, o compromisso em projetos comuns, que parece um método eficaz para resolver ou evitar conflitos latentes.

Descobrir o outro

A educação tem como missão ensinar simultaneamente a diversidade da espécie humana e a consciência das semelhanças e da independência entre todos os seres humanos do planeta. A escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões deste duplo ensino, desde a infância, as línguas e as literaturas estrangeiras, mais tarde...

Enfim, a forma mesma do ensino não deve visar diretamente a este reconhecimento do outro. Os professores que, à força de dogmatismos, matam a curiosidade ou o espírito crítico, em lugar de

treinar os alunos para isto, podem ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que se apresentam como modelos, correm, por suas atitudes, o risco de enfraquecer, para sempre, em seus alunos, a capacidade de se abrir à alteridade e de afrontar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto pelo diálogo e o intercâmbio de argumentos são um instrumento necessário à educação do século XXI.

Tender a objetivos comuns

Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até mesmo os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projetos que fazem com que se ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum e não as diferenças. Graças à prática do desporto, por exemplo, quantas tensões entre classes sociais ou nacionalidades se transformaram, afinal, em solidariedade através de experiência e do prazer do esforço comum!

Jacques DELORS. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, p. 98-99.

(153) Solidariedade, um imperativo moral.

Uma leitura teológica dos problemas modernos: tudo na luz de Deus.

Solidariedade não é sentimento vago de compaixão ou tristeza barata, mas determinação firme e perseverante de comprometer-se com o bem comum. É atitude na qual o mais influente se sente responsável pelo mais fraco, e o mais fraco faz o que pode para o bem de todos.

A solidariedade é o caminho da paz. A interdependência requer o abandono de blocos, o sacrifício de todas as formas de imperialismo econômico, militar ou político, a mudança da desconfiança para a colaboração. A solidariedade é a virtude cristã de nosso tempo.

Ir. Charles HOWARD. *Um Apelo Urgente: Sollicitudo Rei Socialis*. Circulares, v. XXIX, p. 266.

É fácil compreender que alguns dentre nós sentir-se-ão confusos, mesmo frustrados e impacientes perante um desafio que parece de natureza geopolítica. Que papel posso eu, como indivíduo, ser chamado a desempenhar para reverter o curso da história? ... Por causa da gravidade crescente, o subdesenvolvimento das pessoas e das nações requer, agora, a mobilização moral de toda a família humana. A afirmação central da encíclica de João Paulo II é que o desenvolvimento humano não pode ser atingido sem apelar para a consciência e a solidariedade moral de nossos contemporâneos, tanto ricos como pobres, de todos os que estão envolvidos e partilham a responsabilidade do verdadeiro progresso da família humana. (275)

Ir. Charles HOWARD. *Um Apelo Urgente: Sollicitudo Rei Socialis*. Circulares, v. XXIX, p. 275.

(154) Estruturas de pecado

A esta análise genérica de ordem religiosa podem acrescentar-se algumas considerações particulares para observar que entre as ações e as atitudes opostas à vontade de Deus e ao bem do próximo e as “estruturas” a que elas induzem, as mais características hoje parecem sobretudo duas: por um lado, há a avidez exclusiva do lucro; e, por outro lado, a sede do poder, com o objetivo de impor aos outros a própria vontade. A cada um destes comportamentos pode juntar-se, para os caracterizar melhor, a expressão: “a qualquer preço”. Em outras palavras, estamos diante da absolutização dos comportamentos humanos, com todas as conseqüências possíveis.

Obviamente que não são só os indivíduos que se tornam vítimas desta dúplice atitude de pecado; podem sê-lo também as nações e os blocos. E isto favorece ainda mais a introdução das “estruturas de pecado” de que falei. Se certas formas modernas de “imperialismo” se considerassem à luz destes critérios morais, descobrir-se-ia que por detrás de certas decisões, aparentemente inspiradas só pela economia e pela política, se escondem verdadeiras formas de idolatria: do dinheiro, da ideologia, da classe e da tecnologia.

Quis introduzir aqui este tipo de análise sobretudo para indicar qual é a verdadeira natureza do mal, com a qual deparamos na questão do “desenvolvimento dos povos”: trata-se de um mal moral, fruto de muitos pecados, que produzem “estruturas de pecado”. Diagnosticar, assim, o mal leva a identificar exatamente, em nível de comportamento humano, o caminho a seguir, para superá-lo.

Sollicitudo Rei Socialis, 37.

(156) Ensino Superior e Universidades

Os consagrados e consagradas manifestem, com delicado respeito e também com coragem missionária, que a fé em Jesus Cristo ilumina todo o campo da educação, não prejudicando mas antes corroborando e elevando os próprios valores humanos... Dada a importância que as Universidades e as Faculdades católicas e eclesiais assumem no campo da educação e da evangelização, os Institutos que possuem a sua direção estejam cientes da sua responsabilidade, fazendo com que nelas, ao mesmo tempo que se dialogue ativamente com o contexto cultural atual, se conserve a peculiar índole católica, na plena fidelidade ao Magistério da Igreja...

Vita Consecrata, 97.

(157) Novas obras educativas

Normalmente, fazemos apelo à conversão das pessoas, esperando que, depois de transformadas, possam caminhar em liberdade de espírito. São menos frequentes os processos que afetam a “conversão das obras” e o início de novos projetos que sejam referência e inspiração para viver o espírito do XIX Capítulo Geral. Às vezes, tenho a impressão de que, por um lado, animamos os Irmãos para que se renovem e, por outro lado, os colocamos em condições de asfixia e de esgotamento. Não é a disponibilidade que lhes falta. Mas é necessário fortalecer o espírito com projetos e estruturas que animem e sustentem a qualidade de vida dos nossos Irmãos, juntamente com a novidade evangélica inerente à nossa missão. (10)

O que me surpreende é o pretexto de que não podemos assumir maior número de escolas populares a serviço dos pobres, porque as obras atuais requerem todas as nossas energias, e os Irmãos que temos são insuficientes para atendê-las.

É um tema delicado. É uma pedra de toque. É difícil. Mas é questão de fidelidade e de vida. Aferrar-nos a algumas obras, sermos incapazes de submetê-las à avaliação e ao discernimento evangélico, justificar tudo só por inércia ou por medo, será, com o tempo, a morte espiritual dessas obras e, possivelmente, a morte do entusiasmo de muitas vocações apostólicas de Irmãos e leigos. (32)

Ir. Benito ARBUÉS. *Caminhar em paz, mas depressa*. Circulares, v. XXX, I, p. 21 (n. 10), 45 (n. 32).

(159) Manter nossas escolas abertas aos pobres

Foi sobretudo para elas, as crianças pobres, que o Pe. Champagnat fundou o Instituto, e é vontade sua que os Irmãos se considerem particularmente encarregados de sua instrução...

... A igualdade deve ser a grande lei nas escolas dos Irmãos. Nelas não deverão existir preferências nem privilégios, nem consideração de *status* nem de qualidades exteriores. Ricos e pobres devem ser tratados segundo seu mérito, capacidade, virtude e condição individual...

Procura-se conservar os ricos só para proporcionar ao pobre os meios de se instruir, porquanto na maioria da vezes, se não houvesse meninos abastados para garantir os recursos aos Irmãos, a escola não poderia sustentar-se.

Vida, p. 482-483.

7. Em outras estruturas de educação

(161) O zelo criativo de Marcelino Champagnat

Alma da casa, o Pe. Champagnat, que apoiava e dirigia os Irmãos e aconselhava os pais a lhes confiar os filhos, resolveu imprimir desenvolvimento maior à escola. Observando que uma única sala de aula era insuficiente para tantos alunos, abriu mais uma, o que lhe possibilitou separar os alunos, classificando-os de acordo com seu aproveitamento. Isso contribuiu muito para acelerar-lhes o progresso.

Outro problema, também grave, chamou-lhe a atenção. Vários pais não conseguiram que os filhos pernoitassem na casa dos Irmãos e alojavam-nos no povoado. Lá, porém, se transviavam por ficarem abandonados à própria sorte, após as aulas. Para resolver a situação, o

Pe. Champagnat ampliou e restaurou o prédio escolar. Isto permitiu que os Irmãos recebessem e alojassem as crianças que antes eram acolhidas em casas particulares. Apresentaram-se também muitas crianças indigentes. Os Irmãos acolheram-nas com bondade e solicitude, e a comunidade, embora desprovida de maiores recursos, proveu a todas as suas necessidades.

O Pe. Champagnat, que depositava em Deus confiança ilimitada, tomou a seu encargo vários meninos órfãos ou abandonados, deu-lhes instrução, alimentou-os, vestiu-os e, depois, colocou-os em famílias de confiança, continuando sempre a velar pelo seu comportamento, orientando-os e fazendo as vezes de pai. Neste primeiro ano, recebeu doze crianças pobres, às quais dava tudo.

O Pe. Champagnat não se contentou em exercitar os Irmãos na catequese escolar. Para inculcar-lhes o espírito apostólico e levá-los a compreender que a santificação das almas era a meta de sua vocação, resolveu enviá-los, dois a dois, aos domingos e outros dias, aos povoados da paróquia para darem catecismo aos camponeses.

Tendo chegado ao lugarejo indicado, ambos reuniam adultos e crianças num rancho ou em qualquer outro local conveniente. Começavam com a oração, entoavam um cântico, pediam a lição de catecismo aos jovens. Em seguida, por meio de perguntas breves e claras, desenvolviam as respostas e terminavam a instrução com algumas conclusões práticas e exemplos ilustrativos.

O bom Ir. Lourenço postulou por muito tempo o favor de ir desempenhar essa função na aldeola de Bessat. Visto que se tratava de missão penosa e difícil, para merecê-la foi-lhe preciso fazer muitos atos de zelo, abnegação e humildade. Situada no cimo do monte Pilat, distante duas léguas de La Valla, Bessat permanece coberta de neve pelo menos seis meses durante o ano. Nessa época, a povoação achava-se desprovida de sacerdote: em consequência, as crianças e até mesmo os adultos viviam em profunda ignorância.

O Ir. Lourenço, quando para lá se dirigia, levava os mantimentos necessários e toda quinta-feira vinha a La Valla para se animar no convívio com os Irmãos e abastecer-se com o indispensável. Hospedava-se na casa de um morador de Bessat. Preparava pessoalmente as refeições que consistiam numa sopa, feita

de manhã para o dia inteiro, algumas batatas e queijo. Duas vezes por dia, o bom Irmão percorria a aldeia tocando a campainha para reunir a criançada.

Vida, p. 70, 75-76.

A instrução das crianças, em geral, e em particular dos pobres órfãos, é o objetivo do nosso estabelecimento. Assim que terminarmos a casa de l'Hermitage e que pudermos utilizar uma boa captação de água, receberemos as crianças das casas de caridade; ensinar-lhes-emos um ofício, dando-lhes educação cristã. As que mostrarem pendor para a virtude e a ciência serão aproveitadas na casa.

Cadernos Maristas, I, p. 33.

(162) Respondendo às necessidades dos jovens em situação de risco

Comprometemo-nos a intensificar nossa presença entre as crianças e os jovens marginalizados nas “fronteiras” de nossa sociedade. Respondemos aos apelos urgentes dos jovens em situação de risco: meninos de rua, vítimas da droga ou da violência, analfabetos...

Irmãos Solidários, p. 16 (n. 33).

(167) Ver nota 87

(169) Acompanhar os jovens

O acompanhamento tem duplo objetivo: o primeiro é ajudar o candidato a se conhecer e a reconhecer a presença de Deus em sua vida, a compreender o que Deus lhe pede; a descobrir, apreciar, assimilar os valores humanos e evangélicos e a agir de acordo com eles. O segundo é possibilitar ao Instituto conhecer o candidato, por meio do acompanhante. Um bom acompanhamento faz-se em dois níveis: pessoal e grupal.

O acompanhamento da pessoa é feito sobretudo pela entrevista individual, com freqüência regular, e pelo projeto de vida do candidato.

O acompanhamento do grupo (comunidade) faz-se principalmente pela qualidade de vida da comunidade: sua

organização (projeto comunitário e sua avaliação), a comunicação e notadamente por encontros regulares.

Guia da Formação, p. 143.

(170) O trabalho com os jovens

Nós, Irmãos Maristas, nos comprometemos a construir comunidades mais proféticas, simples e abertas, especialmente para os jovens.

Irmãos Solidários, p. 15 (n. 29).

(171) O cultivo das vocações

Estamos convencidos da atualidade e validade de nossa missão no mundo. É possível e vale a pena ser Irmão Marista, hoje, e consagrar a isso toda a vida!

Estamos convencidos de que Deus nos quer Irmãos, Religiosos leigos, o mais possível presentes, de modo simples e acolhedor, especialmente entre as crianças e os jovens.

Irmãos Solidários, p. 14 (n. 23, 26).

(172) Líderes cristãos

Vocês, jovens, são especialmente chamados a se tornarem missionários da Nova Evangelização, pelo seu testemunho diário da Palavra que salva.

Vocês experimentam pessoalmente as ansiedades do presente período histórico, cheios de esperança e dúvidas, podendo, às vezes, desviarem-se dos caminhos que conduzem ao encontro com Cristo. De fato, são numerosas as tentações de nosso tempo, muitas as seduções que pretendem silenciar a voz divina que ressoa no íntimo de cada pessoa.

Para a gente de nosso século, também para todos vocês, jovens, sedentos e famintos da verdade, a Igreja se oferece como companheira de viagem e lhes oferece a mensagem eterna do Espírito e os encarrega da arrematadora tarefa apostólica: serem os protagonistas da Nova Evangelização...

A Igreja confia a vocês, jovens, a missão de proclamar ao mundo a alegria que brota do encontro com Cristo.

Caros jovens, deixem-se atrair por Cristo, aceitem seu convite e sejam seus seguidores. Acolham e propaguem a Boa Nova que redime (Mt 28,19); façam isso com alegria e tornem-se comunicadores da esperança num mundo que, freqüentemente, é tentado de descrença, e comunicadores do amor nos acontecimentos diários que são, muitas vezes, marcados pela mentalidade de desenfreado egoísmo.

João Paulo II, *Mensagem de aos jovens*, 1993.

(173) Próximos da realidade e da vida do povo

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração.

Gaudium et Spes, 1.

(174) Com os olhos do pobre

Nós, Irmãos Maristas, estamos todos comprometidos com a solidariedade, embora não possamos, provavelmente, vivê-la do mesmo modo. Como expressão da opção pelos pobres, assumida em todas as Províncias, alguns Irmãos serão convidados a trabalhar diretamente entre os pobres e com eles (o número desses Irmãos deve ser suficientemente elevado para que se possa falar de opção preferencial). Entretanto, outros Irmãos, onde quer que estejam, saberão que são chamados a trabalhar para os pobres e a organizar sua vida e seu apostolado na perspectiva deles.

Irmãos Solidários, p. 21 (n. 19).

(175) Apoiar os jovens

Converter o educando em sujeito não só de seu desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade: educação para o serviço.

Evangelização do Presente e no Futuro da América Latina - Conclusões da Conferência de Puebla, 1030.

(176) Formar os jovens para que sejam «fermento» em sua sociedade.

A educação católica deve produzir os agentes da transformação permanente e orgânica que a sociedade da América Latina requer (Medellin, 4,II,8) mediante uma formação cívica e política, inspirada na doutrina social da Igreja.

Evangelização do Presente e no Futuro da América Latina - Conclusões da Conferência de Puebla, 1033.

(178) A presença de Deus em nossas vidas e presença da vida em nossa oração

A uma oração renovada, aberta à realidade da criação e da História, eco de uma vida solidária com os irmãos, sobretudo com os pobres e os que sofrem. Oração apostólica que recolhe as penas e alegrias, angústias e esperanças daqueles que Deus coloca em nosso caminho.

Irmãos Solidários, p. 28 (n. 26).

8. Olhamos para o futuro com audácia e esperança.

(181) Ser povo profético

O profeta é considerado uma pessoa simultaneamente íntima com Deus e com os homens. É homem de oração pessoal e comunitária em prol do mundo e, ao mesmo tempo, encontra-se vitalmente engajado em favor de seus contemporâneos, com os quais e para os quais ora e luta. O profeta é um homem religioso que, possuído pelo Espírito de Javé, inspira e influencia o meio em que vive, pois acredita em um Deus salvador e vivificador. É um homem que se insere em seu tempo, que tenta compreender a mensagem dos sinais dos tempos...: é um homem do futuro... A maneira de viver daqueles homens que falaram em nome de Deus, e sobretudo de Jesus... encontra realização concreta na vida religiosa leiga. Abordamos aqui um aspecto concernente à própria identidade do religioso leigo e que lhe aponta um caminho de contínua superação.

Irmãos nos Institutos Religiosos Leigos, cap. 4.

(182) Chamado à ação

Isso nos permitiu reconhecer a vida que vai surgindo de diferentes formas . É o vinho novo de maior sensibilidade perante as necessidades do Instituto ou do mundo e que cria maior disponibilidade. Hoje, essas atitudes têm rostos e nomes concretos de Irmãos nossos, alguns de conhecimento público e outros não. É o vinho novo dos projetos interprovinciais com comunidades internacionais, ou alguma experiência de novo tipo de comunidade com a participação de Irmãos e leigos, ou a transferência de obras e comunidades para a periferia, onde estão nossos preferidos. E a vida (o vinho novo) se avalia não pelo quantitativo, mas por si mesma. É possível que tenhamos tomado consciência de certa timidez nesses processos de mudança, mas reconhecemos com alegria que existem.

Ir. Benito ARBUÉS. *Caminhar em paz, mas depressa*. Circulares, v. XXX, I, p. 41.

(184) Um desafio para os jovens

O futuro do mundo e da Igreja pertence às gerações jovens que, nascidas neste século, serão maduras no próximo, o primeiro do novo milênio. Cristo acolhe os jovens, como acolhera o jovem que lhe faz a pergunta: “Que hei de fazer de bom para alcançar a vida eterna?” (Mt 19,16). Os jovens, em qualquer situação e região da terra, não cessam de fazer perguntas a Cristo: encontram-no e procuram-no para interrogarem de novo. Se souberem seguir o caminho que Ele indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença dele no próximo século e nos sucessivos, até a conclusão dos tempos. “Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre.”

Tertio Millenio Adveniente, 58.

ANEXO 3

ÍNDICE TEMÁTICO

1. Discípulos de Marcelino Champagnat

Um homem fiel a Deus em uma época de crise

- Fonte e raiz que dão vida à Educação Marista – 1
- Contexto histórico, familiar, religioso e cultural em que viveu, cresceu, foi educado e exerceu seu ministério sacerdotal – 2, 3, 4, 5, 6, 7
- Fundação do Instituto – 8, 9, 10
- Os primeiros Irmãos – 11, 12, 13
- L'Hermitage
- Mosteiro e centro de formação – 14
- Centro de aprimoramento pedagógico – 15
- Centro de uma rede de escolas primárias – 16
- Centro de atividade missionária – 17

Um educador para o nosso tempo

Homem prático e inovador

- redirecionou sua vida para o sacerdócio e missão – 18
- ousou imaginar uma nova fundação – 19
- determinou-se a constituir a obra dos Irmãos – 20
- soube apresentar, defender e promover o projeto que havia recebido de Deus – 21

Educador das crianças e jovens

- Educador nato – 22
- Excepcional educador das crianças e jovens – 23
- Modelador de um sistema de valores educativos – 24

Formador de jovens apóstolos

- orientador espiritual – 25, 26
- capacitador profissional dos Irmãos – 27
- formador de lideranças – 28

Continuamos sua obra educacional.

- sua esperança e ideal continuam inabaláveis em nós que o continuamos – 29
- seus sucessores estenderam sua obra – 30

2. Irmãos e Leigos, juntos na Missão, na Igreja e no Mundo.

Em nome de Marcelino Champagnat

- tocados pela personalidade, pelo carisma e espírito de Champagnat – 31, 32
- irmanados na mesma missão – 33

Um só povo, um só espírito, muitos dons

- raízes da compreensão de nossa parceria na missão – 34
- valores fundamentais ao nosso ideal e prática educativa – 35

Nosso carisma marista

- um dom para toda a Igreja, a serviço da humanidade – 36
- um modo de viver o Evangelho – 36
- força inspiradora de gerações de discípulos – 36
- no coração do carisma, a experiência do amor de Jesus e Maria por nós – 37
- Irmãos e Leigos Maristas, identificados e comprometidos com o carisma – 38, 39, 40
- aprofundamento de nossa fidelidade ao carisma – 41

Vivemos e trabalhamos juntos.

- ambiente de trabalho e sentido de companheirismo no apostolado – 42
- lealdade e compromisso na missão, chave para resolver tensões – 43
- capacidade de perdoar e preservar o sentido de pertença à missão – 44
- sentido da parceria com os pais na missão educativa – 45
- integração de nossas obras com a Igreja local – 46

Uma responsabilidade compartilhada

- interesse comum e co-responsabilidade – 47, 48
- inclusão do leigo na direção e administração – 49
- um modo de colaboração dos Irmãos com outras instituições – 50
- programas de formação dos leigos e estruturas que lhes dão suporte – 51

Um Sinal do Reino de Deus

- partilha da missão e espírito de comunhão, um sinal da Boa Nova para a Igreja – 52

3. Entre os jovens, especialmente entre os mais abandonados.

- a exemplo de Champagnat – 53
- nossa preferência pelos excluídos – 54, 55
- atenção às tendências sociais e culturais que influem na formação das consciências – 56
- desafios do mundo atual: ambigüidades e possibilidades – 57
- tendências que ameaçam o amadurecimento das crianças e jovens – 58
- sinais de esperança: nova consciência de serviço à vida e à libertação – 59
- idealismo juvenil e motivações que levam os jovens a confiar nos formadores – 60
- clamores dos jovens – 61
- dramas interiores que afetam os jovens – 62
- o espírito compassivo de Champagnat anima nossas atitudes – 63
- interpelação da dura realidade em que vivem as crianças e jovens – 64
- compaixão de Deus pelo mundo – 65
- causa dos pobres, causa de Deus – 66
- ajuda pessoal e institucional aos pobres – 67
- arriscar algo de nossa própria segurança – 68

4. Somos semeadores da boa nova.

Nossa missão

- núcleo da missão marista – 69
- nossa participação na missão marista – 70
- conteúdos do processo evangelizador – 71, 72, 73, 74

Nossa missão de Evangelizar pela Educação

- apóstolos da juventude, evangelizamos pelo testemunho de nossa presença e vida junto aos jovens – 75
- em todas as situações, oferecemos a educação integral – 76
- abrangência da educação integral – 77
- presença entre as crianças e os jovens, como a de Jesus com os discípulos de Emaús – 78
- acolhimento respeitoso e terno às crianças e aos jovens – 79
- ajuda às crianças e aos jovens, na descoberta de sua dimensão espiritual – 80
- dimensão dialogal da educação marista – 81
- dimensão comunitária da educação marista – 82
- educação na solidariedade e para a solidariedade – 83
- desenvolvimento do sentido de pertença à Igreja local – 84
- respeito à liberdade religiosa de todos – 85

Respeitamos suas idades e as distintas situações.

- respeito às diferenças individuais – 86
- iniciação à vida cristã e nas atitudes de serviço e solidariedade – 87
- acompanhamento aos adolescentes na busca de sua identidade e equilíbrio – 88
- trabalho com os jovens adultos – 89
- ajuda aos jovens para discernir sua vocação na vida – 90

Com a força do Espírito, do jeito de Maria

- a evangelização é prioritariamente uma ação do Espírito Santo – 91
- disponibilidade às moções do Espírito Santo – 92

- *nisi dominum aedificaverit domum* – 93

Nossa missão de educadores

- nosso trabalho de educadores: não apenas uma profissão, mas uma vocação – 94
- evangelizadores e evangelizados – 95
- nossa vocação no sentir do Pe. Champagnat – 96

5. Com estilo marista próprio

- abordagem pedagógica própria – 97
- características da educação marista – 98

Presença

- pedagogia da presença – 99, 100, 101, 102

Simplicidade

- autenticidade e sinceridade nas relações – 103
- as “três violetas” na tradição da educação marista – 104
- o valor da simplicidade nas estruturas e na vida – 105, 106

Espírito de família

- membros de uma família que se ama – 107
- compromisso de construir comunidade – 108
- sentido de pertença à família – 109
- atenção especial aos mais necessitados – 110
- espírito de parceria, responsabilidade e autonomia responsável – 111

Amor ao trabalho

- Champagnat, exemplo de trabalho – 112
- expressões concretas de amor ao trabalho – 113
- trabalho, fator de realização pessoal – 114
- sentido social e religioso do trabalho – 115
- ajuda aos jovens na consecução de emprego – 115
- a pedagogia do esforço – 116

Do jeito de Maria

- Maria, modelo perfeito do educador marista – 117

- Maria, a peregrina na fé – 118
- Maria, discípula de Jesus – 119
- Maria, mãe e educadora na comunidade cristã – 120
- expressões da dimensão marial de nossa espiritualidade: 121, 122
- nosso lema marial – 123

Herdeiros de um ideal

- uma herança renovada e enriquecida – 124
- fidelidade criativa no seguimento de Champagnat – 125

6. Na instituição escolar

- colégio marista, centro de aprendizagem, de vida e de evangelização – 126
- circunstâncias e características dos Colégios Maristas no mundo – 127
- nossas instituições escolares, uma única comunidade educativa – 128
- projeto educativo marista, um conjunto de valores norteadores – 129

Um processo educativo iluminado pela fé

- o educando, centro de nossas preocupações – 130
- os educandos não são iguais – 131
- atenção aos mais fracos e vulneráveis – 132
- aspectos relevantes do processo educativo marista – 133
- aprendizagem ativa – 134
- participação e criatividade no processo de aprendizagem – 135
- formação do juízo crítico – 136
- educação que privilegia todos os aspectos – 137
- ênfase nos modernos meios de comunicação social – 138
- dotação de material e recursos – 139
- formação moral e espiritual para todos – 140
- estruturas de atendimento e orientação – 141
- a disciplina na tradição marista – 142, 143

Empregamos os nossos esforços para fazer de nossas instituições escolares centros de evangelização.

- síntese de nossa missão evangelizadora – 144
- a educação religiosa, no centro de nosso currículo escolar – 145
- as aulas de educação religiosa e atividades que extrapolam a sala de aula – 146
- atenção ao clima religioso da escola – 147
- aprofundamento da formação espiritual – 148
- os movimentos apostólicos maristas – 149
- inserção da pastoral colegial na pastoral da Igreja local – 150
- estruturas de animação pastoral – 151
- educação para a solidariedade, o diálogo e a tolerância religiosa – 152
- centros de formação docente – 155
- presença no ensino superior – 156
- engajamento dos ex-alunos nas ações pastorais e sociais – 157

Transformando nossas instituições escolares

- evitar toda a forma de elitismo – 158
- adequação do currículo escolar para atender às realidades sociais – 159
- fundações a serviço das regiões empobrecidas - 160
- atendimento aos excluídos e/ou em “situação de risco” – 161, 162

Somos todos chamados a ser líderes.

- participação em programas de qualificação profissional e pastoral – 163
- formação dos diretores – 164
- participação nos organismos de Educação Católica – 165
- apelo à conversão para uma “humanidade nova” – 166

7. Em outras estruturas de educação

Vamos aos jovens

- crianças e jovens, centro de nossas preocupações – 167, 168, 169, 170
- autenticidade em nossas reações com os jovens – 171
- presença de apoio e animação junto aos jovens – 172
- centros de recreação e convívio social – 173, 174
- projetos de convivência e solidariedade para jovens de diferentes classes – 176
- circunstâncias e contexto de apostolado entre os jovens – 177, 178

Lá onde eles estão

- oportunidades de experiência de oração e de comunidade cristã para grupos de jovens – 179
- ações apostólicas adaptadas às características e circunstâncias de cada grupo – 180
- participação dos jovens nas pastorais colegiais – 181
- planos de formação continuada para jovens adultos – 183
- projetos de trabalho missionário e voluntário para jovens adultos – 184
- formação de líderes cristãos jovens – 185
- testemunho de vida, melhor serviço ao apostolado com os jovens – 186
- atualização, uma exigência que se impõe às lideranças de grupo – 187
- solidários com os companheiros de pastoral, partilhamos nossas experiências - 188
- vínculos com organismos de coordenação da pastoral juvenil – 189

Por meio de programas de educação informal

- função social e religiosa da educação não-formal - 190
- nossa participação em programas de desenvolvimento comunitário – 191, 192

- qualidades que se exigem para se atuar em ambientes novos – 193
- espírito de família, garantia de eficácia para o trabalho pastoral – 194

Por meio de programas sociais

- serviços que oferecemos aos jovens em “situação de risco” – 195,196
- estratégias educativas para integrar os que “vivem à margem” – 197,198, 199, 200
- assistência profissional para integrar os jovens desorientados ou em crise – 201
- atendimento espiritual aos jovens em crise – 202
- formação da consciência social dos jovens em crise – 203
- luta pela defesa dos direitos da infância e juventude – 204
- capacitação dos agentes de formação de jovens trabalhadores – 205
- experiência da Cruz e da Ressurreição no trabalho social – 206
- impactos que experimentamos no trabalho social – 207
- consciência das limitações pessoais no trabalho social – 208

Trabalhadores do Reino de Deus

- presença atenta e portadora de esperança para os desesperançados – 209
- chamados a ser ‘profetas’ para os *pequeninos e marginalizados* - 210

8. Olhamos para o futuro com audácia e esperança

- Com uma Missão dinâmica (8.1)
- Como Maria, nosso modelo (8.2)
- Firmes na Esperança (8.3)
- A Missão de Marcelino Champagnat continua por nosso intermédio (8.4)

BIBLIOGRAFIA

Livros e Documentos Maristas

- ARBUÉS, Ir. Benito. *Caminhar em paz, mas depressa*. Circulares dos Superiores Gerais, v. XXX. Roma, Casa Generalizia, 1997.
- Cadernos Maristas - Informações, estudos, documentos*. Roma, Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 1990-1994.
- CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas*. São Paulo, SIMAR, 1997.
- Chronologie de l'Institut des Frères Maristes des Écoles*. Rome, Maison Généralice, 1976.
- COSTE, J. & LESSARD, G. *Origines Maristes (1786 - 1836)*. Rome, 1961.
- FRÈRE AVIT (Henri Bolon). *Annales de l'Institut*. Roma, Città Nuova, 1993.
- FURET, Jean-Baptiste. *Avis, leçons, sentences et instructions de Vénérable Père Champagnat*. Paris/Lyon, Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1927.
- FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo, Loyola : SIMAR, 2000.
- Guia das Escolas (1853)* in SILVEIRA, Ir. Luiz. *O Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852-1853-1954*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas, 1994. p. 153-298.
- Guide des Écoles à l'usage des Petits Frères de Marie*. Paris, Société de Saint Jean l'Évangéliste, 1932.
- HOWARD, Ir. Charles. *A espiritualidade apostólica marista*. Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas, v. XXIX. Roma, Casa Generalícia, 1992.
- HOWARD, Ir. Charles. *O Movimento Champagnat da Família Marista*. Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas, v. XXIX. Roma, Casa Generalícia, 1991.
- HOWARD, Ir. Charles. *Um apelo urgente: Sollicitudo Rei Socialis*. Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos

- Maristas, v. XXIX. Roma, Casa Generalícia, 1990.
- Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. *Guia da Formação*. São Paulo, Loyola, 1993.
- Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. *Irmãos Solidários* - Documentos do XIX Capítulo Geral. Roma, Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 1993.
- Instituto dos Irmãos Maristas. *Constituições e Estatutos*. São Paulo, SIMAR, 1997.
- Lettres de Marcellin J. B. Champagnat (1789-1840) fondateur de l'Institut des Frères Maristes*. Rome, Casa Generalizia dei Fratelli Maristi, 1985.
- Règles des Petits Frères de Marie*. Lyon, F. Guyot, 1837.
- RUEDA, Ir. Basílio. *Circulaire sur l'esprit de l'Institut*. Curculaires des Superiers Généraux de l'Institut des Frères Maristes des Écoles, v. XXVI. Rome, Maison Généralice, 1975.

Documentos da Igreja

- A DIMENSÃO Religiosa da Educação na Escola Católica*. Sagrada Congregação para a Educação Católica. 1988.
- A ESCOLA Católica*. Sagrada Congregação para a Educação Católica. 1977.
- CARTA aos Superiores Gerais*. Sagrada Congregação para a Educação Católica. Outubro, 1996.
- CHRISTIFIDELES Laici*. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1988.
- DIÁLOGO e Anúncio*. Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso - Congregação para a Evangelização do Povos. São Paulo, Paulinas, 1991.
- DIÁLOGO e Missão*. Secretariado para os não cristãos. 1984.
- DOMINUM et Vivificantem*. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1986.
- ECCLESIA in Africa*. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1995.
- EVANGELII Nuntiandi*. Paulo VI. São Paulo, Paulinas, 1975.
- EVANGELIUM Vitae*. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1995.

EVANGELIZAÇÃO do presente e no futuro da América Latina - Conclusões da Conferência de Puebla. São Paulo, Paulinas, 1979.

FAMILIARES Consortio. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1981.

GAUDIUM et Spes. Concílio Vaticano II. São Paulo, Paulinas, 1966.

GRAVISSIMUM Educationis Momentum. Concílio Vaticano II.

IRMÃO nos Institutos Religiosos Leigos. Comissão dos Superiores Gerais dos Institutos Religiosos Laicais. São Paulo, Loyola, 1991.

LUMEN Gentium. Concílio Vaticano II. São Paulo, Paulinas. 1964.

MENSAGEM à Cúria Romana. João Paulo II. Boletim do Secretariado para os Não-cristãos, 1987.

MENSAGEM aos Jovens. João Paulo II. 1993.

NOSTRA Aetate. Concílio Vaticano II.

O LEIGO Católico, Testemunha da Fé na Escola. Sagrada Congregação para a Educação Católica. 1982.

REDEMPTORIS Missio. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1990.

SOLLICITUDO Rei Socialis. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1987.

TERTIO Millenio Adveniente. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1994.

UT Unum Sint. João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1995.

VITA Consecrata. João Paulo II. 1996.

Outros

DELORS, Jacques et alii. *Educação: um tesouro a descobrir*. (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI). São Paulo, Cortez; Brasília, MEC/ UNESCO, 1998.